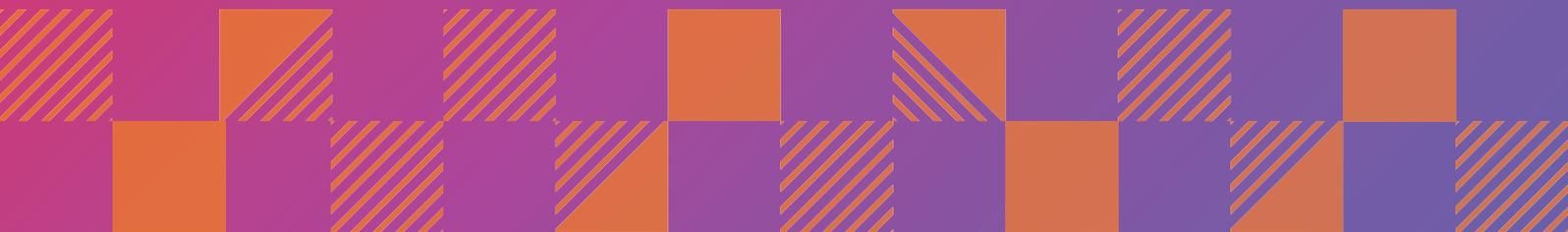


CONEXÃO PÓS

2º Encontro de Pesquisas dos Programas
de Pós-graduação da ECO/UFRJ

CADERNO DE RESUMOS

Agosto de 2019



ECO



UFRJ
faz **100**
A NOS
1920 | 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Conexão Pós 2019
2º Encontro de Pesquisas dos Programas de Pós-Graduação da ECO/UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH)

Escola de Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM-UFRJ)

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI-UFRJ)

Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC-UFRJ)

Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas (PPGMC-UFRJ)

Caderno de Resumos



2º Encontro de Pesquisas dos Programas
de Pós-graduação da ECO/UFRJ

Reitora

Denise Pires

Vice-reitor

Carlos Frederico Rocha

Pró-Reitora de Pós-graduação e Pesquisa

Denise Freire

Pró-reitora de Graduação

Gisele Pires

Pró-Reitor de Planejamento, Desenvolvimento e Finanças

Eduardo Raupp

Pró-reitora de Pessoal

Luzia Araújo

Pró-Reitora de Extensão

Ivana Bentes

Pró-reitor de Gestão e Governança

André Esteves

Decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH)

Marcelo Macedo Corrêa e Castro

Vice-decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH)

Vantuil Pereira

Diretora da Escola de Comunicação

Suzy Santos

Coordenadora de Pós-Graduação da Escola de Comunicação

Gabriela Lírio Gurgel Monteiro

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM/ECO-UFRJ)

Victa Carvalho

Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM/ECO-UFRJ)

João Freire Filho

Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (PPGCOM/ECO-UFRJ)

Jorgina da Silva Costa

Laura Lages

Thiago Couto

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC-UFRJ)

Elizabeth Motta Jacob

Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC-UFRJ)

Gilson Motta

Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC-UFRJ)

Marlene Cardoso Bonfim

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI-UFRJ)

Gustavo Saldanha

Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI-UFRJ)

Paulo César Castro

Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI-UFRJ)

Janete Dezidério

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas (PPGMC-UFRJ)

Kátia Augusta Maciel

Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas (PPGMC-UFRJ)

Octavio Carvalho Aragão Júnior

Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas (PPGMC-UFRJ)

Joice Pinto de Andrade

Representantes Discentes dos PPGs da ECO: PPGCOM

Andrey Rodrigues Chagas

Fátima Tomaz

PPGCI – Doutorado

Josir Gomes (titular)

Camila Costa (suplente)

Patrícia Santos (apoio)

PPGCI – Mestrado

Mayara Fonseca (titular)

Victor Rosa (suplente)

Gabriel Teixeira (apoio)

Direção Administrativa

Andrea de Fatima Moreira de Moraes

Administradores

Adriano Carlos Costa
João Carlos Rosa Lima
Marcos Antonio da Silva Roma
Paulo Cesar dos Santos Marinho

Gabinete da Direção da ECO

Flavia Martinez Ferreira Cherullo
Rosangela Alves Marino do Nascimento

Diretoria Adjunta de Extensão

Alessandra Vannucci
Rodrigo Lessa

Coordenação de Rede de Informática

Adilson Adriano

**Direção Artística - Montagem de Luz e Apoio
Técnico Sistema Universitário de Apoio Teatral
(SUAT)**

José Henrique Moreira

Programação Visual

Valdirene Martos da Silva

Núcleo de Imprensa

Cecília Castro (coordenação executiva)
Mercia Roseli

Central de Produção Multimídia (CPM)

Mauro Reis - Coordenador Geral
Sérgio Muniz - Coordenador Executivo / Rádio
André Bonadio - Coordenação
Marianna Lessa - Coordenação
José Riccardo Bonavita - Coordenação

Caderno de Resumos - Editoração

Gabriela Lírio
Paulo César Castro
Júlia Paes Leme

Projeto Gráfico e Editoração eletrônica

Valdirene Martos da Silva

Comissão Organizadora

Equipe Coordenação

Gabriela Lírio Gurgel Monteiro
Paulo César Castro

Equipe Discente

Andrey Rodrigues Chagas (PPGCOM)
Arlete Nery (PPGCI)
Fernanda Valle (PPGCI)
Gabriel Antunes Morais (PPGAC)
Ian Calvet (PPGAC)
Julia Paes Leme Nogueira (PPGCOM)
Leonardo Couto da Silva (PPGCOM)
Maria Del Vecchio Bogado (PPGCOM)
Naiara Chaves Azevedo (PPGCOM)
Patrick Ribeiro (PPGCI)

Apoio - Programa de Educação Tutorial (PET)

Ana Clara Cerqueira
Anna Beatriz Lima
Beatriz Custódio
Carolina Nalin
Emanuelle Bordalo
Henry Fragel
Leticia Caroline
Leticia Nery
Manuella Caputo
Mariana Barbalho
Mariana Paz
Moniqui Frazão
Tutor: Prof. Paulo César Castro

Sumário

Programas de Pós-Graduação da ECO — 14

Apresentação — 15

GT1 – Narrativas visuais, transmídia, realidade virtual

Sessão A

Desbravando o Rio - Museus: um guia para curiosos de todas as idades — 17

Narrativas não ficcionais em formato transmídia: flertes, interseções e estranhamentos — 18

Virtualidade e violência: o fenômeno dos linchamentos através da realidade virtual — 18

Dos folhetinistas aos *influencers*: a longa tradição transmídia do mercado editorial — 19

#NaoTemPedigree: expansão do universo narrativo transmídia a partir de um curta-metragem — 19

O Funk 150bpm: uma experiência imersiva na nova febre musical das favelas cariocas — 20

Sessão B

O que resta do pensamento do cinema? A deambulação no surgimento da imagem-tempo e no cinema contemporâneo — 21

Contos de Terreiro: uma *webcomic* sobre as experiências, os aprendizados e os saberes da umbanda — 22

Rio Recrio: o Rio antigo e o novo – retratos da cidade em crônicas no Instagram — 23

HQuebradas, As Sarauzeiras Oníricas: cartografia poético-visual da exclusão social — 23

Encaracolando as ideias: um webdocumentário interativo que retrata o processo de construção identitária e autoestima de mulheres negras a partir da relação com seus cabelos — 23

Das páginas impressas para as telas: o processo de adaptação de livros ilustrados em cinema de animação — 24

A criação transmídia no contexto cultural brasileiro — 25

GT2 – Tecnologia, midiativismo, democracia

Sessão A

Os fazeres do jornalismo de dados: como as práticas jornalísticas aliadas à tecnologia podem trazer mais diversidade de narrativas — 27

Algoritmos, máquinas e linhas no capitalismo cyberfossil — 27

Lei Rouanet, análise midiática sobre a lei de incentivo à cultura: como as *fake news* desmoralizaram a produção cultural no Brasil e a lógica do incentivo — 28

Assata Shakur usaria as redes sociais? — 28

As imagens Gore: narrativas alternativas e memética na política — 29

Sessão B

Epístolas políticas: cartas para Lula em tempos digitais — 30

Memória do livro no Brasil: as estratégias da Editora Brasiliense para a formação de um novo público leitor jovem nas décadas de 1970-1980 — 30

O movimento das rádios comunitárias e a construção contra-hegemônica: uma disputa no campo da sociedade civil, da cultura e do Estado — 31

A prisão política do ex-presidente Lula e a narrativa da mídia hegemônica no Brasil — 32

A história se “repete” com o auxílio da imprensa? A estratégia de *O Globo* em busca de consensos para os golpes de 1964 e de 2016 — 32

GT3 – Performance, cidade, políticas públicas

Sessão A

Desilha_Derivas acadêmicas em curso de pós-graduação em artes na cidade do Rio de Janeiro — 35

Cartografar o carnaval de rua carioca: territorialidades da festa, mediações da folia, vocação do prazer, controvérsias e ativismos da alegria — 35

Etnografia de luz: um relato sobre fotografia e cidade — 36

Redes: estratégias de ações em tempos de crise — 37

Habitar a cidade do banal: uma poética da deriva a partir dos percursos de Oiticica e Florêncio — 37

Sessão B

Mapa interativo histórico da EBC — 38

Anônimo como subjetivação: reflexões sobre política e estética a partir dos engraxates de La Paz — 39

Políticas públicas de comunicação e cultura: novos diálogos ou antigos silêncios? Um estudo comparativo entre o Conselho Nacional de Política Cultural e o Conselho de Comunicação Social (2003-2014) — 39

Coletivos da Direção Teatral da UFRJ: estratégias de produção e circulação — 40

Por que esta erva é proibida? Um diálogo sobre a legalização e descriminalização do uso da maconha no samba de Bezerra da Silva e no rap de Marcelo D2 — 41

GT4 – Documentários, memória, autoficção

Sessão A

Por uma arqueologia da contracultura no Brasil: missão, peripécias e triste fim do Teatro Novo (Rio de Janeiro, 1968) — 43

Jazz history through composition, performance & recording — 43

Em memória daquele cinema — 43

Ocupação da Reitoria da UFRJ: cinema, memória política e criatividade — 44

O registro da cena: a palavra e a visualidade como escritas dramatúrgicas e suas inscrições na memória — 44

Sessão B

Filmar o texto: vestígios da memória e palavra viva em narrações da obra de Guimarães Rosa — 45

Reverberações políticas na obra de Christiane Jatahy — 46

A subtração como procedimento performativo — 46

“Homem (In)Visível” (uma autoficção): construindo narrativas audiovisuais a partir dos limites entre vida e criação artística — 47

Experiências teatrais e performativas autoficcionais: potências estéticas e políticas do falar de si na cena contemporânea — 48

Contemporaneidade e teatro para crianças: processo de criação de texto performativo e a prática do dramaturgista — 48

GT5 – Redes de informação, ciência, gestão do conhecimento

Sessão A

Ciência aberta e inovação cidadã — 50

Políticas editoriais e a função social dos direitos autorais na comunicação científica — 50

A episteme comunicacional como práxis na obra de Muniz Sodré: um estudo sobre ética e epistemologia na ciência do comum — 51

Elaboração de um manual de boas práticas em *Ux Writing*: um estudo sobre o consumo de textos em interfaces móveis — 51

Affordances em redes sociais e fluxos informacionais: diálogos da Ciência da Informação e da Teoria das Materialidades — 52

Mapeamento de usos e usuários da informação no Arquivo Nacional — 52

O comum e o conhecimento — 53

Sessão B

Estado na era das “bolhas”: o Laboratório Hacker da Câmara dos Deputados como experimento de participação cidadã digital no regime global emergente de informação — 54

Novas configurações de verdades e a reinvenção dos afetos: estudo das desavenças entre membros de grupos de famílias do WhatsApp nas eleições de 2018 — 54

Avaliação de ativos intangíveis e valor em cultura — 55

Entre a ciência e a cura: estudo de caso do movimento antivacina febre amarela no Youtube — 56

Financiamento de campanha política da bancada evangélica: uma abordagem metodológica no âmbito da Ciência da Informação — 57

O novo ecossistema da música e a sustentabilidade de músicos profissionais independentes na era digital — 58

Meu primeiro celular: iniciativas para desenvolver a competência crítica (infantil) em informação — 58

GT6 – Audiovisual, mídia e educação

Sessão A

A (des)construção audiovisual da realidade: uma metodologia para leitura crítica de programas e noticiários televisivos — 61

Ai, ai, ai: a relação entre as trilhas sonoras nacionais de telenovelas dos anos 2000 e os top hits radiofônicos — 61

Da necroestética ao novo “viral”: uma análise das imagens em movimento sobre HIV/AIDS — 62

A Bíblia, o microfone e o filme: iconoclastia e a produção de imagens pelo Centro AudioVisual Evangélico – CAVE (1950-1970) — 62

Jornalismo, memória e testemunho em novas leituras do século XXI — 63

Representações, discursos e (in)visibilidades da negritude no telejornalismo brasileiro: quando o negro e as relações étnico-raciais são notícias na TV? — 63

Panorama da presença religiosa nos canais do rádio FM carioca — 64

Sessão B

Treinamento em simulação para direção e cortes em transmissões ao vivo de eventos de grande porte — 65

Divulgação científica em audiovisual: documentários e vlogs de ciência — 65

De Stanislavski a Fátima Toledo: a influência da tradição clássica na preparação de elenco do audiovisual brasileiro — 66

Cinema Guarani no Brasil: as micropolíticas da memória e as estéticas da resistência — 67

Canal de marca no Youtube: um uso do vídeo online como ferramenta de marketing de conteúdo — 68

A experimentação indígena no audiovisual brasileiro — 68

Sessão C

Competência crítica em informação e inteligência artificial: primeiras aproximações — 69

Pensando a criança espectadora: um panorama dos estudos de recepção televisiva infantil — 70

ECOar conhecimento: um manual para divulgação científica na ECO/UFRJ — 71

Distopia *made in Brazil* no imaginário contemporâneo: uma análise da série televisiva 3% – Três por Cento — 71

Serious Games e depressão: análise de sentimentos — 72

Escolas sob fogo cruzado: o webdocumentário interativo como ferramenta de empoderamento social — 73

GT7 – Imagem, dispositivo, literatura e fronteiras da arte

Sessão A

Romanos, patrícios, concidadãos: visões sobre a opinião pública, de Shakespeare a Patrick Champagne — 75

As tecnologias gráficas na história das capas de livro no Brasil (1820-2019) — 75

“Auto de resistência”: violações de direitos humanos, registros policiais e documentos de arquivo no Brasil pós-1988 — 76

O que é sick-lit: uma discussão sobre a emersão dessa categoria na cultura contemporânea — 77

Bonecas desejadas: entre o fetiche, o sagrado e o abjeto — 77

Telas verticais: por uma produção audiovisual pensada para smartphones — 78

Cartografia: linhas de erro e escrita situada — 78

Sessão B

Estudo comparado das relações entre palavra e imagem nas Suítes de Poesia Visual de Brossa e na poesia visual e experimental brasileira — 79

A figura do barco na poesia de Cristina Peri Rossi e Alejandra Pizarnik: imagens subjetivas e narrativas errantes — 79

Vídeo, autoimagem e esquizofrenia: produção de si como resistência — 80

Três narrativas mínimas de Brígida Baltar — 80

O discreto fundo do oceano em um piscar de olhos: um relance fantástico em uma imagem de cemitério de Jeff Wall — 81

Valorizando a memória de pintoras esquecidas na História da Arte — 82

Análise dos processos dramaturgicos: similaridades e singularidades na escrita teatral e cinematográfica de Macunaíma — 82

Sessão C

Da solidez dos afetos inconclusos: a cidade de Wong Kar Wai — 83

Monóculo fotográfico e o espiar da imagem — 84

Tempo e “jornalismo de sensações”: narrativas que (co)movem — 84

O imaginário do cinema de Sofia Coppola: cruzamento de artes em “As virgens suicidas” e “Maria Antonieta” — 85

A imagem como arma no trabalho de Rabih Mroué — 86

Imagem-corpo-verdade: um estudo sobre a fotografia feminina do povo Maxakali — 86

O cineasta branco e a cena decolonial — 87

GT8 – Corpo, tecnociência e estratégias de visibilidade

Sessão A

A criação da liberdade: uma investigação sobre a prática de yoga e o trabalho do ator-performer — 89

Há sujeito por vir? Biohacking, transumanismo e o fim do sofrimento (humano) — 89

Migrantes em cena: testemunho e fama na sociedade midiaticizada — 90

Atores pós-orgânicos: a luta pela sobrevivência na era dos automatismos digitais — 91

Modos de ser e ver no contemporâneo: visibilidade, eficácia e a relação indivíduo-outro no Instagram — 91

GT9 – Pós-verdade, cena e performatividade

Sessão A

O Barroco enquanto aspecto do grotesco e do trágico — 94

O contrário de si: máscaras, rua e colonialismo — 94

m0n5+r_S: fotografia/montagem — 95

Daneil Herz e os atores de Laura: a desconstrução do encenador no teatro da contemporaneidade e a criação do texto a partir da cena — 95

GT 10 – Políticas de gênero, raça, estratégias de resistência

Sessão A

Expressões de ódio em tempos de redes sociais: um estudo dos discursos sobre mulheres políticas — 98

Organização do conhecimento e recuperação da informação no Portal da Câmara dos Deputados do Brasil: reflexões sobre direitos da mulher e informações legislativas — 98

Feminicídio no discurso midiático: visibilidades, apagamentos e novos significados — 99

Apropriação cultural e mercantilização da resistência: da experiência da opressão à empatia midiaticizada — 100

A beleza convulsiva do manequim: o corpo inorgânico da moda no Surrealismo — 101

Sessão B

A criação de personagens negros: análise de grupos de teatro e cinema negros nas cidades de Belém/PA e Rio de Janeiro/RJ — 101

Bicha preta amazônica: o que nos conta? — 102

Revide negro: produtos culturais de comunidades negras no Maranhão e suas implicações às diásporas — 102

Vem teçamos a nossa liberdade: o experimento teatral enquanto forma de organização e luta contra-hegemônica — 103

Movimentos sociais e contextos artísticos: o caso da Aldeia Maracanã — 104

Antígonas na Maré: a dramaturgia teatral como criação de entre lugares — 104

Comunicação, cultura e poder: os processos contra hegemônicos em Lima Barreto — 105

GT 11 – Tecnopolítica, vigilância, subjetividade

Sessão A

“Devemos implodir o que resta de seus castelos”: o Movimento Brasil Livre e a mobilização política de emoções — 107

Competência Crítica em Informação como resistência: diagnósticos e caminhos ante a distopias informacionais da

sociedade da desinformação — 108

A fabricação midiática de monstros morais para a restituição do poder conservador no Brasil — 108

A indústria da influência algorítmica: estratégias de gestão da atenção e persuasão do comportamento — 109

Algoritmos e cultura na sociedade digital: sob a lógica dos novos *gatekeepers* — 109

Sessão B

Genealogia da luz: as dimensões políticas da luz — 110

Nem viver para trabalhar, nem trabalhar para viver: a felicidade nas organizações cooperativas, um estudo comparado entre o Brasil e a Costa Rica — 111

Imagens sérias: corpo, visão e percepção na obra de Harun Farocki — 111

Vigilância e repressão sobre a imprensa comunista em tempos de autoritarismo: o caso das gráficas clandestinas do PCB — 112

Trabalhos Artísticos

Nos Jardins do Museu Imperial — 114

microcontos — 114

Riobaldo e Diadorim — 115

Corações em Festa — 115

Reforma — 115

Esse algo que acontece — 116

Caminhoneira — 116

m0n5+r_S — 117

Trago a pessoa amada em 3 vias — 117

HQuebradas - Infancity — 118

Programas de Pós-Graduação da ECO

PPGCOM

O Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro é o segundo programa mais antigo de pós-graduação da área de comunicação no Brasil. O Mestrado foi criado em 1973 e dez anos depois, foi criado o Doutorado, seguindo a mesma proposta. Tomando a comunicação e suas tecnologias como centrais para a reflexão acerca da cultura, da política, da estética, do sujeito e da linguagem, o curso foi implementado com forte caráter interdisciplinar, estabelecendo intensos diálogos com a filosofia, a psicanálise, a semiologia, a antropologia, a história e a literatura. Tendo como área de concentração “Comunicação e Cultura”, o pressuposto básico do Programa é o de que o campo da comunicação se impõe nas sociedades modernas e contemporâneas como força estruturante de novas formas de socialização, de subjetivação e de produção estética, vetorizadas pelo mercado e por tecnologias avançadas de informação, com amplas consequências para o campo humanístico. Duas linhas de Pesquisa acolhem as investigações de docentes e discentes do PPGCOM: Mídia e Mediações e Tecnologias da Comunicação e Estéticas.

PPGCI

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) oferece cursos de Mestrado e de Doutorado em Ciência da Informação e é desenvolvido em associação entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e a Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O Programa tem origem no Curso de Documentação Científica – CDC, criado pelo IBICT em 1955, em nível de especialização, que foi oferecido por cerca de 35 anos ininterruptamente. Em 1970, o IBICT deu início ao curso de mestrado em Ciência da Informação, pioneiro na introdução desse campo do conhecimento no Brasil e na América Latina. O Doutorado em Ciência da Informação foi iniciado em 1994. As pesquisas e disciplinas do PPGCI estruturam-se na área de concentração “Informação e mediações sociais e tecnológicas para o conhecimento”, organizada em duas Linhas de Pesquisa: “Comunicação, organização e gestão da informação e do conhecimento” e “Configurações socioculturais, políticas e econômicas da informação”.

PPGAC

O Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC) surge do interesse de docentes do Curso da Escola de Comunicação em integrar seus saberes, de modo a interagir e dialogar com as áreas das Artes e da Comunicação, amplamente interligadas na produção do pensamento acadêmico contemporâneo. Os pesquisadores do Programa utilizam como ponto de partida a ideia de “cena expandida” e a articulação entre diversas experiências teórico-práticas, pretendem investigar os cruzamentos e intersecções entre as artes hoje. O Programa pretende atender a demanda vigente dos novos modos de reflexão e investigação da cena contemporânea, a partir do entendimento de contextos históricos, culturais e políticos diversos.

PPGMC

O Programa de Pós-Graduação em Mídias Criativas é o Mestrado Profissional da ECO. O programa resulta da cooperação entre docentes da Escola de Comunicação da UFRJ e responde à grande demanda social por um curso de Pós-Graduação stricto sensu com viés empírico-pragmático. O programa oferece a possibilidade de unir produtivamente a teoria e a prática. Para tal, o desenvolvimento das pesquisas e trabalhos do PPGMC contempla objetos que transitem nas intersecções de diferentes tecnologias utilizadas nos processos de comunicação, assim como as linguagens por elas engendradas, privilegiando a criação e produção de conteúdos textuais, visuais, sonoros e audiovisuais nas suas mais variadas formas.

Apresentação

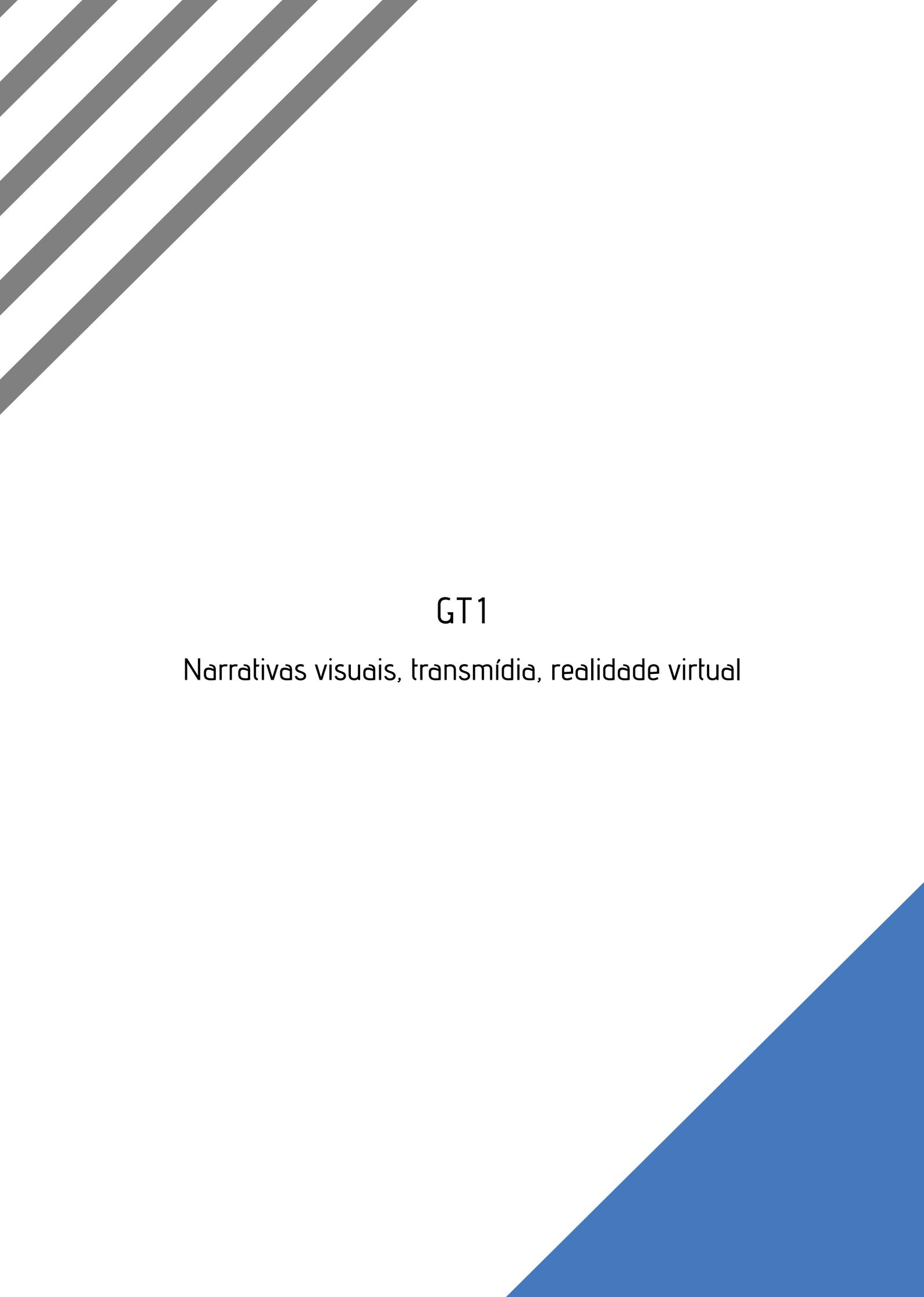
É com alegria que realizamos o 2º Conexão Pós, evento que reúne as pesquisas docentes e discentes dos quatro programas de pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro: Comunicação e Cultura (PPGCOM), Artes da Cena (PPGAC), Ciência da Informação (PPGCI) e Mídias Criativas (PPGMC). Em um momento difícil para a educação no país, em que as universidades federais são duramente atingidas com o contingenciamento de verbas, por meio de uma política que visa a desqualificar a excelência da produção acadêmica e colocar em risco seu funcionamento, reiteramos nosso compromisso com a universidade pública e gratuita, a qual nos orgulhamos de pertencer.

Em mais de 50 anos de existência, a Escola de Comunicação ampliou significativamente, na última década, o número de discentes ao criar 2 novos programas de pós-graduação (PPGAC e PPGMC), o que reflete a dedicação e a competência de seu corpo docente na formação de inúmeros alunos. A vocação interdisciplinar, existente desde a criação da ECO, é fruto do diálogo entre diversas áreas e saberes, constituindo a riqueza e a diversidade inerentes às pesquisas desenvolvidas e apresentadas nesse Caderno de Resumos.

Em sua segunda edição, o Conexão Pós pretende aprofundar o diálogo existente em nossa Escola. Para isso, foram criados 11 Grupos de Trabalho que reúnem docentes e discentes dos quatro programas de pós-graduação, a partir da interlocução entre temáticas que tangenciam a produção acadêmica e artística de seus participantes. Ao todo são 11 trabalhos artísticos, entre performance, vídeo, instalação, exposição de fotografias e teatro. Nessa edição, privilegiamos a articulação entre a produção artística, apresentada ao longo do evento, e a apresentação oral dos participantes nos GTs, de modo a agregar à programação atividades oferecidas também a alunos de graduação, técnico-administrativos da ECO, de outras unidades da UFRJ e de demais instituições.

A Escola de Comunicação terá todas as suas salas, corredores, laguinho e demais espaços ocupados por uma comunidade acadêmica que, em meio à adversidade, continua a sonhar, criar, produzir, escrever, refletir, atuar, dar e assistir a aulas, administrar, trocar, dialogar, resistir. Estamos ainda mais conectados, não apenas por nossas pesquisas, mas pelo afeto e compromisso com a educação pública de qualidade, o que torna a ECO um dos centros de ensino de excelência desse país. Investimos na integração do conhecimento, na diversidade de saberes, na multiplicidade de nossos campos de atuação dentro e fora da Universidade, em um diálogo permanente com a sociedade brasileira.

Os organizadores



GT1

Narrativas visuais, transmídia, realidade virtual

Sessão A

Desbravando o Rio - Museus: um guia para curiosos de todas as idades

Andrea Couri Vieira Marques (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Rogério Medeiros

Como criar um guia digital sobre os principais museus e centros culturais do Rio de Janeiro que dialogue diretamente com o público infanto-juvenil? Com essa finalidade é proposta a criação de uma plataforma digital interativa e lúdica, na forma de um aplicativo para celulares e tablets, na qual é possível transportar os conteúdos do universo dos museus e centros culturais cariocas para o plano de interesses do público infanto-juvenil. O objetivo geral é o de apresentar, de forma inédita, os principais museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro, ao público infanto-juvenil, criando um projeto editorial digital com enfoque lúdico, contribuindo para a valorização histórico-cultural da cidade e, conseqüentemente, estimulando a exploração desses espaços pelas crianças, jovens e seus familiares. Para isso, será necessário utilizar de forma eficiente os recursos tecnológicos e as linguagens próprias às plataformas digitais, visando, principalmente, falar no mesmo dialeto que os interlocutores infanto-juvenis e, desse modo, promover a interação e o envolvimento deles com os temas. Também será de extrema importância pesquisar, mapear e produzir material com bastante apelo visual: fotos, vídeos e ilustrações, além de pequenos textos, com o intuito de dialogar diretamente com esse público alvo. Será parte importante do projeto dar ouvidos e voz aos interesses próprios do público em questão, de forma que o conteúdo apresentado possa gerar identificação com o seu universo e promover a apresentação dos museus sob um novo ponto de vista, o da criança e o do jovem. O guia visa despertar tanto o interesse do público morador da cidade, quanto o do turista. A ideia é disponibilizá-lo para uso público e gratuito, para que possa vir a ser utilizado pelo público em geral, incluindo instituições de ensino e de cultura.

Aplicabilidade das linguagens imersivas na indústria da música atual para engajar artistas e suas audiências

Eduardo Martino (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Afonso Figueiredo

As linguagens imersivas, como VR e AR, gozam de um novo ciclo de popularidade. Câmeras e *headsets* tornam-se progressivamente mais acessíveis, consolidando narrativas inovadoras. Diferente do que ocorre na indústria de games, o emprego dessas linguagens na música ainda mostra-se tímido, apesar de projetos significativos realizados por grandes nomes como *Gorillaz*, *U2*, *Madonna* e *Childish Gambino*. Tradicionalmente afeito a inovações tecnológicas, o mercado da música finalmente sai da profunda crise das últimas duas décadas, suscitando a indagação: terá chegado o momento para uma proliferação das linguagens imersivas neste mercado? Meu projeto busca esta resposta. Minha motivação pessoal advém de meu interesse por música, audiovisual e tecnologia. O ponto de partida é a identificação, via questionário enviado a uma grande base de músicos e profissionais da indústria, da familiaridade e interesse que os mesmos possam ter pelas referidas linguagens.

Concomitantemente, aprofundo meus conhecimentos na produção de narrativas imersivas, a fim de conceber uma experiência que seja implementável dentro de um cronograma a ser definido proximo e factível dentro das limitações orçamentárias do mestrado. No final do processo, uma experiência imersiva inovadora e alicerçada na pesquisa de mercado será lançada, representando uma nova e instigante ferramenta de comunicação entre músicos e seus públicos.

Narrativas não ficcionais em formato transmídia: flertes, interseções e estranhamentos

Felipe Varanda Barbosa (PPGMC)
Orientador: Prof. Dr. André Paz

O presente projeto se estrutura a partir de uma análise comparativa entre documentários, produzidos na última década, considerados “transmídia” por transcenderem o formato do documentário linear tradicional, gerando múltiplos produtos narrativos e/ou interativos que se tornam acessíveis por meio de mídias ou plataformas diferentes/complementares, mas que juntos configuram um universo narrativo sobre um tema em comum. São projetos que contam, em geral, com um documentário em formato convencional, uma plataforma na internet, oferecendo uma experiência de narrativa interativa, aproveitando ou não o mesmo conteúdo audiovisual, mas necessariamente oferecendo outras possibilidades de percurso narrativo e informações relacionadas em outras mídias, e eventualmente também um aplicativo para dispositivo móvel ou um canal de interação em redes sociais. Outras plataformas podem ser exploradas, como livro, programa de TV, *podcast*, performance, instalação etc. Serão selecionados ao menos três casos de projetos que tenham partido de proposições originais de empresas jornalísticas, produtoras de cinema, projetos de pesquisa acadêmica ou organizações não governamentais. A pesquisa se interessa tanto pelas questões intrínsecas às obras, como por suas propostas narrativas e estéticas, como por seus modelos de produção, segmentos industriais, comerciais ou institucionais de origem, e as parcerias que se fazem presentes ao longo do desenvolvimento.

Virtualidade e violência: o fenômeno dos linchamentos através da realidade virtual

Gustavo Veiga (PPGMC)
Orientadora: Profª Drª Aída Marques

A realidade virtual é uma tecnologia de interface entre um usuário e um sistema operacional e ocorre em um ambiente digital imersivo que incorpora processos sensoriais, visuais e auditivos, e, em alguns casos mais avançados, respostas a estímulos táteis. Há mais de 60 anos, é um vasto campo de estudo que congrega diversas áreas da ciência, tecnologia e comunicação. Diversos autores apontam o conceito de empatia como fator chave em realidade virtual. Esse conceito da psicologia envolve componentes afetivos, cognitivos e reguladores de emoção. O famoso crítico de cinema Roger Ebert clamava, ainda nos anos 1970, que o cinema era o mais avançado sistema gerador de empatia, pois o espectador era capaz, dentro da sala escura, de sentir-se em outros lugares, viver outras vidas através do olhar do outro. Porém, o pesquisador de realidade virtual Chris Milk afirma categoricamente que esse posto já pertence à realidade virtual, como ele mesmo define, *the ultimate*

empathy machine. Isso ocorre, de acordo com Milk, pois a realidade virtual atinge níveis de interação, acesso, presença e sobretudo imersão, sem precedentes na história das mídias. A imersão, conceito chave para o estudo da realidade virtual, ocorre em diversos níveis: físico, espacial, cognitivo, intelectual e narrativo. Desse modo, o projeto “Virtualidade e violência: o fenômeno dos linchamentos através da realidade virtual” propõe um estudo sobre como a empatia é gerada nos ambientes virtuais e, assim, visa a criar uma experiência imersiva em realidade virtual, na qual o participante será vítima de uma cena de linchamento. O projeto busca entender os limites e fronteiras da realidade virtual para além do entretenimento. Como essa mídia consegue, através da sua capacidade de imersão e acesso, estabelecer conexões profundas com o experimentador. Essas conexões e percepções pavimentam um possível caminho de transformação social nunca antes imaginado por outras mídias. A extensa pesquisa de José de Souza Martins sobre linchamentos no Brasil serve de base sociológica para o projeto. Os dados coletados cobrem um período de quase 60 anos e revelam que o país é um dos que mais lincha no mundo, tendo uma tradição bastante difundida de justificação popular. Desse modo, o projeto pretende lançar luz sobre esse importante tema por um viés tecnológico e atual.

Dos folhetinistas aos *influencers*: a longa tradição transmídia do mercado editorial

João Pedro Dutra Maciel (PPGMC)
Orientador: Prof. Dr. Mário Feijó

O trabalho tem como objetivo examinar o caráter transmidiático do mercado editorial, no que concerne à produção de livros, sobretudo os de maior sucesso com o público, considerados best-sellers por sua alta vendagem. A hipótese levantada é a de que as editoras pautam suas produções de modo a absorver objetos da indústria cultural que obtiveram êxito comercial originalmente em outras mídias, com a finalidade de capitalizar a partir de produtos cuja audiência já está consolidada. Como resultado, espera-se averiguar de que forma isso consiste em uma longa tradição editorial, desde os primórdios da impressão no Brasil, na época dos folhetins oriundos dos jornais, até os dias atuais, na era da internet e da cibercultura, dominada por autobiografias de influenciadores digitais e celebridades virtuais. Ademais, tendo em vista as dificuldades da produção editorial no Brasil, pretende-se demonstrar ainda como tal prática configura um modelo de negócio fundamental para a sobrevivência da indústria como um todo.

#NaoTemPedigree: expansão do universo narrativo transmídia a partir de um curta-metragem

Mauro Lucio dos Reis Correa (PPGMC)
Orientadora: Profª Drª Katia Augusta Maciel

O presente trabalho visa discutir a criação do universo narrativo transmidiático #NaoTemPedigree, a partir de dois documentários curtas-metragens (“Rivalidade #NaoTemPedigree” / “Nossa Torcida #NaoTemPedigree”) realizados durante o Mestrado Profissional com torcedoras de futebol de dois clubes rivais de Belo Horizonte: Atlético Mineiro e Cruzeiro. O universo #NaoTemPedigree terá como primeiro lançamento o curta-metragem “Rivalidade #NaoTemPedigree”. Essa decisão foi baseada em uma experiência pessoal, nos anos de 2013 e 2014,

com a realização do curta-metragem “Quando se sonha tão grande, a realidade aprende”, também sobre futebol, a partir de um lance específico de jogo do Clube Atlético Mineiro: uma defesa de pênalti no último minuto da partida. Todo esse processo foi feito sem um planejamento para uma narrativa transmidiática. Os produtos foram sendo criados por um “instinto de ação”. Já para a expansão do universo narrativo #NaoTemPedigree, um questionamento motiva todo o projeto: a realização de um longa-metragem com posterior exibição nas salas de cinema pode ser melhor potencializada por uma narrativa transmídia planejada anteriormente? Para tanto, faz-se necessária uma discussão teórico-prática sobre narrativas transmídias, bem como uma breve apreciação teórica acerca da representatividade da mulher no futebol e no cinema, cuja temática permeia todo o universo #NaoTemPedigree.

O Funk 150bpm: uma experiência imersiva na nova febre musical das favelas cariocas

Rogério Carneiro Leão Junior (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. André Paz

O funk carioca, ao longo das últimas décadas, vem se expandindo, criando, condensando e universalizando novas referências e linguagens. Porém, a cultura do funk sempre foi e continua sendo marginalizada, denotando estar à margem, ser periférico, distante do centro e do foco social, ou ainda, conotativamente, de estar atrelado ao que não pertence ao status quo, fora da ordem, associado à criminalidade, à violência e sendo embutida em um contexto carregado de preconceito e discriminação. A partir da experiência 360°, desejo imergir o usuário na atmosfera dos bailes funks fazendo-o interagir com o contexto cultural e social em que estas festas estão inseridas. A realização de um vídeo 360° cinemático será o suporte, uma janela de experimentação sensorial e ponte de contato com a dança, o comportamento e a música de uma nova geração de DJs e MCs que aceleraram as batidas por minuto (bpm) e estão reformatando o gênero. Esta experiência imersiva propõe contribuir para a difusão de conhecimento e celebrar interações com um novo ambiente que podem ajudar a demolir preconceitos culturais e reduzir abismos sociais. Utilizar o amplo conceito de realidade virtual para criar uma conexão mais profunda entre objeto e espectador, propiciando às pessoas a sensação de serem transportadas para um lugar onde, de outra forma, elas não poderiam estar, contribuindo assim para a expansão da experiência e a informação dentro de um contexto de entretenimento, diversidade e inclusão social.

 Sessão B

O que resta do pensamento do cinema? A deambulação no surgimento da imagem-tempo e no cinema contemporâneo

Eduardo Brandão Pinto (PPGCOM)
Orientador: Prof. Dr. André Parente

No início de “A Imagem-Tempo”, Deleuze identifica um personagem central e recorrente no surgimento do cinema moderno, sobretudo no neorrealismo italiano: os deambulantes, que caminham pela cidade, em jornadas errantes e frequentemente sem ponto de chegada. Atravessando filmes de Rossellini, De Sica e, mais tarde, Godard, Bresson, Robbe-Grillet e Resnais, esses personagens que andam à deriva traziam no corpo a marca da crise do sistema sensorio-motor, que definia a vida sensível no cinema da imagem-movimento. Neles, a capacidade de reação aos eventos narrativos é interrompida por uma condição de perpétuo choque, muito associada à devastação dos territórios europeus do pós-Guerra, levando a uma ruptura com a forma progressiva da narrativa ou da montagem. Ali, diz Deleuze, “algo se tornou forte demais na imagem” (2018b), como se de tudo o que pudesse ser visto emergisse um trauma capaz de neutralizar o fluxo regular e linear, restando apenas o caminhar errante e, às vezes, circular. Deleuze, assim, identifica um choque constitutivo da imagem, a impor uma claudicância em sua relação com o olhar. É essa dimensão traumática da imagem que autoriza Deleuze a formular a premissa de que ‘o cinema pensa’, fazendo desse pensamento do cinema o critério central para sua aproximação com os filmes e seu olhar sobre a história cinematográfica, empreendida nos livros Cinema 1 e 2. Mas no cinema contemporâneo, a partir dos anos 1980, a figura do deambulante retorna como uma categoria central de criação e ruptura narrativa e estética, porém sob outro estatuto. Saindo do centro Europeu, as jornadas de personagens que circulam pelo espaço chegam ao cinema árabe, com centralidade no Irã de Abbas Kiarostami e Jafar Panahi. Filmes como “Onde fica a casa do meu amigo”, “Vida e nada mais”, “Gosto de cereja” – de Kiarostami – e “Balão branco”, “O espelho”, “O círculo” – de Panahi – desenham um deslocamento no estatuto do deambulante: agora, há uma dobra na sua condição de socialmente excluído, de modo que a jornada será permanentemente interrompida ou frustrada por um distanciamento entre o personagem e o mundo. Com isso, a dimensão de choque da imagem perde centralidade, uma vez que a crise instauradora da deambulação advém de uma demanda da existência em produzir pequenos movimentos aberrantes e mínimos, condensados como resíduos dessa jornada circular. Mas se o choque deixou de se impor como forma prioritária pela qual se dá a relação entre olhar e imagem, somos levados a perguntar: no cinema contemporâneo, teria caducado a centralidade da premissa deleuzeana de que a imagem pensa, de modo que, então, estaríamos em via de inferirmos uma nova estratégia para mediar nossa relação com o filme? Na apresentação, pretendo analisar o estatuto do pensamento da imagem no cinema contemporâneo, a partir de uma comparação entre o deambulante dos filmes dos anos 50 e 60 e aqueles que emergem nos anos 80, observando a perda da centralidade da dimensão traumática da imagem.

Amanar: utilizando a realidade virtual na divulgação da etnoastronomia

Felipe Carrelli (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. André Fernandes da Paz

A consolidação da internet e o rápido avanço tecnológico possibilitaram que os documentários interativos, ou *I-Docs* (ASTON; GAUDENZI; ROSE, 2017) se estabelecessem como um novo campo de prática dentro da narrativa não-ficcional. Se antes os filmes estavam limitados a uma narrativa linear, agora um infinito de possibilidades narrativas pode ser atingido com o documentário interativo, transformando o espectador em um interator (PAZ, 2017). O termo *I-Doc* abrange qualquer trabalho que se relacione com o real, incluindo, entre outros, projetos de realidade virtual (VR) de não ficção. Nesse contexto, o presente trabalho propõe estudar como a realidade virtual pode ser utilizada para a divulgação de assuntos científicos (BROSSARD; LEWENSTEIN, 2010), em especial da etnoastronomia (MAGAÑA, 1986), ciência que estuda, por intermédio dos costumes de um povo, os seus conhecimentos astronômicos contados através da oralidade. Para isso, vamos realizar um documentário em realidade virtual sobre a cosmovisão dos refugiados do Saara Ocidental que vivem em campos próximos a Tindouf, no sudoeste da Argélia, desde 1975.

Contos de Terreiro: uma *webcomic* sobre as experiências, os aprendizados e os saberes da umbanda

Igor Dias (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Amaury Fernandes

A pesquisa propõe o desenvolvimento de uma série de web quadrinhos produzida a partir do processo de observações em terreiros de umbanda. A umbanda é uma religião que nasceu no Rio de Janeiro, no início do século XX, e possui, em sua base, o caráter sincrético com outras religiões africanas, europeias e indígenas. Sendo a umbanda uma religião tipicamente brasileira, parte-se da hipótese de que muitos dos saberes, hábitos e crenças, que foram construídos e nasceram dentro da cultura da religião, hoje permeiam o imaginário brasileiro. Com o intuito de realizar um estudo de uma religião que apresenta, em seus princípios, a troca de conhecimentos e o desenvolvimento através da prática e da oralidade, é proposta uma metodologia etnográfica, na qual o processo de observação é a chave para a compreensão de determinados aspectos e para a produção do produto final que são os web quadrinhos. Busca-se com essa metodologia alcançar e estabelecer uma compreensão da religião, não apenas do seu universo conceitual, mas também do visual e ritualístico, e a partir disso perceber como ela pode vir a influenciar a cultura e o imaginário externos a ela. Além disso, dentro do contexto da religião, pretende-se pesquisar como ela é vista especificamente dentro das histórias em quadrinhos, e o que vem sendo, atualmente, produzido nessa mídia. Durante esse trabalho, almeja-se o entendimento da umbanda não só como uma religião, mas também como parte integrante da cultura imaterial brasileira, sendo o produto final desenvolvido também como forma de preservação e manutenção dessa memória, alinhando-se, então, com um dos pensamentos centrais da religião ao afirmar que o fim só existe através do esquecimento.

Rio Recrio: o Rio antigo e o novo – retratos da cidade em crônicas no Instagram

Julio Jorge Trindade Duarte (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Rogério Bitarelli Medeiros

Na metade do século XIX e início do século XX, as radicais transformações urbanas que aconteceram, originadas com a Modernidade, em metrópoles como Paris, Londres e Rio de Janeiro, eram acompanhadas pelo olhar dos *flâneurs* e cronistas que vagavam pelas cidades registrando seus movimentos. Hoje, com o acesso cada vez mais fácil a *smartphones* e às redes sociais, o cidadão comum produz registros diários sobre seu entorno, formando uma cartografia visual de suas cidades, através de aplicativos como o Instagram. Este trabalho propõe a criação de um perfil no Instagram denominado “Rio Recrio” para averiguar relações que podem ser estabelecidas entre aqueles cronistas e os usuários da rede social, tendo como cenário as transformações urbanas do Rio de Janeiro, no período conhecido como *Belle Époque* e na contemporaneidade.

HQuebradas, As Sarauzeiras Oníricas: cartografia poético-visual da exclusão social

Thais Quintella de Linhares (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Mário Feijo Borges Monteiro

Dentro da grande rede de saraus, grafitaços feministas e bailes funk – na cultura periférica, os poetas são os que mais circulam e conectam os diferentes núcleos emergentes desta construção cultural na demanda por direitos sociais. Esse projeto estudará como este processo vem se consolidando e afetando o cenário urbano de garantia de direitos. Como produto será criado um álbum de biografias em quadrinhos a partir da cartografia das andanças de três poetisas: Lindacy Menezes (Lindinha), Yolanda Soares (Yoyo) e Maria Inês (Meri Onírica), as Sarauzeiras Oníricas. As narrativas de suas aventuras em tempo presente, entrecortadas com memórias de suas juventudes nas favelas e ruas, se confundem com a história de uma cidade que se urbanizou rápida e caoticamente desde a Ditadura Militar, passando para a transição democrática que até hoje não se consolidou.

Encaracolando as ideias: um webdocumentário interativo que retrata o processo de construção identitária e autoestima de mulheres negras a partir da relação com seus cabelos

Vanessa Mendonça Silva (PPGMC)

Orientadora: Profª Drª Cristina Rego Monteiro da Luz

O webdocumentário interativo “Encaracolando as ideias” abordará o processo de construção identitária da mulher negra a partir da relação com seu cabelo, pois as representações sociais feitas ao cabelo crespo afetam a autoimagem e a autoestima dessa mulher ao longo da vida. Serão coletados depoimentos em forma de conversa, gerando proximidade com o espectador/ interator. Além disso, a cada depoimento, o interator será imerso na

história contada para, por meio da interatividade e empatia, tentar entender como a perpetuação de atitudes discriminatórias que inferiorizam as características do corpo negro, especificamente o cabelo, reproduzem o racismo e afetam a relação que as mulheres negras têm com sua estética, sua identidade e sua consciência político-social. Para isso, como metodologia, serão entrevistadas mulheres negras que contarão suas relações com seus cabelos, experiências vividas ao longo da vida, episódios marcantes que afetaram seus processos de construção de identidade étnico-racial, como foi o processo de transição capilar para o cabelo natural (para aquelas que decidiram parar de utilizar químicas que modificam a estrutura dos fios). Serão entrevistadas também mulheres que ainda alisam e como é essa relação entre elas, seus cabelos e seus processos de construção identitária. Além disso, estão sendo apuradas, por meio de uma vasta bibliografia, informações histórico-culturais, que serão a base teórica para este trabalho e serão inseridas no filme, para permitir a compreensão do espectador/interator sobre o porquê da relação da mulher negra com o seu cabelo crespo ser mais do que estética, e representar um símbolo de resistência, uma ligação com a ancestralidade, um combate ativo ao racismo estrutural ainda tão presente na sociedade brasileira. A interatividade será utilizada para: gerar empatia e a percepção de que ao longo do tempo, o padrão de beleza europeizado promoveu um “embranquecimento” da população negra que afetou seus hábitos e comportamentos e fez com que mulheres negras tentassem se “encaixar” nesse padrão para serem aceitas e sofrerem menos as consequências do racismo; gerar identificação e acolhimento em outras mulheres negras que passam pelas mesmas situações; e gerar impacto e reflexão sobre como atitudes discriminatórias cotidianas, enraizadas na sociedade e perpetuadas no ambiente escolar, entre amigos e até em família, podem impactar negativamente a vida de mulheres negras.

Das páginas impressas para as telas: o processo de adaptação de livros ilustrados em cinema de animação

William Figueiredo Côgo (PPGMC)

Orientadora: Profª Drª Aída Marques

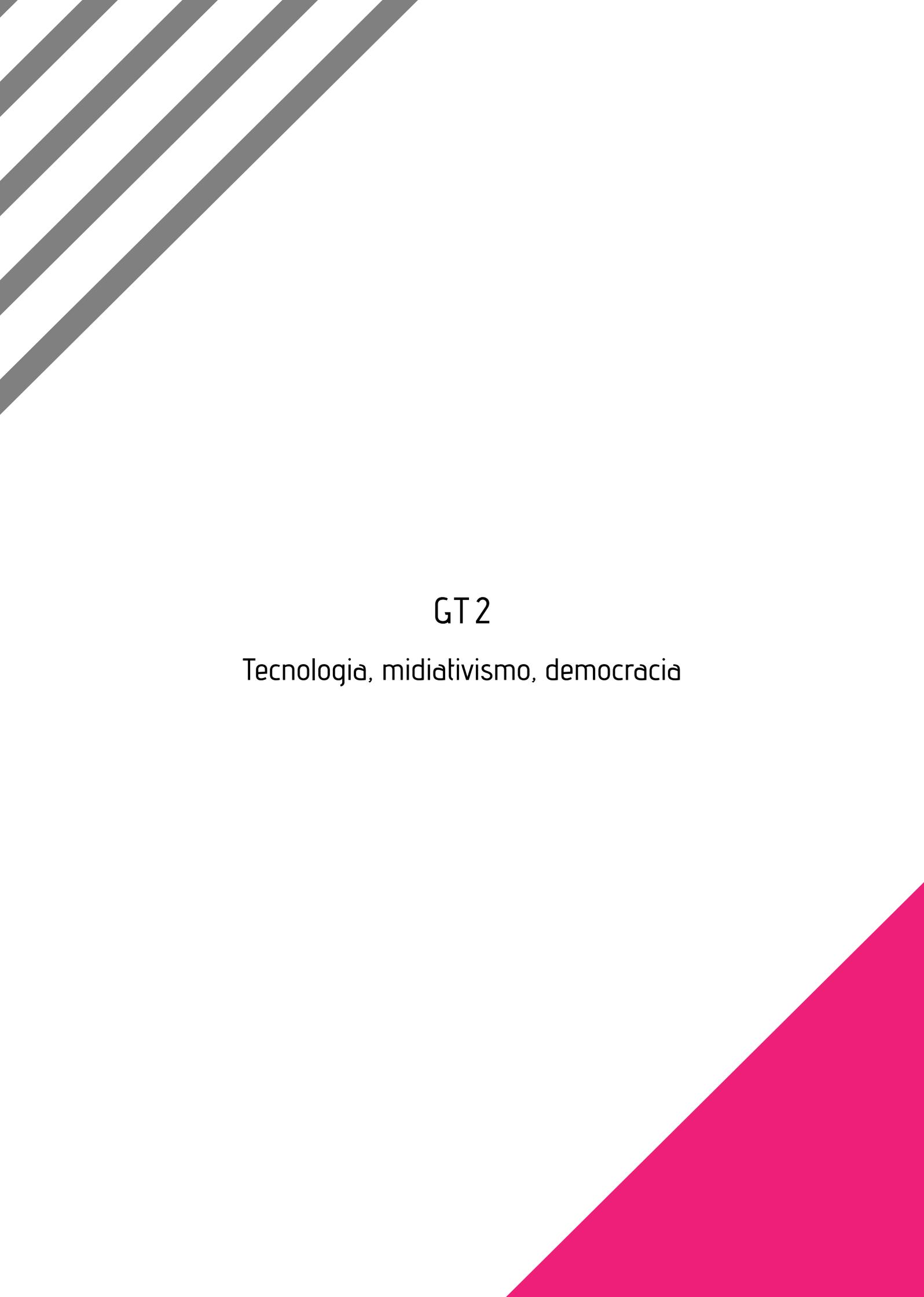
Em um passado não muito distante, mais precisamente entre as décadas de 60 e 70 do século passado, quando as plataformas audiovisuais e os recursos tecnológicos ainda eram bastante parcos e a era digital sequer havia começado, uma produtora americana chamada Weston Woods começou a produzir filmes de animação adaptados de livros ilustrados. Não qualquer livro, mas aqueles condecorados com a medalha Caldecott (concedida anualmente pela *Association for Library Service to Children* ao ilustrador do livro infanto-juvenil norte-americano com mais destaque publicado naquele ano). Morton Schindel, o fundador da Weston Woods, acreditava que a televisão era incapaz de oferecer conteúdo divertido e educativo ao mesmo tempo. Seu objetivo era estimular o desejo de leitura nas crianças através dos filmes. As primeiras experiências foram feitas basicamente movendo a câmera sobre as ilustrações para sugerir movimento. Completavam a produção, a narração e a música. Essas produções obtiveram boa circulação nas escolas e bibliotecas, mas a produtora foi além, posteriormente, produzindo animações de alta qualidade. O melhor exemplo é a adaptação de 1973 do clássico da literatura infantil “Onde Vivem os Monstros”, escrito e ilustrado por Maurice Sendak (1928 - 2012), adaptado também para *live-action* em 2010. O livro conta a história de Max, um menino que veste uma fantasia de lobo, faz malcriação para a mãe e, como castigo, é mandado para o quarto sem jantar. Então, sua imaginação faz o quarto virar uma floresta e de lá embarca em um veleiro até chegar à ilha “onde vivem os monstros”. Lá se torna rei, mas a saudade de casa faz com que Max retorne ao seu cotidiano real. Esta animação é o reflexo fiel do livro. O quadro a quadro reinterpreta, em cada fotograma, a textura a bico de pena com perfeição. Soma-se a isso a magistral narração de Peter Schickele, que também assina a trilha musical. Livros ilustrados, quando se desdobram em animação, quebram as barreiras entre mídias e migram para outras plataformas, aumentando seu

potencial como produto e trazendo inovação e novas possibilidades ao mercado e ao(s) autor(es). O objetivo desta pesquisa é identificar os processos de idealização e produção destes “livros animados”, e por fim, propor uma adaptação. Pretende-se responder diversas questões em relação a este gênero de animação, que difere do convencional em muitos aspectos. Ao descrever os procedimentos de adaptação, pretende-se estabelecer uma metodologia, bem como identificar tecnologias e técnicas adequadas às diferentes realidades de estilos de ilustração e narrativa. O livro a ser adaptado ao final do projeto é “A Formosa Princesa Magalona” e o “Amor Vencedor do Cavaleiro Pierre Provença” do premiado ilustrador e autor brasileiro Rui de Oliveira, vencedor do Prêmio Jabuti de ilustração por quatro vezes, tendo ilustrado mais de 100 livros e projetado mais de 400 capas. Em 2006, recebeu o prêmio de literatura infanto-juvenil da Academia Brasileira de Letras com o livro “Cartas Lunares”. Foi Diretor de Arte da TV Globo e da TV Educativa, atual TV-Brasil. Entre suas aberturas e vinhetas, destacam-se as criadas para a primeira versão da novela “Sítio do Pica-Pau Amarelo” de 1975 a 1980. Também possui uma premiada carreira como diretor de animação. Em sua filmografia, destacam-se: “Cristo Procurado”, “Amor Índio” e “A lenda do Dia e da Noite”.

A criação transmídia no contexto cultural brasileiro

Profª Drª Katia Augusta Maciel (PPGMC)

No cenário da comunicação contemporânea, em especial entre a população mais jovem, novas competências, tanto para produtores de conteúdo em mídias criativas como para consumidores, precisam ser desenvolvidas a cada nova articulação entre tecnologias e linguagens. A criação transmídia é um dos campos em que novas competências afloram, por ser um sistema que permite múltiplas conexões e interações narrativas e estéticas. Para debater esse campo do conhecimento, a comunicação analisa estratégias de transmidialidade em processos de criação audiovisual no contexto cultural brasileiro.



GT 2

Tecnología, mediativismo, democracia

Sessão A

Os fazeres do jornalismo de dados: como as práticas jornalísticas aliadas à tecnologia podem trazer mais diversidade de narrativas

Fernanda Costa Távora de Castro (PPGMC)
Orientadora: Profª Drª Cristina Rego Monteiro

A revolução digital trouxe desafios para a prática jornalística, assim como novas oportunidades e novas práticas. Em um tempo no qual o volume de informação é cada vez maior, o jornalismo de dados (*data-driven journalism*) vem como uma forma de utilizar esse grande fluxo, para contar novas histórias através do uso de técnicas jornalísticas e ferramentas como a programação, pesquisa, raspagem, análise e visualização de dados. A partir disso, essa pesquisa parte do seguinte questionamento: o jornalismo de dados é capaz de mudar o enquadramento noticioso através do uso de tecnologias de análise de dados? Essa pesquisa se propõe a investigar, através de um mapeamento e seleção de iniciativas de jornalismo de dados, como essa nova modalidade pode colaborar para a expansão do fazer jornalístico, assim como a necessidade de novas habilidades do jornalista para a construção de reportagens. A partir disso, o objetivo é apresentar uma plataforma que fale sobre essas novas práticas, processo de trabalho e novas metodologias. O trabalho parte da hipótese de que reportagens baseadas em dados têm uma tendência maior a apresentar novos enquadramentos noticiosos em questões já conhecidas, devido ao embasamento na análise de dados públicos que, devido ao grande volume de informação, são fontes difíceis de alcançarem o grande público. O resultado esperado do projeto é traçar um panorama sobre o jornalismo de dados no Brasil, suas metodologias, formas de sustentabilidade e criação de redes de troca de conhecimento e trabalho. E a produção de reflexão sobre como as metodologias do jornalismo de dados favorecem a diversidade no jornalismo, sistematização do trabalho com dados e o mapeamento das redes de contribuição do jornalismo de dados no Brasil.

Algoritmos, máquinas e linhas no capitalismo cyberfossil

Prof. Dr. Giuseppe Cocco (PPGCOM)

A inflexão algorítmica do capitalismo contemporâneo está se acelerando ao mesmo tempo que novas linhas de conflito abalam a governança neoliberal da globalização. A catedral computacional e os avanços da inteligência artificial organizam-se nas clivagens entre visível e o invisível (*Black Box*) e os algoritmos parecem ditar os ritmos das formas de vida nas grandes metrópoles. Os fluxos monetários se tornam algorítmicos (criptomoedas, *block chain*) e ao mesmo tempo a moeda aparece como algo vivo, corpóreo, a forma mais adequada de existência biopolítica da produção. A governança da globalização é atravessada pelo choque entre “globalistas” (o novo neoliberalismo) e neosoberanistas (a nova extrema direita). Da mesma maneira, o capitalismo cognitivo abre-se a uma alternativa cada vez mais radical entre “vetorialismo” e “sociedade Polén”. Contudo, o mais recente ciclo de lutas multitudinária (os Coletes Amarelos na França, mas também os caminhoneiros no Brasil) desenha uma linha de fuga, um horizonte aberto do Multitudoceno diante das ameaças do Antropoceno.

Lei Rouanet, análise midiática sobre a lei de incentivo à cultura: como as *fake news* desmoralizaram a produção cultural no Brasil e a lógica do incentivo

Priscila Seixas da Costa (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Marco Schneider

O projeto de doutorado, sob orientação de Marco Schneider, tem como objeto de pesquisa a análise midiática sobre a Lei Federal de Incentivo à Cultura, a Lei Rouanet, entre os anos de 2016 e 2018. O objetivo principal deste trabalho é contribuir com o debate a respeito do caráter político das *fake news* sobre a Lei Rouanet, sob a perspectiva da comunicação social. Trata-se de discutir o posicionamento político das matérias que circularam massivamente através do Facebook e WhatsApp, mas também da mídia tradicional, tendo em vista o aparente objetivo de desmonte das políticas públicas culturais oriundas do Ministério da Cultura e o contexto político-social que irá acarretar a diminuição dos recursos que viabilizavam a produção cultural no país. Especificamente, busca-se compreender o sentido político da narrativa midiática, considerando a temática da vida cotidiana brasileira no período. Estamos de fato tratando de notícias falsas ou manipuladas que visavam associar a classe artística ao governo petista por motivos de enriquecimento próprio, em uma construção pautada em conflitos políticos e contradições sociais? Para fins de alcance do objeto proposto, o principal referencial metodológico desta pesquisa é a Economia Política da Comunicação e da Cultura. A Lei Rouanet, enquanto notícia cultural-midiática, será um objeto de estudo, articulado com os elementos políticos e econômicos de seu contexto, associado à hipótese de que, no momento atual, os investimentos na área estão recuando, ao contrário do interesse de grandes corporações que direcionaram seus recursos incentivados para projetos de impacto social localizados na periferia.

Assata Shakur usaria as redes sociais?

Viviane Rodrigues Gomes (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Ivana Bentes

Em 2017, uma articulação dinamizada pela organização não-governamental “Criola” reuniu defensoras dos direitos das mulheres negras na internet e deu origem à “Rede de Ciberativistas Negras”. No final de 2018, quase dois anos depois do primeiro encontro, e tendo realizado outros dois eventos presenciais, a rede concretizou poucas ações. Houve o estabelecimento de um pacto e uma carta de princípios, mas foram insuficientes para garantir a prioridade das pautas a serem defendidas, das ações a serem empreendidas e das estratégias a serem adotadas para que as mulheres negras possam viver plenamente na internet. Olhando para o feminismo negro norte-americano, esse trabalho investiga se (e como) o ativismo de Assata Shakur, integrante do partido “Pantefras Negras”, pode contribuir com a ação militante da rede. Essa rede nasce no seio do projeto “Mulheres Negras Fortalecidas na Luta contra o Racismo e o Sexismo”. Já pertencentes a redes presenciais, as ativistas firmaram um pacto em torno da defesa dos direitos das mulheres negras na internet, desencadeando ações rápidas de comunicação através do ciberativismo, bem como potencializando estratégias de comunicação que contestem narrativas racistas e sexistas. Composta por 80 mulheres, organizadas e distribuídas em 22 núcleos estaduais, a rede se propõe a visibilizar violações dos direitos das mulheres negras, respondendo à vulneração dessas mulheres, provocando mudanças nas políticas públicas que afetam a vida delas e intensificando os processos participativos de formulação de políticas. Vamos nos fundamentar em conceitos e autores que trabalham com

uma perspectiva histórica de um momento inicial da internet, como também aqueles que abarcam temas como o comportamento em rede, movimentos emergentes e estratégias de resistência em meio digital. Dessa maneira, esse estudo objetiva construir um estado da arte da presença de organizações, coletivos e redes de mulheres negras que atuam como ativistas na internet e suas estratégias online de combate ao racismo e sexismo.

As imagens Gore: narrativas alternativas e memética na política

Profª Drª Ivana Bentes (PPGCOM)

As eleições de 2018 foram também um experimento político baseado em um novo modelo de negócio e governança: as *fake news* e a memética impulsionadas artificialmente em escala industrial. Também fizeram emergir um novo regime de imagens *low tech*, amadoras, memes audiovisuais, streamings, vídeo-colagens, que utilizam uma série de figuras de linguagem remixadas do cinema, do campo expandido do audiovisual e das redes sociais para a construção de uma narrativa política. Como caracterizar esse estado de exceção informacional no “capitalismo gore” (VALENCIA, 2010), na passagem de democracias representativas para uma governança em tempo real? O uso das mídias e das imagens pelos eleitores nas redes sociais apontam para um novo regime de visualização e de visualidades? A desilusão dos “revoltados *on line*” com o sistema político e a corrupção endêmica, e a polarização como estratégia midiática que nutriu a desinformação e o ódio produziu efeitos de discurso, “efeitos de verdade”, que se utilizam das retóricas e figuras de linguagem do documentário, dos filmes de família, dos vídeos diários e todo uma série de referências no banco de visualidades contemporâneas. As mídias digitais como o WhatsApp e a produção de efeitos de verdade de forma simultaneamente artificial e orgânica, podem ser a nova base de sustentação de uma governança digital de tipo autoritária? Que processos foram apropriados pelo exército de eleitores, *trolls*, *bots* e pessoas comuns que acharam na velocidade e viralidade da memética um vetor de propagação de crenças e consensos provisórios? As milícias digitais produzidas nesse contexto da hiperpolarização e da pós-verdade são o avesso da cultura digital celebratória e utópica das primeiras décadas da internet, da inteligência coletiva e de uma democracia em rede gestada por uma multidão direcionada para o bem comum. A revolução digital desceu aos infernos (NAGLE, 2017) e o que emergiu é um cenário de pesadelo com toques de *Black Mirror*, *Mad Max*, *Terra em Transe* e *Zorra Total* (BENTES, 2018). Uma memética que remixa a cultura de massas e seus personagens (os memes já clássicos com Inês Brasil, Carreta Furacão, Xuxa Meneghel, Gretchen, Renata Sorrah/Nazaré), as bonecas Barbie e Susi, tornadas avatares e personagens de uma cena que é o triunfo dos memes na política. A proposta é apresentar e analisar alguns vídeos que circularam durante a campanha eleitoral de 2018, a partir de padrões de anonimato, autorialidade genérica, a imagem amadora, a “imagem pobre” (STEYERL, 2012), vídeos *remix* de arquivos, *streamings* e virais. Como caracterizar esse regime de imagens e seus efeitos de verdade na política das imagens e nas imagens da política? Efeitos de crença e efeitos de verdade, as “narrativas alternativas” na política das imagens. Estamos vendo a emergência de novos regimes de visualidade e de verdade?

Sessão B

Epístolas políticas: cartas para Lula em tempos digitais

Profª Drª Isabel Travancas (PPGCOM)

Este trabalho busca apresentar um projeto de pesquisa sobre o gênero epistolar em tempos de internet, cujo objeto é a campanha para escrever cartas para Lula, considerado um preso político. O trabalho de campo se baseou na reunião de mensagens nas redes sociais, em uma visita ao Instituto Lula, além de entrevistas. É examinada a combinação entre a digitalidade e a materialidade da correspondência e os seus efeitos na esfera política. O acompanhamento *online*, a observação participante e as entrevistas possibilitaram observar a imbricação do gênero epistolar com as novas formas comunicativas digitais e os modos de ação política. Por um lado, observa-se que a materialidade e a singularidade da carta passa a ter um valor excepcional e sua força política é ampliada graças aos meios digitais onde se compartilham as cartas enviadas, recebidas ou recusadas. Cartas íntimas e privadas que são endereçadas a Lula circulam na internet, assim como as cartas públicas e abertas são uma resposta popular e massiva à situação deste político na prisão. Por outro lado, a privação da liberdade pressupõe uma diminuição da liberdade de expressão do preso, uma vez que suas formas de comunicação com o mundo exterior estão submetidas a um controle estrito. Lula não têm acesso à internet e a única via de comunicação direta é a correspondência, já que as visitas são limitadas e as ligações telefônicas proibidas. Este cenário reativou a escritura de cartas quando se imaginava que o gênero epistolar havia desaparecido, perdido sua relevância ou ficado obsoleto. E os presidiários em geral estão excluídos da comunicação digital. Com a falta de comunicação, a campanha para escritura de cartas se tornou uma forma de manter uma relação com o preso e fazê-lo presente nos atos políticos e na vida pública. Mas ela também tem um impacto na esfera familiar e pessoal de cada um. Mesmo a quem não conhecia pessoalmente, Lula escreve, em um tom íntimo e pessoal, buscando animá-lo, contando para ele suas vivências e emoções, sua vida cotidiana. Além disso, as cartas recebidas são compartilhadas nas redes sociais. Dessa maneira as cartas atuam como uma forma de manter a presença na ausência e produzir uma continuidade entre a esfera pessoal e a esfera pública, entre modelo tradicional do gênero epistolar e as novas formas de comunicação digital.

Memória do livro no Brasil: as estratégias da Editora Brasiliense para a formação de um novo público leitor jovem nas décadas de 1970-1980

Ana Carolina Ramos Slade (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Isabel Travancas

A pesquisa em desenvolvimento busca reconstituir as atividades editoriais e as estratégias de criação de comunidades de leitores reunidas em torno da Editora Brasiliense, sobretudo na década de 1980, momento de intenso florescimento e debate cultural-político que marca o processo de reabertura democrática brasileira. Ao reinterpretar esses sistemas, podemos refletir sobre a posição dos profissionais do livro no panorama social de seu tempo e investigar as possibilidades de difusão cultural prementes à atividade de editor. Para estudar a indústria do livro e os instrumentos relativos ao campo, nos debruçamos nas relações subjetivas que leitores,

editores e autores mantêm entre si e o produto final. Dessa forma, recorreremos à interdisciplinaridade da disciplina “História do Livro” que, ao perpassar questões econômicas, sociais e políticas, tenta contribuir para a compreensão dos mistérios que cercam a leitura. Entendida por Roger Chartier como uma prática encarnada em gestos, espaços e hábitos, a leitura de uma obra nunca é única, mas fruto das normas e convenções próprias a cada comunidade de leitores, diretamente impactadas pelos usos considerados legítimos para o livro, por seus procedimentos de interpretação e pelas ferramentas de que dispõem aqueles que controlam o processo para selecionar, editar e propagar as obras. Fundada em 1943, a Editora Brasiliense atuou como uma das casas editoriais mais proeminentes do país, com destaque em dois diferentes momentos históricos: o período da República Populista (1945-1964), marcado pelo florescimento de editoras de posições progressistas, e o momento de reabertura política. Entre as décadas de 1970 e 1980, a Editora adota a estratégia de organizar sua produção em coleções para atingir um novo nicho do mercado brasileiro: o jovem, ao mesmo tempo formando-o como leitor e fornecendo uma série de leituras organizadas - inicialmente não ficcionais e depois também ficcionais e poéticas -, moldando e sendo moldada por esse jovem leitor ao constituir uma biblioteca libertária, repleta de *beats*, poetas marginais e heróis revolucionários. Dessa forma, a pesquisa pretende analisar as estratégias comunicacionais da Editora para constituir uma “nova linguagem”, presente tanto nos livros publicados, em seus periódicos, sobretudo no boletim “Primeiro Toque”, e nos discursos de seus principais atores. A partir do aprofundamento do estudo do contexto histórico brasileiro entre as décadas de 1970-1980, os anseios e expectativas da população jovem, será possível compreender melhor a relação de influência mútua entre leitores e editores para a consolidação dessa comunidade de leitores. O estudo de caso assume assim o papel de propiciar compreensões acerca deste período cultural no país, bem como levar a reflexões sobre como a atividade editorial é capaz de impulsionar/renovar as formas de comunicação e propor mudanças sociopolíticas a partir do objeto livro.

O movimento das rádios comunitárias e a construção contra-hegemônica: uma disputa no campo da sociedade civil, da cultura e do Estado

Pedro Martins Coelho (PPGCOM)

Orientador: Eduardo Granja Coutinho

Sob uma perspectiva gramsciana, esse trabalho pretende analisar os movimentos de rádios comunitárias como elemento contra-hegemônico do período de redemocratização do Brasil (1985) até os dias atuais. Pretendemos analisar esse potencial contra-hegemônico na solidificação da sociedade civil, na disputa cultural por meio de uma nova práxis comunicacional e na disputa do Estado, quando reivindica o acesso ao espectro eletromagnético aos setores subalternizados da sociedade, a fim de garantir o direito à comunicação em uma perspectiva democrática e universalizante. O trabalho também aborda a formação do movimento pela democratização da comunicação e, posteriormente, a formação do movimento de rádios comunitárias, suas entidades representativas e sua atuação política. Além disso, as propostas de lei e o tratamento dado pelo Estado também são trazidos enquanto elementos da disputa política colocada. As situações conjunturais e as ações de cada governo ao longo desse período também merecem atenção especial para compreendermos a dinâmica nas mudanças de movimentação dos setores envolvidos no debate. Com os crescentes ataques atuais contra a democracia, a luta pelo direito à comunicação carrega um viés revolucionário na disputa política e social e na defesa de uma sociedade igualitária e participativa. A experiência construída pelas rádios comunitárias, sua práxis e seu movimento têm uma enorme contribuição para novas conquistas e avanços a serem perseguidos.

A prisão política do ex-presidente Lula e a narrativa da mídia hegemônica no Brasil

Raíssa Sales de Macedo (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Suzy dos Santos

Nesse artigo foram analisadas narrativas produzidas por veículos da mídia hegemônica brasileira a respeito do ex-presidente Lula, com base em notícias que abrangem o período entre março de 2016 até a prisão de Lula, em abril de 2018, e a tentativa frustrada de libertação do ex-presidente através de um habeas corpus impetrado no dia 8 de julho do mesmo ano. Para tanto, nos valem da hipótese de que a mídia tradicional funcionou neste processo como um instrumento de dominação das elites, participando do que consideramos o agravamento do regime de exceção no Brasil, seguindo a definição usada pelo filósofo italiano Giorgio Agamben (2004), que o apresenta como paradigma de governo cada vez mais presente na política contemporânea, caracterizado pelo limbo entre o que é considerado Estado de direito e mera legalidade formal, isto é, uma manutenção da aparência democrática. Além disso, exploramos conceitos que, aliados à análise do discurso reproduzido pela grande mídia, podem proporcionar um maior entendimento a respeito da instrumentalização de ideologias em favor da manutenção do status quo. Nesse sentido, trabalhamos com a obra “A Ideologia Alemã” (ENGELS; MARX, 1998), trazendo para nosso contexto o debate sobre a questão da ideologia - definida como falsa consciência - e dialogando também com o livro “Ideologia” (EAGLETON, 1997), no qual nos detemos no capítulo em que o autor discute as conceituações de ideologia (como concepção de mundo) e hegemonia (dominação pelo consenso) segundo o filósofo Antonio Gramsci.

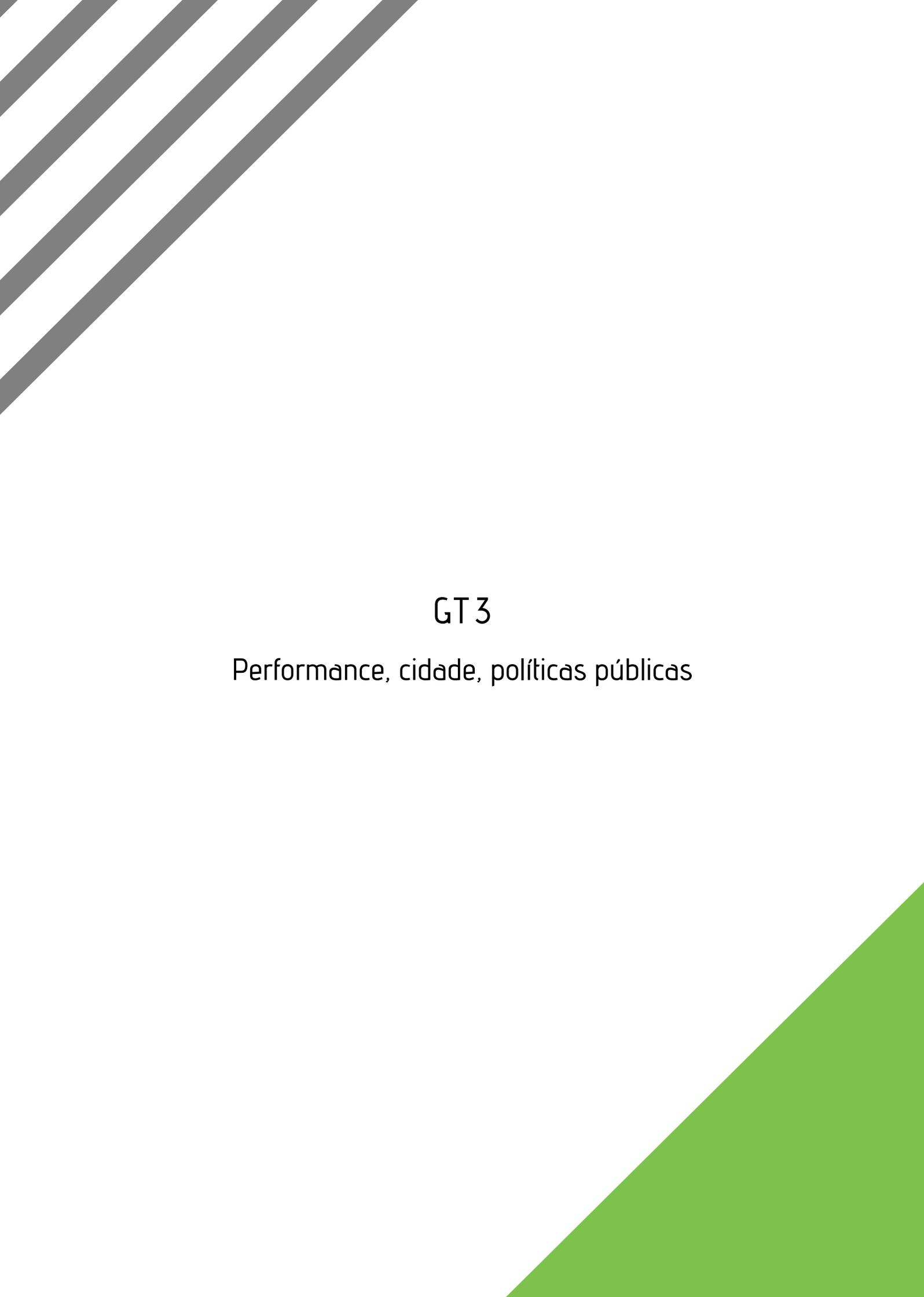
A história se “repete” com o auxílio da imprensa? A estratégia de *O Globo* em busca de consensos para os golpes de 1964 e de 2016

Rosângela de Jesus Fernandes (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Suzy dos Santos

Os grandes grupos de comunicação do Brasil são não só espelhos da conjuntura em cenários de crise, mas especialmente atores capazes apresentar a realidade transformada por seus interesses e alianças, participando da disputa hegemônica com influência sobre os rumos do país, apesar do empenho em criar imagem de isenção e imparcialidade. A presente comunicação busca, em uma perspectiva histórica, refletir sobre esta atuação do jornal *O Globo* em dois episódios simbólicos da ofensiva das forças conservadoras que abalaram a democracia: os golpes de 1964, contra o presidente João Goulart, e de 2016, contra a presidenta Dilma Rousseff. Com viés comparativo, a investigação se dedicou a identificar rastros e vestígios de uma espécie de “repetição” da história no que diz respeito à destituição de dois governantes legitimamente eleitos que representavam projetos políticos de redução da desigualdade, com as ressalvas necessárias por nossa consciência da impossibilidade concreta da história se repetir. Ao mesmo tempo, nos empenhamos em detectar, nos dois períodos de evidente luta de classes, as marcas das diferenças em aspectos como: temáticas exploradas para a mobilização da população, buscando a construção de consensos; exploração de signos; acionamento de emoções; alianças firmadas entre os opositores dos dois governos e na participação do jornal como “intelectual coletivo”, e seus jornalistas como “intelectuais orgânicos”. Para este fim, utilizamos a metodologia de análise de discursos tendo como objeto as primeiras páginas do jornal *O Globo* nos trinta dias que precederam à deposição de João Goulart e ao afastamento de Dilma Rousseff pelo Senado, compreendendo que as capas, ainda que tenham sido ressignificadas pe-

los avanços tecnológicos que alteraram o acesso à notícia, mantêm a função de síntese dos temas considerados prioritários pelo grupo de comunicação e se constituem como documento histórico. Os resultados da pesquisa comprovam o apoio do jornal ao golpe de 1964, como foi admitido em editorial em 2013, e apontam indícios da reedição da estratégia em 2016, numa atuação deliberada do periódico como “aparelho privado de hegemonia” e “inimigo íntimo da democracia”. Sem eximir de responsabilidade os governantes e seus grupos políticos, a pesquisa buscou trazer à tona a reflexão sobre o papel dos meios de comunicação nos abalos à democracia que, apesar da utilização de diferentes métodos para deposição dos dois presidentes, teve como consequências comuns o avanço da extrema direita e o retrocesso em direitos, no caso mais recente, levando o país a viver hoje o que entendemos como um golpe em processo.



GT 3

Performance, cidade, políticas públicas

Sessão A

Desilha_Derivas acadêmicas em curso de pós-graduação em artes na cidade do Rio de Janeiro

Profª Drª Lívia Flores Lopes (PPGAC)

Desilha é uma plataforma de ação e pesquisa em arte e cidade. Dá nome ao projeto de pesquisa e a cursos ministrados desde 2015, oferecidos pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-EBA-UFRJ) em conjunto com o Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena (PPGAC-ECO-UFRJ), ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Desilha toma a cidade como palco para a construção de narrativas avessas à normatividade acadêmica; é um convite à fala e ao encontro entre pessoas e lugares, a fim de oxigenar práticas artísticas tangentes à academia em conjunto com a paisagem-entorno. Restaura forças vitais para empreender novas travessias em tempos de crise e ameaças à democracia no Brasil, impulsionando liberdades de expressão artística conectadas à cidade, a fim de trazer à tona as diferenças que configuram a urbe e seus habitantes. Tomando como ponto de partida a ilha do Fundão, onde se localiza a cidade universitária, Desilha sugere um impulso para a realização de intervenções artísticas e culturais realizadas na cidade. O histórico da construção do campus universitário reflete disputas sobre modelo de universidade a ser irradiado para o resto do Brasil. Sua concepção envolve a vinda de Le Corbusier ao Brasil em 1936 e se conclui com a inauguração em 1972 durante a ditadura militar no Brasil. Olhar para essa trajetória obriga-nos a debater as dificuldades de assentamento e concretização do lugar da educação no Brasil, oscilando entre projeto oligárquico e regime autoritário, utopia e inacabamento. Ao mesmo tempo, devemos à política de cotas sociais, implantada na universidade pública nos anos do governo Lula-Dilma, o reconhecimento de uma dívida social e a necessidade de acolhimento de antigas reivindicações. O desafio a uma revisão dos mecanismos e tradições de uma concepção elitista de universidade se coloca com urgência a todos os que dela participam. Nesse sentido, pode-se dizer que o projeto Desilha é tributário dessa busca, levando-nos a rever posições numa cidade violentamente impactada pelo desmonte de políticas públicas e pelas consequências das reformas urbanas ocorridas entre a realização de dois megaeventos: Copa do Mundo (2014) e Olimpíadas (2016).

Cartografar o carnaval de rua carioca: territorialidades da festa, mediações da folia, vocação do prazer, controvérsias e ativismos da alegria

Andrea Almeida de Moura Estevão (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Micael Herschmann

O presente estudo pensa o Carnaval de rua carioca contemporâneo como espaço-tempo em que emergem tensões e disputas quanto à territorialidade e à tradição da festa. Os conflitos sobre territorialidade explicitam questões de direitos à cidade. As disputas em torno da tradição se articulam com a paisagem sônico-musical da festa – samba e marchinha não são mais os únicos gêneros musicais a embalar o Carnaval – e suscitam questões identitárias. A hipótese que guia a pesquisa é que tanto actantes humanos (movimentos sociais e culturais), quanto não-humanos (mídias digitais e locativas) reconfiguram o Carnaval de rua (número de foliões, diver-

cidade de blocos, agentes produtores da festa). Na sua dimensão cultural e comunicacional, o Carnaval de rua, hoje, é atravessado por elementos da cultura midiática e das redes sócio-técnicas e explicita tensionamentos que serão investigados a partir de autores que discutem cenas musicais e territorialidade, como Will Straw e Felipe Trotta; as implicações da materialidade tecnológica, como Simone Pereira de Sá; novas perspectivas sobre cultura popular e as especificidades da festa carnavalesca, como Maria Laura Cavalcanti e Felipe Ferreira. O objetivo é cartografar actantes, mediações e controvérsias que tecem o Carnaval de rua a partir do referencial teórico-metodológico oferecido por Martin Barbero (“Ofício do Cartógrafo”) e a Teoria do Ator Rede, de Bruno Latour. Os objetos de análise serão: “Sargento Pimenta”, bloco cujo gênero musical é o Rock; “Minha Luz é de Led”, bloco surpresa que mobiliza os foliões via Facebook e o bloco feminista “Mulheres Rodadas”.

Etnografia de luz: um relato sobre fotografia e cidade

Erika Tambke (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Janice Caiafa

Esse resumo é uma reflexão em primeira pessoa, pensado a respeito do processo de elaboração da minha tese. Uma tentativa de fazer um relato da minha experiência de aproximação e interlocução com fotógrafos de espaços populares. Trata-se de uma reflexão sobre o método etnográfico e a escrita do texto etnográfico. A experiência dessa relação com colegas fotógrafos, hoje também meus interlocutores em um sentido etnográfico, dialoga diretamente com o meu repertório vivido. O meu texto etnográfico, portanto, é fruto deste encontro de experiências vividas com as informações que chegam a cada encontro e, não menos importante, a reflexão feita desta soma de vivências. Um momento crucial nessa jornada até o projeto de doutorado é quando começo a trabalhar no “Imagens do Povo/Observatório de Favelas”, na Maré. A minha crítica a uma fotografia demasiadamente concentrada em certos bairros da cidade vinha de antes de eu conhecer o projeto. A desigualdade na representação visual sempre me incomodou. Portanto, quando soube da existência de um projeto que tentava inverter essa concentração de produção de memória visual, fiquei fascinada. Três anos depois, entrei para trabalhar no “Imagens do Povo” (IP). Esse período de trabalho gerou as sementes de observação, uma experiência de cotidiano na favela e as relações sociais acentuaram um sentido de conexão e empatia. Eu poderia dizer que foi na Maré que vivi de perto a experiência de alteridade, nos dois sentidos de (não)pertencimento do grupo – como de quem faz parte de uma classe social diferente na mesma cidade, e, em outro aspecto, como quem não fazia parte do grupo sócio-territorial local. De um lado, eu pertencia ao entendimento do poder estabelecido. De outro, não era a minha territorialidade, logo eu era um “alemão”, um estranho. Em termos de experiência a longo prazo, pode ter sido a minha principal na cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, tendo vivido fora do país, ser estrangeira, pouco tempo antes dessa vivência, pode ter me dado uma capacidade maior de empatia e, quiçá, sensibilidade, para buscar outras leituras para algumas situações. Nem todas foram fáceis. Mas os momentos de desafio podem ter contribuído mais para um aprofundamento sobre as relações na cidade do Rio de Janeiro.

Redes: estratégias de ações em tempos de crise

Ian Calvet Marynower (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Eleonora Fabião

“O Brasil é a prova mais cabal de que quando você não acerta suas contas com a história, a história te assombra.” Este é um trecho de uma entrevista com o filósofo Vladimir Safatle sobre fatos ocorrido ao longo do ano de 2018. A eleição do novo Presidente da República consolidou a assombração anunciada por Safatle: o fascismo tomou de assalto a realidade brasileira e o autoritarismo ditatorial ressurgiu no horizonte com outras roupagens. Diante deste contexto, me interessa investigar possíveis estratégias para a realização de ações artísticas nos espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro. O que podemos fazer hoje, agora? Entendo a ação artística na rua como possibilidade de gerar espaços temporários de reconhecimento e negociação das alteridades, de disputar narrativas e desmontar modos hegemônicos de produção de discursos e de imaginários. Diante da perigosa naturalização da lógica autoritária do Estado, aclamada por um amplo setor na sociedade civil, como abrir campos para o ressurgimento daquilo que o filósofo Jacques Rancière chama de “racionalidade política” (RANCIÈRE, 1996, p. 370) - capacidade de escuta e negociação das divergências? E ainda, “Como agir propositivamente e não reativamente?” (ABREU; FABIÃO, 2016, p. 346). Interessado em rascunhar possíveis estratégias metodológicas, dialoguei com três grupos que, desde o ano passado, investem numa íntima relação com as ruas da cidade do Rio de Janeiro em seus processos de pesquisa. São eles: “Companhia Volante” (com a peça “Central – uma peça paisagem em tantos movimentos”), “Pé de Cabra Coletivo” (com o espetáculo “O Trabalho que (não) é Sonho”) e o grupo de artistas que se reuniu para realizar o espetáculo “Amazona”. Também faz parte dessa análise, algumas experiências desenvolvidas pelo meu grupo de pesquisa nas ruas cariocas.

Habitar a cidade do banal: uma poética da deriva a partir dos percursos de Oiticica e Florêncio

Pedro Freitas (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Beth Jacob

Essa pesquisa se dedica a investigar algumas propostas de deriva promovidas por encenadores e artistas visuais como parte de uma performatividade. Recorro aqui ao conceito de deriva, desenvolvido pelos situacionistas, que propunha deslocamentos pela cidade como forma de conectar o artista e seu público a realidades ainda não contempladas pelo campo das Artes. A deriva se opunha especialmente a uma mentalidade funcionalista e modelizadora, proveniente da arquitetura e de uma modernidade urbana, propondo em seu lugar a abertura a um devir experimental. O potencial performativo das propostas aqui apresentadas se estabelece na medida em que os artistas apresentam percursos, estabelecendo outras formas de reterritorializar o espaço urbano. Cria-se assim, em cada caso, um circuito-ambiente onde as obras irão acontecer. Busca-se assim promover o encontro dos espectadores-participantes com esses espaços, contestando nesse processo o papel passivo comumente designado aos participantes. Assim, estimula-se nesses participantes outras percepções que não àquela proveniente de uma ordem contemplativa. No trecho apresentado, procurarei mostrar algumas derivas criadas por Hélio Oiticica, no contexto da contracultura (anos 1960-1970), fase final de sua carreira. Essas propostas representam uma resposta de Oiticica ao que ele identificava como uma “vontade construtiva geral”, que o artista-teórico identificara na sua geração, sob a égide do movimento da Nova Objetividade. Em seguida, pretendo identificar

as continuidades e diferenças entre essa proposta, e a realizada na obra contemporânea “De Quem te Protege a Muralha?”, do artista contemporâneo Thiago Florêncio. Aqui a proposição de uma deriva se encontra com um desejo de criar práticas decoloniais. Para isso, o artista busca no espaço urbano do centro do Rio de Janeiro os rastros históricos das populações ciganas e negras que foram invisibilizadas pelo processo desenvolvimentista dado nesses espaços. A partir de diferentes momentos históricos das Artes Visuais brasileiras, essas propostas nos fornecem assim elementos para pensarmos poéticas da deriva e algumas potencialidades de aplicação para o campo das Artes da Cena.

Sessão B

Mapa interativo histórico da EBC

Akemi Nitahara (PPGMC)

Orientadora: Profª Drª Cristina Rêgo Monteiro da Luz

O tema da comunicação pública no Brasil ainda está em um estágio incipiente na teoria e na prática. A sociedade brasileira habituou-se ao modelo comercial que dominou os veículos no país desde o princípio, e os governos não têm clareza sobre a importância da comunicação pública, muitas vezes fazendo uso desses meios para comunicação estatal ou governamental (BUCCI, 2015, p. 13). A mídia comercial brasileira e o ouvinte/telespectador/leitor em geral não conseguem diferenciar o que é comunicação pública de comunicação estatal. A radiodifusão de serviço público é um elemento fundamental para um sistema midiático efetivamente plural, livre e independente, sendo complementar aos atores privados e comunitários. O sistema público está previsto no artigo 223 da Constituição Federal, mas o texto constitucional levou quase duas décadas para ser implementado, após muita discussão na sociedade civil e a realização do “I Fórum Nacional de TVs Públicas”, em 2007. Até então, a Radiobrás cumpria o papel estatal, embora abarcasse características públicas, como o sistema de rádios. Criada para efetivar o sistema público de comunicação do país, a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) nasceu em 2007, com a Medida Provisória 398, convertida na lei nº 11.652, de 2008, da fusão da Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás), com alguns serviços da Associação de Comunicação Educativa Roquete Pinto (Acerp). A Radiobrás, por sua vez, foi constituída pelo decreto nº 77.698, de 1976, e incorporou ao longo da história serviços como a Empresa Brasileira de Notícias (EBN), nascida da Agência Nacional da Era Vargas. A EBC é responsável pela TV Brasil, pelas rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro, Brasília e Amazônia, Agência Brasil e Radioagência Nacional, veículos com públicos diversos e origens distintas. Enquanto a TV Brasil veio da TVE do Rio de Janeiro, uma das primeiras experiências de TV pública do país, segundo Franklin Martins (2012), a Agência Brasil tem origem na Agência Nacional, criada para distribuir notícias do governo. Já a Rádio Nacional foi criada em 1936 como uma emissora privada e incorporada pela União em 1940, sendo a grande responsável pela chamada Época de Ouro do Rádio, mantendo características comerciais. Neste trabalho, pesquisamos essas origens, levantando a cronologia de criação de cada veículo e das entidades responsáveis por eles, bem como mudanças legislativas e regulamentações até a lei 13.417, de 1º de março de 2017, que modificou a lei de criação da empresa após o impeachment de 2016. Também serão apontadas as características públicas, estatais ou comerciais de cada veículo ou órgão, para construir um mapa interativo com a genealogia da empresa pública de comunicação. Como resultado da pesquisa, será feito um site e publicado um e-book, com conteúdos complementares.

Anônimo como subjetivação: reflexões sobre política e estética a partir dos engraxates de La Paz

Caio Dayrell Santos (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Giuseppe Cocco

O objetivo desse estudo é investigar processos de subjetivação política dos engraxates de La Paz. Indígenas da etnia Aymará que moram em El Alto, região periférica da capital boliviana, todas as manhãs, descem para os centros urbanos e passam o dia lustrando sapatos dos mais abastados, em troca de algumas moedas. Associados ao uso de drogas, ao alcoolismo e à delinquência, a categoria é vista com maus olhos e, por isso, são vexados pela comunidade. Para enfrentar o estigma, os engraxates encontraram uma tática singular: tapar seus rostos com máscaras balaclavas. Se ser identificado como engraxate significa ser condenado à degradação moral, então, para esses sujeitos, o melhor é nem ser identificado. Por isso se disfarçam. Usando máscaras, pseudônimos e, às vezes, uma segunda muda de roupas, eles constroem para si um anonimato para resguardar suas vidas privadas da perseguição pública. Dialogando com as reflexões sobre política e estética em Jacques Rancière (2018) e com os conceitos de rosto elaborados por Judith Butler (2011) e Emmanuel Lévinas (2007), buscamos analisar textos, imagens e músicas produzidas por esses engraxates, a fim de tentar entender como se dá a constituição de subjetividades a partir desse anonimato. Como premissa, entendemos o ato de cobrir o rosto não como um silenciamento ou renúncia à aparência, mas como um gesto que faz do próprio corpo portador de sentido e mensagens, ou seja, uma performance. Para Rancière, a subjetivação não se limita apenas a uma transformação do sujeito em si, mas também abrange uma mudança do próprio ambiente discursivo onde ele está (MARQUES, 2014, p. 134). Para isso, é necessário dois movimentos: (1) uma desidentificação, entendida como um distanciamento da ordem policial que nos designa uma posição no mundo e, assim, determina as possibilidades de ação e existência; e (2) a nomeação de um dano, uma exposição do não cumprimento de um pressuposto de igualdade, o que configura uma injustiça e demanda reparação. Como performance, tapar a cara é um ato comunicativo que reivindica um reconhecimento negado. Nas ruas pacenhas, ocultar o rosto simultaneamente encena um dissenso, a partir do qual os engraxates se afastam de um estereótipo estigmatizante, mas também questionam e se opõem a esse enquadramento danoso. Nesse sentido, entendemos o anônimo não como um corpo coletivo ou uma substância, mas como um processo de distanciamento colocado em questão permanentemente, criando uma cena de dissenso para se expressar e promover mudanças na ordem consensual. (MARQUES; MARTINO, 2016, p. 224). Ao romper com um vínculo do rosto e a identidade que aprisiona o sujeito, eles possibilitam novas formas de aparência para os engraxates, antes inviáveis devido a um olhar social dominado pelo preconceito.

Políticas públicas de comunicação e cultura: novos diálogos ou antigos silêncios? Um estudo comparativo entre o Conselho Nacional de Política Cultural e o Conselho de Comunicação Social (2003-2014)

Deborah Rebello (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Suzy dos Santos

O objetivo desta proposta de pesquisa é investigar os tensionamentos e/ou aproximações entre as políticas públicas de cultura e comunicação realizadas pelo governo brasileiro, entre os anos de 2003-2014, questionando

a fronteira entre os campos. Como objeto de estudo, propõe-se a comparação entre os Conselhos de Comunicação Social (CCS) e o Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC) (e os respectivos órgãos aos quais estão vinculados), para problematizar a interface entre Estado e distintos grupos sociais, observando negociações, agenciamentos, resistências. É pertinente salientar que, Comunicação e Cultura, apesar de campos correlatos, pouco dialogaram ao longo da gestão governamental compreendida entre 2003 e 2010; o mesmo foi percebido entre os anos de 2011 e 2014. Ao contrário, percebeu-se um avanço do Ministério da Cultura em temáticas que se aproximavam do MiniCOM, ou seja, as políticas públicas de cultura em muitos aspectos tocaram em “perspectivas comunicacionais”. A criação dos Pontos de Cultura, a defesa do partilhamento de conteúdo, do incentivo ao *software* livre, o apoio às rádios comunitárias, a cota de tela para produções independentes na televisão fechada, entre outras ações, podem ser considerados indícios desta postura. O Ministério das Comunicações, por outro lado, não demonstrou interesse de diálogo ampliado com o MinC. Pelo contrário, teve dificuldade em estabelecer diretrizes claras e continuadas em sua área específica, com uma recorrente troca de gestor no período. Parte-se da hipótese de que o CNPC e o Ministério da Cultura conseguiram avançar mais fortemente no desenvolvimento de ações que tenham como base a perspectiva do direito à comunicação, por entendê-lo como parte dos direitos culturais. Pondera-se em que medida a cultura foi utilizada como um recurso, como um artefato político, para a implementação de tópicos de uma agenda mais progressista no que tange à defesa do direito à comunicação e à cultura. Metodologicamente, o percurso traçado opta pela análise comparada da produção discursiva destes conselhos e dos atores políticos envolvidos, utilizando a análise documental para compor a teia discursiva construída no contexto e propor um confronto de relatos. Esta dimensão metodológica configura um enorme desafio para compreender os objetos de estudo, pois ao mesmo tempo em que estabelece a leitura de que os Conselhos podem ser compreendidos como espaços essencialmente comunicacionais, como cenário da disputa efetiva e do conflito de percepções, uma arena de alto tensionamento entre visões dissonantes, apresenta a possibilidade de percepção de conflitos, sobreposições de leituras, etc. Em segundo lugar, apoia-se na visão da Economia Política da Comunicação, em especial, nas definições de Vicent Mosco (1996), para compreender a influência econômico-política neste cenário e os agenciamentos corporativos e sociais. Este caso brasileiro é interessante por reforçar a percepção da potência latente, quando se aciona a transversalidade institucional entre comunicação e cultura. Lança a necessidade de se pensar o debate sobre políticas públicas para além das amarras de eficiência, eficácia e efetividade, percebendo outros potenciais de análise que percebam correlações de forças, assimetrias de poder, interesses políticos e sociais difusos, uma tarefa do olhar antropológico para as formas de operação do estado, as políticas públicas.

Coletivos da Direção Teatral da UFRJ: estratégias de produção e circulação

Erika Neves Lima de Souza (PPGAC)

Orientador: Prof. Dr. Daniel Marques da Silva

“Coletivo” é uma palavra que costuma guiar as atividades do curso de Direção Teatral, seja na criação dos espetáculos, seja na produção das “Mostras” em que se apresentam as peças dos alunos. “Coletivo” também tem sido o processo de reunião de vários (ex-)alunos para desenvolver ações de pesquisa de linguagem e pôr em prática seus projetos. As “Mostras de Teatro da UFRJ” têm indicado um crescimento de criações coletivas e colaborativas, bem como de textos de autoria do próprio diretor e de novos dramaturgos. Isto demonstra como, cada vez mais, os alunos trazem para sua formação as pulsações da cidade, da conjuntura – o que também suscita a organização de coletivos, na medida em que exercitam as possibilidades de diálogo a partir dos múltiplos sujeitos envolvidos. O objeto da presente pesquisa são os coletivos oriundos do curso de Direção Teatral da UFRJ, formados por dois ou mais alunos/ex-alunos e que tenham sido criados durante o curso ou imediatamente após

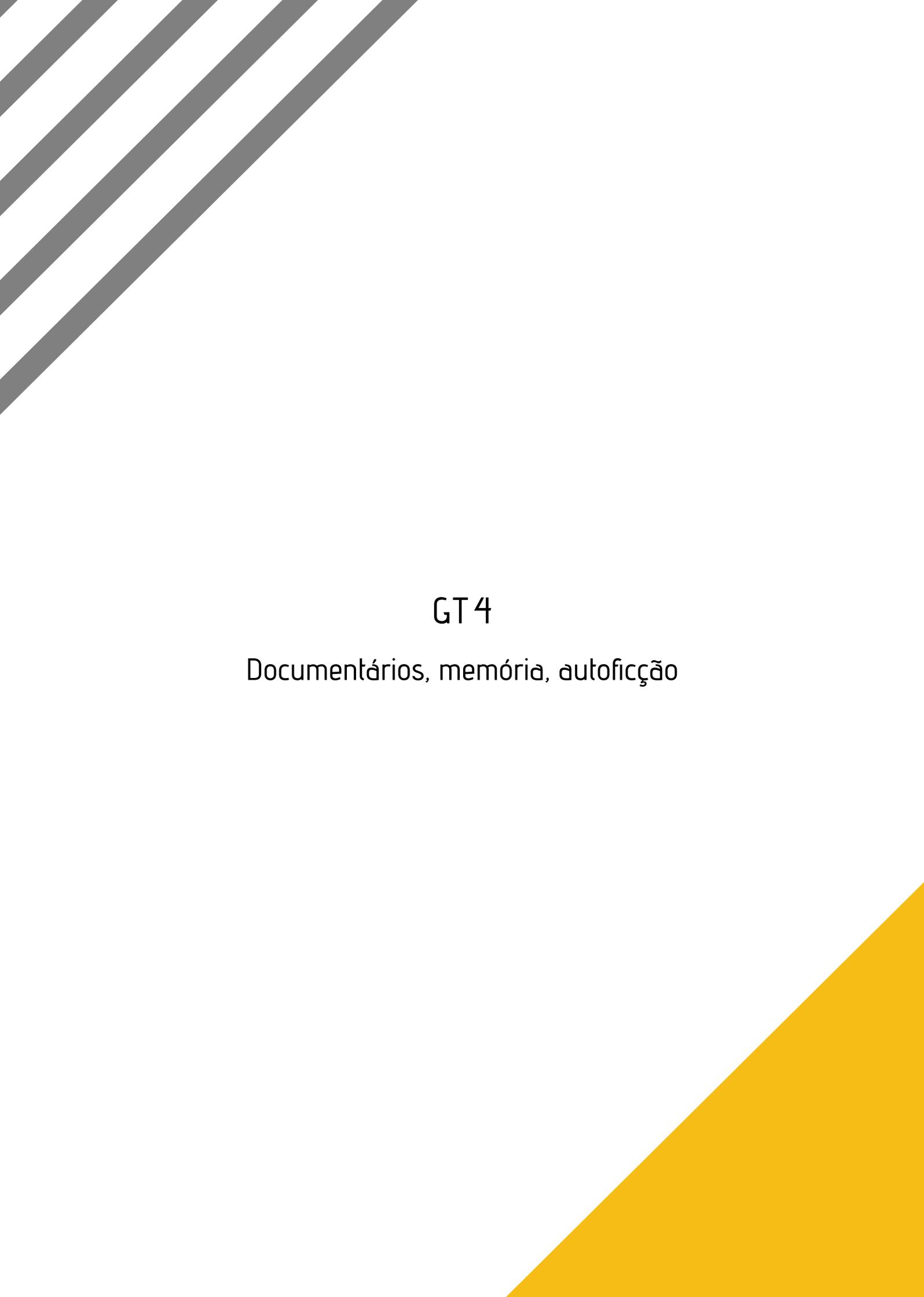
a formatura, a partir de alguma atividade acadêmica, pesquisando junto aos egressos de 1994 a 2018. Pretende-se investigar quais suas formas de produção e estratégias de circulação fora da Universidade, diante de um contexto cada vez mais difícil para se produzir arte e cultura no Brasil, refletindo sobre as políticas culturais na área de artes cênicas e discutindo questões de produção teatral. Para tal, serão feitos estudos teóricos sobre coletivos teatrais/teatro de grupo, produção cultural, políticas culturais, dentre outras temáticas que tangenciam o objeto, como arte na Universidade e as relações com a cidade. Concomitantemente, serão realizadas entrevistas qualitativas com os coletivos e, conforme a disponibilidade, estudo de caso de um deles.

Por que esta erva é proibida? Um diálogo sobre a legalização e descriminalização do uso da maconha no samba de Bezerra da Silva e no rap de Marcelo D2

Evandro Luiz da Conceição (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Micael Herschmann

A música assume dimensão política e pode tornar perenes determinados temas caros à sociedade, sobretudo quando fala a respeito do não dito, do que se configura como subversivo. Quando se insurge contra esta dinâmica, a música torna memorável o que deveria ser esquecido. Por meio do samba e do hip hop, grupos historicamente marginalizados afirmam sua visão de mundo, elaboram suas identidades, pertencimentos, sociabilidades e resistência. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar, sob o ponto de vista da comunicação, como o canceiro Bezerra da Silva e Marcelo D2 – considerados dois *outsiders*, em princípio, e posteriormente absorvidos pelo *mainstream* – atuam no debate sobre a legalização e descriminalização do uso da maconha. Embora os repertórios de Bezerra da Silva e de Marcelo D2 já tenham sido abordados individualmente em outras frentes acadêmicas, na tentativa de uma discussão geracional, optamos por unir estes dois artistas de tempos e vertentes musicais distintas e ao mesmo tempo convergentes, feito que confere originalidade a este trabalho. Tanto o sambista como o rapper surgem, em momentos distintos, como artistas marginais. Em seus respectivos repertórios produzem discursos que capitalizam públicos em uma dinâmica “de baixo para cima” e são considerados, em princípio, *outsiders* no mercado da música. A metodologia aplicada neste trabalho consistirá em ampla pesquisa documental como análise de entrevistas, fonogramas, capas de disco, além da análise fílmica dos documentários “Onde a coruja dorme”, “O dia em que o bambu quebrou no meio”, ambos centrados em Bezerra da Silva, e “Legalize”, sobre a trajetória do Planet Hemp. A música e sua capacidade movente, em particular o samba e o hip hop, será ancorada em sólida pesquisa bibliográfica. Como parte da metodologia aplicada, compreenderá a análise das letras do repertório dos dois cantores que problematizem a legalização e descriminalização do uso da maconha a partir da perspectiva de análise do discurso crítica, conceito de Norman Fairclough, ACD. Inclui-se também entrevista qualitativa com roteiro estruturado, gravada e transcrita com o cantor Marcelo D2, compositores ligados a Bezerra da Silva além de nomes relevantes no debate pró e contra a legalização e descriminalização do uso da maconha no Brasil.



GT 4

Documentários, memória, autoficção

Sessão A

Por uma arqueologia da contracultura no Brasil: missão, peripécias e triste fim do Teatro Novo (Rio de Janeiro, 1968)

Profª Drª Alessandra Vannucci (PPGAC)

A trajetória do Teatro Novo, reconstruída a partir de fontes inéditas do Arquivo Gianni Ratto (SP), implanta no Rio de Janeiro, em pleno 1968, um projeto de “teatro estável” que resiste ao autoritarismo do regime, sendo por ele esmagado, após oito meses de intensa atividade. Analisamos as ideias que estruturam o projeto e seus encaminhamentos, com os quais Ratto pretendia consolidar a autossuficiência do empreendimento por meio da produção em equipe, de um espaço polivalente para um repertório eclético que incluía dança e música, além do teatro dramático e de um centro de formação permanente, seja para a classe artística, seja para o público. As discrepâncias entre projeto e práticas são sintomas da possível relevância que o Teatro Novo significou no panorama contracultural (inclusive motivando seu triste fim), embora seu diferencial e legados tenham sido omitidos até agora nas histórias do teatro e da cultura no Brasil.

Jazz history through composition, performance & recording

Prof. Dr. Afonso Claudio Figueiredo (PPGMC)

Projeto de e-book mostrando a evolução do jazz com o foco no desenvolvimento harmônico e melódico. A partir da escolha do motivo melódico serão compostas peças nos estilos Standards, *BeBop*, *Hard Bom*, *Modal Jazz*, *Bossa Nova* e *Fusion*. Essas peças serão gravadas e editadas para que sejam utilizadas dentro do formato multimídia de E-book.

Em memória daquele cinema

Creuza Gravina (PPGMC)

Orientadores: Prof. Dr. Ivan Capeller / Profª Drª Kátia Maciel

O artigo busca falar sobre antigas salas de cinema de rua, comentando a importância das mesmas no cenário cultural dos bairros onde estavam inseridas, no hábito dos espectadores/moradores e o impacto após o fechamento/extinção. O texto será desenvolvido a partir de relatos de ex-espectadores/frequentadores, usando como base estudos sobre memórias individuais e afetivas. A ideia é realizar uma pequena pesquisa de campo através de entrevistas diretas e por formulário na Internet visando resgatar lembranças de antigos frequentadores de salas de exibição extintas, com foco não só no aspecto arquitetônico das salas como também no ritual da ida

ao cinema. Os objetivos são resgatar, documentar e difundir a memória cinematográfica do Rio de Janeiro no que diz respeito às salas de exibição, mostrando a importância das salas selecionadas como objetos de estudo no cenário histórico e cultural. O estudo pretende servir de base para iniciativas que levem o cinema a bairros cujas salas de exibição foram extintas, ampliando o acesso para a população. A pesquisa será quali-quantitativa e exploratória. Quanto aos procedimentos, será documental e de campo. Espera-se com esse artigo resgatar a memória de salas de cinema de rua do Rio de Janeiro, identificando e registrando a importância desse patrimônio, além de documentar as extinções e transformações que ocorreram, e especialmente os impactos para o público, tais como mudança de hábitos e fluxos. Será traçado um panorama atual sobre a situação dessas salas, a importância das mesmas no cenário histórico cultural do Rio de Janeiro e a repercussão das extinções para as regiões afetadas.

Ocupação da Reitoria da UFRJ: cinema, memória política e criatividade

Felipe T. B. Caixeta (PPGMC)

Orientadora: Profª Drª Aida Marques

A pesquisa estrutura a realização de um vídeo documentário que recupera imagens gravadas durante o movimento “Ocupação da Reitoria”, desencadeado por estudantes, técnicos administrativos e docentes da UFRJ em junho de 1998, em prol da Democracia e a posse do Reitor eleito pela comunidade. A partir do fato histórico da Ocupação, o argumento da memória política da UFRJ na redemocratização do Brasil de 1984 a 2011 é desenvolvido por meio de experimentos criativos referenciados em marcos teóricos e práticas do cinema latinoamericano, objetivando o tratamento participante das memórias coletivas. O projeto conta com acervo de mídias impressas, fotografias e 150 horas de filmagens em suportes variados, com registros colhidos durante eleições para Reitoria da UFRJ e gerais de 1998 a 2011, com o acompanhamento longitudinal da vida política da universidade e de atores envolvidos na ocupação. Após a curadoria do arquivo, a pesquisa enseja provocar e analisar o encontro dos atores com as imagens de si mesmos. A confecção ampara-se em sólido debate acerca da UFRJ centenária, no diálogo teórico e metodológico com a Escola Andina de Jorge Sanjinés e a obra do poeta Karl Spitteller (1845-1924), “Prometeu e Epimeteu”, agraciada com o Nobel de 1919. Em vista do objetivo de implementar o produto audiovisual com metodologia experimental, no presente recorte o autor procura pensar em que medida o trabalho se inscreve e colabora com o campo das “Mídias Criativas”. Para isso, interage noções de criatividade a partir de leituras de Peter Pál Pelbart e aportes que o conceito “criativo” vem recebendo do estudo das políticas culturais.

O registro da cena: a palavra e a visualidade como escritas dramáticas e suas inscrições na memória

Luiza Goulart (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Maria Teresa Ferreira Bastos

A pesquisa busca investigar a memória do teatro contemporâneo a partir de seus registros em imagem, ou o que os dramaturgos e encenadores (e demais criadores da cena) guardam da presente produção das artes cê-

nicas para o futuro. Como esses profissionais desenvolvem em seus trabalhos métodos de captura e registro? Evidentemente, a memória do teatro está sendo cuidada com o registro literário da dramaturgia (em suas múltiplas nuances), e busco entender se dedicamos o mesmo cuidado às imagens que são construídas no ambiente cênico de forma cada vez mais inventiva e bastante ligada a uma tradição fotográfica, cinematográfica e tecnológica. O projeto tem o objetivo de se debruçar sobre a produção teatral da atualidade, relacionando o registro textual ao registro em imagem, a fim de traçar paralelos entre as formas como ambos os aspectos de uma criação artística da cena são arquivadas. A pesquisa visa analisar imagens produzidas (ou em produção) pela cena teatral, vislumbrando o exercício da crítica de uma possível escrita dramática da imagem; ou uma leitura dessa produção a partir das imagens que podem ser guardadas. Desejo, portanto, investigar se (e como) se desenvolvem métodos de captura dessas imagens e o que elas arquivam dessa memória experiencial: se elas nos dizem o suficiente, se elas nos ampliam a visão da imagem cênica, se elas registram, com a maior eficácia, esse acontecimento único, esse instante expandido, essa apresentação que, apesar de transitória e intransponível, deve-se tornar permanente para a história.

Sessão B

Filmar o texto: vestígios da memória e palavra viva em narrações da obra de Guimarães Rosa

Profª Drª Anita Leandro (PPGCOM)

Este projeto tem por objetivo o aprofundamento de questões relacionadas à palavra filmada, concentrando-se no acompanhamento de uma experiência de narração de textos do escritor João Guimarães Rosa, realizada no sertão mineiro. Em oficinas de longa duração, crianças e adolescentes preparados pelas narradoras Elisa Almeida e Dôra Guimarães, se especializam na arte de contar histórias. Eles nasceram e cresceram na região que inspirou o escritor e aprendem a narrar, de cor, com todas as vírgulas, trechos de sua obra. A fauna e a flora descritas por Rosa lhes são familiares e as histórias encontradas nos livros do conterrâneo têm uma curiosa semelhança com aquelas contadas por seus pais, tios e avós. Com os personagens de Rosa, eles compartilham o bom humor, mas também o sentido trágico da existência, habituados que são a uma história regional e, às vezes, familiar, marcada pela loucura, pela lepra, pela violência e pela pobreza. Eles têm também o tipo físico, a cor da pele e o jeito de falar dos personagens da obra narrada. Numa abordagem etnográfica, as filmagens dessas narrações vêm sendo feitas desde 2006, na tentativa de compreender a dimensão propriamente sonora e visual do texto roseano, que essas narrações potencializam. Procedemos a filmagens regulares das montagens de texto concebidas pelas narradoras Elisa Almeida e Dôra Guimarães para o Grupo Miguilim, de Cordisburgo, e o Grupo de Contadores de Histórias de Morro da Garça. O resultado desses registros é uma série de documentários sobre a arte da narração. Nos concentrando na singularidade da arte de narrar, buscamos trazer para o primeiro plano uma memória do texto literário, um testemunho sobre o passado sertanejo guardado nas próprias palavras. Cristalizado no vocabulário de Rosa, esse passado ressurgiu no espaço das filmagens, onde o texto de Rosa reverbera, seja na voz dos narradores, seja nos sons e silêncios das paisagens do Sertão. Para dar ênfase à materialidade do texto, ao contorno das palavras e ao rico trabalho sonoro e visual da prosa roseana, filmamos esses narradores em plano único, frontal e aproximado, na maioria das vezes ao ar livre, trazendo para dentro do quadro um microcosmo da imensa paisagem que se estende fora de campo. Essa ascensão da forma busca acolher um texto complexo, de maneira que a atenção do espectador possa convergir em direção ao sopro vital

da arte de contar histórias, forma de expressão popular e regionalmente reconhecida como parte integrante do patrimônio cultural do sertão mineiro. Filmamos o reencontro do texto literário com uma tradição oral que até hoje se transmite de geração em geração, mantendo vivos o sotaque, o vocabulário, a memória e os ritmos sertanejos. Os narradores da obra de Rosa revigoram essa tradição oral e comunicam a sobrevivência de um gesto ancestral. As filmagens dessa arte interferem nesse processo, ao amplificar as potencialidades da narração e registrar esse retorno da literatura ao espaço geográfico de onde saiu. O método de *mise en scène* compartilha com os narradores as exigências de sua arte, baseada na economia de gestos. À postura hierática dos corpos dos narradores, as filmagens respondem com o plano sequência, fixo, de forma a valorizar a prosódia e a musicalidade da natureza. O cinema torna-se, assim, caixa de ressonância da linguagem sertaneja e roseana, linguagem metafísica, constituída de neologismos e de sons puros, testemunha da experiência humana do contato com as forças da natureza, com a geografia, com o infinito.

Reverberações políticas na obra de Christiane Jatahy

Profª Drª Gabriela Lírio Gurgel Monteiro (PPGAC)

A comunicação analisa “A floresta que anda”, de Christiane Jatahy. A pesquisa empreendida pela diretora vai ao encontro da diluição de fronteiras, o que pode ser balizado inclusive pelo fato de que atualmente sua obra ganha cada vez mais espaço internacional, em países como França, Portugal e Alemanha. Trabalhando com artistas convidados e parceiros nacionais e estrangeiros, interessa a ela a investigação de uma zona indefinível entre o teatro, a performance, o cinema e as artes visuais; o tensionamento entre ficção e realidade; a pesquisa sobre as relações nem sempre demarcadas entre ator e público e a investigação de espacialidades e temporalidades no processo de criação nas artes da cena. O pensamento sobre a cena ampliada ou expandida, multifacetada em seus saberes múltiplos, fronteirios e intercambiáveis, é fortemente presente na obra da artista que, em seu conjunto, é reflexo da busca incessante pela pesquisa de linguagem e pela ruptura de uma cena teatral convencional. A relação entre documentário e ficção é explorada em “A floresta que anda” na tentativa de responder à pergunta “Como eu posso pegar um texto sobre o horror e a violência, sobre essa ambição, e falar dele hoje?” (JATAHY, 2017, p.20). Para isso, o espectador é inserido na ação ao ser parte da instalação, imerso em uma situação ficcional e, ao mesmo tempo, sendo parte da realidade exposta. Ao tornar visível o sistema perverso ao qual estamos inseridos, Jatahy busca criar um “teatro do invisível” (JATAHY, 2017, p.24), em que, a partir de uma estrutura delineada, há o imprevisto, o que foge ao controle, o que não se sabe.

A subtração como procedimento performativo

Caio Felipe da Silva Santos Monczak (PPGAC)

Orientador: Prof. Dr. André Parente

A presente pesquisa em andamento toma como objeto de estudo o procedimento de subtração dos elementos de poder que libera outras potencialidades de teatro. Essa potencialidade é não representativa, paradoxal e produtora de conexões. A hipótese levantada é a de que esse procedimento, advindo do Teatro Menor de Carmelo Bene, também é situado em outras práticas. Sugiro que o Modo Operativo AND, a cartografia como pesquisa

-intervenção, as peças do grupo de teatro performativo “Forced Entertainment” e a peça “Autobiografia de todo mundo”, a qual atuei como diretor, também funcionam a partir do procedimento de subtração. Aproximando o plano teórico do prático, a proposta aqui é percorrer as camadas e as possibilidades do procedimento de subtração. A partir de experimentações, subtrair elementos de poder e acompanhar o que acontece. Carmelo Bene subtraía de Shakespeare: em Romeu e Julieta, o Romeu (representante do poder das famílias), em Ricardo Terceiro, todo sistema real e principesco (representantes do poder do estado); o Modo Operativo AND, de Fernanda Eugenio, subtrai a cisão entre sujeito e objeto, para liberar a potencialidade do acontecimento; a Cartografia subtrai o sentido tradicional e único de método, em que se estabelece objetivos previamente - metá (objetivo) - hódos (caminho) - para afirmar um modo de pesquisar onde os objetivos vão se traçando no caminhar (hódos-metá); o “Forced Entertainment” subtrai, através de diversos procedimentos de listas e interrupções, a narrativa linear enquanto estrutura de um teatro tradicional; o Grupo Nômade subtrai pedaços das biografias do público para criar uma personagem de familiaridade estranha, uma vez que sua biografia é fruto da colagem dos fragmentos das biografias do público. Feito esse mapa me pergunto: como e até onde mais pode-se ir com esse procedimento hoje? Visto que, como diz Peter Pál Pelbart, o poder tornou-se pós-moderno, molecular, tomou de assalto a vida e a controla meio que por dentro.

“Homem (In)Visível” (uma autoficção): construindo narrativas audiovisuais a partir dos limites entre vida e criação artística

Evandro Manchini (PPGMC)

Orientadora: Guiomar Ramos

Este projeto tem como objetivo investigar os limites entre real e ficcional no campo do cinema documentário contemporâneo e, como reflexo da investigação, criar uma realização audiovisual. Tomando como pressuposto o pensamento de que a narrativa audiovisual não está submetida às regras linguísticas e de que ela, ao invés de contar a história de personagens e de coisas, conta os próprios personagens e as coisas, “Homem (In)Visível” almeja apropriar-se de linguagens variadas, documentais e ficcionais, para retratar o processo de revelação da sorologia positiva de um indivíduo que, até então, tinha muito medo de se expor. Este indivíduo, o homem invisível, o portador do vírus HIV, é também o autor deste projeto. Seria isso, então, o ponto de partida para uma autoficção? Assim, tendo em vista esse panorama, surgem algumas outras questões a serem problematizadas, tais como: o que seria a autoficção no audiovisual e quais são os elementos balizadores que a legitimam como tal? Que diálogos podem ser estabelecidos com a performance? Como se dá a manipulação de elementos biográficos e a ressignificação de imagens através dos procedimentos de montagem? Qual o tipo de postura o autor-cineasta-artista tem diante daquilo que registra? Quais são as estratégias adotadas na criação de um filme dispositivo? Dentro de uma era de selfies, quais outros tipo de relação o espectador pode estabelecer com obras que dialogam diretamente com o real? A partir da análise dos procedimentos utilizados pelo cineasta Kiko Goifman em seu filme “33” e pelas experimentações do videoartista Rafael França – ambos atravessados pela questão da utilização de elementos biográficos em suas obras - e através das colocações de autores como Jean Claude Bernadet, Francisco Elinaldo, Bill Nichols, Ramon Mello e Michel Foucault, é que pretende-se elucidar as questões acima levantadas. Em provável formato de videoinstalação, “Homem (In)Visível” evoca discussões em campos diversos ao abordar os processos subjetivos e objetivos vivenciados por quem vive com HIV/Aids nos dias de hoje: o hibridismo dos gêneros cinematográficos, os limites entre vida e criação artística e a desmistificação de uma doença há tanto tempo estigmatizada. Através do olhar de um indivíduo sobre sua própria trajetória, pretende-se dar visibilidade à reflexões de caráter universais.

Experiências teatrais e performativas autoficcionais: potências estéticas e políticas do falar de si na cena contemporânea

Gabriel Antunes Morais (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Gabriela Lírio Gurgel Monteiro

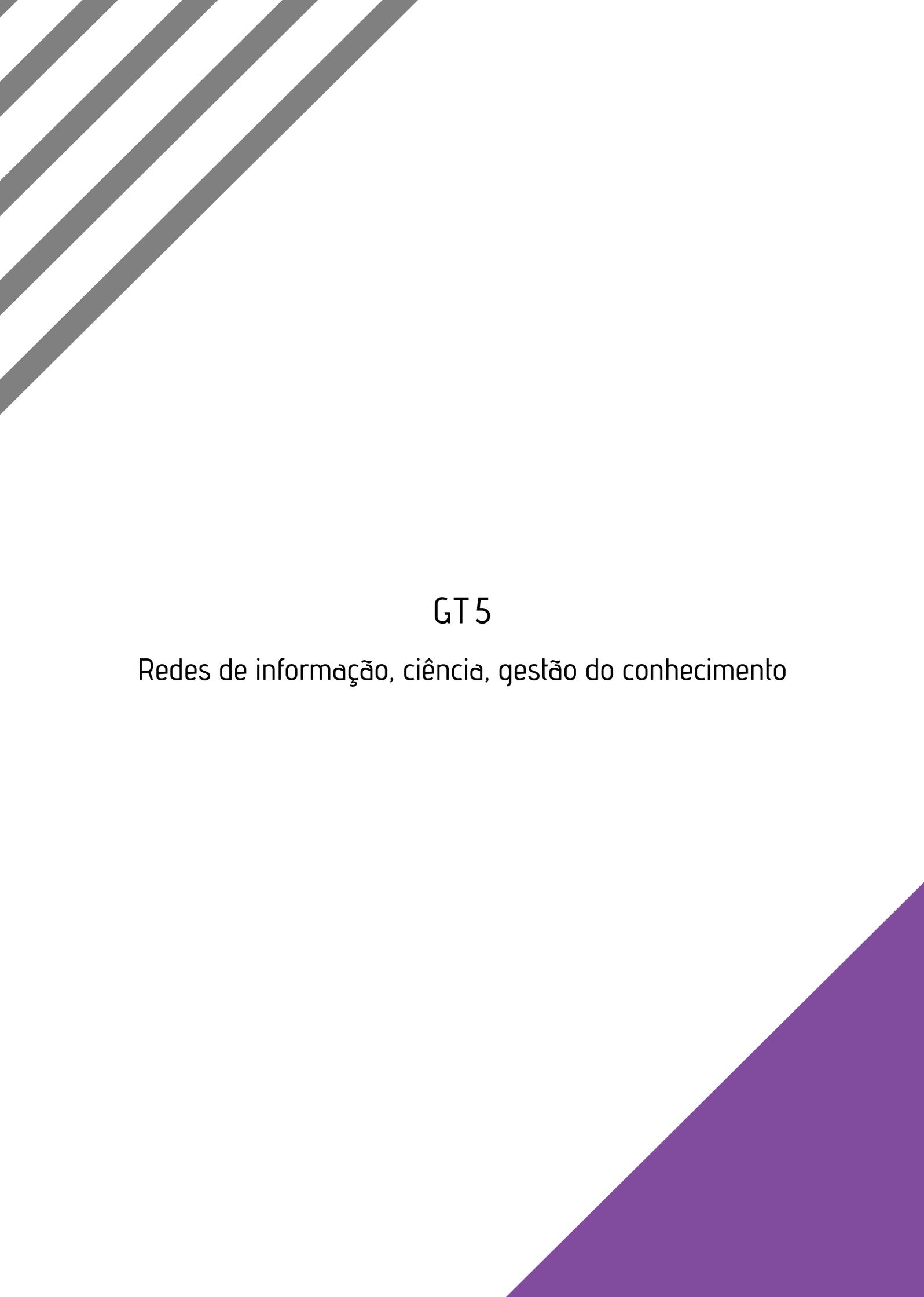
O avanço da cultura midiática na sociedade, a partir do fim do século XX, está marcado pelo falar de si e pela espetacularização do sujeito. O privado e o íntimo se tornam cada vez mais visíveis, promovendo uma explosão daquilo que Leonor Arfuch (2010) chama de espaço biográfico. No teatro, verifica-se o uso das realidades vivenciais dos atores/atrizes (memórias, desejos, objetos pessoais) na composição de narrativas pessoais. Quais as potências estéticas e políticas das “autoficções” (GASPARINI, 2008) na cena teatral e performativa? A pesquisa tem como objetivo principal responder à questão, analisando manifestações teatrais e performativas que produzam narrativas autoficcionais em seus processos artísticos. Foram selecionados, como objetos de estudo, os espetáculos “Laura”, de Fabrício Moser, “Casa Vazia”, do Teatro do Caminho, e “Cidade Correria”, do Coletivo Bonobando. Cada um deles, apresenta uma proposta estética diferente, além de modos distintos de criar autoficções na cena. O estudo apresenta uma revisão bibliográfica, a partir de dois eixos principais: de um lado, busca-se delinear noções ligadas à escrita/narrativa de si; de outro lado, aprofunda-se o entendimento de noções relacionadas à performatividade (FÉRAL, 2015) e às práticas do real na cena contemporânea (SANCHEZ, 2007). Para isso, a análise de espetáculos torna-se relevante no intuito de mapear questões significativas à produção cênica contemporânea. Por meio da realização de entrevistas com os artistas criadores, investiga-se narrativas baseadas nas memórias dos processos de criação dos espetáculos, entendendo que tais narrativas também são parte deles. Os espetáculos são, portanto, apenas instantes de algo que se inscreve na duração e, desse modo, podem ser considerados reflexos de uma criação em movimento.

Contemporaneidade e teatro para crianças: processo de criação de texto performativo e a prática do dramaturgista

Necylia Maria da Silva Monteiro (PPGAC)

Orientador: Prof. Dr. Fernando de Souza Gerheim

Pretende-se apresentar os encaminhamentos da pesquisa de mestrado que se desenvolve dentro do panorama das metodologias de pesquisa em arte no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A pesquisa tem por objetivo a experimentação criativa de um texto para a cena com atores do Grupo de Pesquisa Teatral Cena Aberta/MA, além de buscar reflexões sobre escrita de teatro para crianças aliada ao texto teatral contemporâneo e à prática do dramaturgista. No estágio atual do mapa da pesquisa elucidam-se estudos de processos criativos em dramaturgia contemporânea tanto em diálogo com experiências como as de Rewald (2005) em “Caos Dramaturgia” e de Leite (2017) em “Autoescrituras Performativas”, como estabelecendo relações com conceitos propostos por Salles (2017) em “Autoria e Criação em Rede”, com o objetivo de pensar a sala de ensaio e o trabalho de dramaturgismo com os atores e atrizes em que foram geradas materialidades de textos, cadernos de artistas e registros de mídia. Neste momento, temos a intenção de expor a atual etapa do processo de escrita evidenciando assim a genética teatral (Grésillon; Mervant-Roux Budor, 2013) e suas implicações na pesquisa. Dessa forma, a comunicação do trabalho visa promover uma narrativa dialética que caminha entre procedimentos de escrita e experimentação com o grupo e os cadernos de criação vistos como materialidades geradas com a finalidade da construção dramática.



GT5

Redes de informação, ciência, gestão do conhecimento

Sessão A

Ciência aberta e inovação cidadã

Profª Drª Sarita Albagli, Allan Yu Iwama, Andre Appel, Anne Clinio, Beatriz Cintra Martins, Daniel Strauch, Henrique Parra, Hesley Py, Luana Rocha, Miguel Papi, Paulo Guanaes, Vanessa Jorge, Victor Barcellos (PPGCI)

O Programa de Pesquisa trata dos movimentos emergentes em favor da ciência aberta – publicações abertas, dados de pesquisa abertos, ferramentas científicas abertas, cadernos abertos de pesquisa, ciência cidadã – e seu papel nos processos de mudança social e nas relações saber-poder. O trabalho apresenta um panorama dos principais eixos temáticos, questões, pressupostos e caminhos metodológicos dos projetos de pesquisas desenvolvidos, no PPGCI, no âmbito desse Programa de Pesquisa, que abrange projetos de mestrado, doutorado, pós-doutorado e iniciação científica, bem como seus principais resultados e conclusões. Demonstra-se que: (1) mais do que um termo guarda-chuva, a ciência aberta constitui um movimento de movimentos, que se articulam e têm implicações mútuas; (2) colocam-se em questão: ciência aberta para quê, para quem e em que condições; (3) uma das questões-chave refere-se ao controle e à governança das infraestruturas de produção e comunicação da ciência, entendidas como expressões das relações sociais e de poder, incidindo nas condições de circulação e apropriação da informação e do conhecimento; (4) em disputa está o controle e a apropriação do comum e dos comuns, no âmbito das redes e dos territórios, enquanto formações sociodigitais.

Políticas editoriais e a função social dos direitos autorais na comunicação científica

Adriane Carvalho Carrera (PPGCI)

Orientadoras: Profª Drª Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Profª Drª Bianca Amaro

Esta pesquisa se propõe a investigar e refletir a dinâmica processual no tratamento das questões de direitos autorais nas comunicações científicas no Brasil e no exterior. Ou seja, realizar diagnóstico acerca da atuação das políticas de direitos autorais frente aos problemas que as afetam, com vistas a compreender as implicações desses fatores para a sociedade brasileira. A análise da forma como são tratados os direitos de autor e conexos, bem como as políticas editoriais em comunicação científica tornam possível perceber quais estratégias são realmente eficazes, para democratizar a comunicação entre os pesquisadores e, por consequência, para a sociedade, além de estabelecer novos paradigmas para as publicações científicas. Foi realizada pesquisa exploratória, na qual foram adotados procedimentos metodológicos eminentemente quantitativos via análise de dados dos diretórios de políticas editoriais Diadorim e Sherpa/Romeo, a fim de construir o referencial empírico e, assim, alcançar os seus objetivos. Busca-se avaliar a importância dos direitos autorais na comunicação científica, e suas conexões desenhadas nos novos paradigmas tecnológicos vigentes, principalmente pelas possibilidades advindas com a internet e web. Os direitos autorais, por sua vez, refletem diretamente o uso da informação nas comunicações científicas, já que têm aspectos que influenciam na atribuição de autoria das obras editoriais, na forma de utilização do conteúdo disponibilizado pelas editoras, bem como no controle de distribuição e acesso a essas obras.

A episteme comunicacional como práxis na obra de Muniz Sodré: um estudo sobre ética e epistemologia na ciência do comum

Bruna Távora (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Coutinho

Na obra “Ciência do Comum”, de Muniz Sodré (Vozes, 2014), a comunicação não corresponde, exclusivamente, a um procedimento racional e consciente, fincado na transmissão de mensagens entre emissor e receptor. Comunicação refere-se à ideia ontológica do ser social. Os seres, ao partilharem um comum através de formas de vínculo e interação, constituem a si e aos outros. Nesse trabalho, o autor apresenta sua síntese acerca da comunicação, demonstrado seu papel na formação das condutas e da consciência social, enfatizando, portanto, sua dimensão ética, vinculativa e ontológica. Pela mediação desse pressuposto epistemológico, a comunicação que aparece em sua obra não é o que acontece depois que a linguagem se codifica, mas sim aquilo que corresponde ao exercício relacional e à obrigatoriedade do vínculo que efetiva-se e constitui-se entre as pessoas que compartilham a mesma existência. Esse fato vinculativo é o que determina a construção do objeto comunicacional para Muniz Sodré: o comum. O comum é aquilo que, quando objetivado, constitui a coesão comunitária e simbólica dos grupos. Neste trabalho – ainda em etapa exploratória – busca-se enriquecer a reflexão teórica do autor trazendo alguns elementos de Bakhtin (2011) sobre os processos de simbolização social, e uma nota de Marx e Engels (2014) acerca do conceito de categorias. Em seguida, justificamos a importância dessa redescritção da comunicação aventando seu caráter ético-político, posto que permite a compreensão do objeto comunicacional nas tramas da luta social. Para justificar esse aspecto, reunimos reflexões acerca do papel da ciência e da filosofia nos seguintes trabalhos: MARX E ENGELS (2014), GRAMSCI (2011) e BAKHTIN (2011). Estes autores foram escolhidos em razão da existência de dois dos pressupostos científicos que figuram na obra de Muniz Sodré, e que são afirmados por esses intelectuais: a) a afirmação da práxis do campo científico e, portanto, b) a negação da neutralidade axiológica da ciência. Nesse contexto, a hipótese aqui investigada é a de que a questão comunicacional na ciência do comum permite uma abordagem científica do real que, por sua vez, busca incidir na sua transformação. Assim, possibilita-se uma problematização ético-política das formações subjetivas contemporâneas, mobilizando uma abordagem fronteira entre a comunicação, a ética e a epistemologia.

Elaboração de um manual de boas práticas em *Ux Writing*: um estudo sobre o consumo de textos em interfaces móveis

Bruno Rodrigues (PPGMC)

Orientadora: Profª Drª Cristina Rego Monteiro da Luz

Propõe-se, com este projeto, a criação de um manual básico que apresente um panorama do estudo da redação para produtos digitais (UX writing), assim como boas práticas coletadas de casos brasileiros. Em mundo repleto de apelos sensoriais, envolto na experiência gráfica do meio digital, estimular o consumo de conteúdo textual é um desafio. Seu consumo depende da interface onde está a informação e, diferentemente do que acontece no impresso, no digital diversos veículos convivem em um mesmo ambiente. Em especial em dispositivos móveis, a missão de criar conteúdo textual atraente é ainda acentuada em aplicativos e em versões móveis de sites, centrados na utilidade da informação.

Affordances em redes sociais e fluxos informacionais: diálogos da Ciência da Informação e da Teoria das Materialidades

Larriza Thurler (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti

Esta pesquisa tem o objetivo de evidenciar a importância de estudos em torno da materialidade dos meios para guiar decisões acerca de tecnologias de compartilhamento de informação e criação de conhecimento organizacional no campo da Ciência da Informação e, mais especificamente, na subárea Gestão do Conhecimento. A Teoria das Affordances – sob a qual as propriedades materiais dos objetos indicariam potencialidades de ações do usuário – foi a ferramenta metodológica usada para explorar as diferentes relações dos indivíduos com plataformas diversas para troca de mensagens. O percurso investigativo foi composto por uma Revisão Sistemática de Literatura, a fim de obter um panorama amplo sobre o que vem sendo estudado sobre *affordances* de redes sociais para compartilhamento de conhecimento, e por um estudo de caso, cujo objeto de pesquisa foi um grupo de consultores no WhatsApp, para analisar empiricamente os efeitos das *affordances* dos sites de redes sociais no engajamento para criação de conhecimento organizacional. Com base nos dados coletados, foi desenvolvido um framework que oferece subsídios para pensar as materialidades dos meios, de maneira alinhada com elementos simbólicos, permitindo assim um olhar sistêmico sobre a tecnologia já implementada ou a ser adotada. Observou-se que a abordagem material ainda é pouco explorada no campo da Ciência da Informação, especialmente em estudos empíricos. No entanto, elementos tecnológicos também devem ser considerados, além dos simbólicos, tendo em vista que têm efeitos significativos na disseminação da informação e, portanto, na gestão de “Ba” ou em contextos capacitantes de conhecimento.

Mapeamento de usos e usuários da informação no Arquivo Nacional

Rodrigo Aldeia Duarte (PPGCI)

Orientador: Profª Drª Rosali Fernandez de Souza

Este trabalho é a apresentação de uma proposta de pesquisa em construção centrada no estudo de usos e usuários do Arquivo Nacional de 2006 a 2018. A pesquisa será desenvolvida a partir de análise quantitativa e qualitativa de dados referentes ao atendimento ao público na instituição, buscando produzir um importante elemento de diálogo entre a Arquivologia, os estudos de usuário e a análise do comportamento informacional constituída na Ciência da Informação. Os dados disponíveis encontram-se dispersos em distintos formatos, e o trabalho encontra-se na fase inicial de formulação. A análise da informação a partir de critérios objetivos proporcionará uma compreensão geral dos dados balizada pelas perspectivas da proposta de pesquisa, dando ensejo a futuras conclusões acerca dos usuários e usos da informação sob custódia do Arquivo Nacional. A organização de dados referentes a documentos utilizados para o atendimento ao público em distintas categorias pode permitir distintas abordagens. Separados por conjuntos documentais específicos ou por grupos de conjuntos documentais conexos, será possível delinear quadros comparativos entre variadas temáticas de pesquisa. Sob outra perspectiva, pode-se isolar os dados pelas distintas formas de atendimento da instituição, presencial ou a distância, e suas diferentes estruturas e documentação. Com essa divisão, é possível verificar impactos da internet e do correio eletrônico no atendimento. Outros objetivos da pesquisa são entender sobre quais conjuntos documentais dá-se maior incidência de pesquisa, quais são os períodos mais consultados e os principais

temas de pesquisa, bem como promover uma avaliação do impacto de ações de digitalização de documentos e disponibilização online de representantes digitais no volume de acessos a determinados conjuntos documentais. Neste trabalho apresentaremos o estado atual do desenvolvimento, os dados brutos e suas possibilidades de uso e as principais questões surgidas, muitas ainda em busca de resposta.

O comum e o conhecimento

Victor Gomes Barcellos (PPGCI)

Orientadora: Profª Drª Sarita Albagli

O conceito de comum foi debatido em diversas perspectivas, campos do conhecimento e propostas de ação. Entretanto, continua recebendo novas definições e dimensões provocadas pelos fenômenos sociotécnicos contemporâneos. Em especial, a proliferação de bens imateriais possibilitados pelas tecnologias digitais de informação e comunicação e o decorrente questionamento quanto ao seu estatuto e forma de governança. Dentre esses bens, pode-se destacar o conhecimento científico, que vem sofrendo transformações em seus processos de produção/comunicação. Assim, o presente trabalho tem como objetivo colocar em diálogo as diversas perspectivas do conceito de comum com as novas propostas de definição e produção de conhecimento. Para tal, percorreremos algumas das principais referências que tratam do conceito de comum. Em primeiro lugar, estudaremos a abordagem de Elinor Ostrom presente em “Understanding knowledge as a commons” (2007). E, posteriormente, será destacada a contribuição de Pierre Dardot e Christian Laval em “Comum: ensaio sobre a revolução no século XX” (2017). Dentro dessa bibliografia, procuraremos identificar como essas correntes abordam a questão do conhecimento. Em seguida, estabeleceremos relações entre essas abordagens do comum com as propostas da ciência aberta e da ciência comum. A ciência aberta, dentre as suas diferentes perspectivas e agendas, teve como um de seus focos principais a reivindicação pelo acesso aberto ao conhecimento produzido pela ciência (ALBAGLI, 2015). Já a ciência comum, conceito desenvolvido por Lafuente e Estalella (2015), engloba a comunicação não apenas dos produtos desenvolvidos pela ciência em seu estado pronto, mas também do próprio processo de produção de conhecimento. Dessa maneira, esperamos compreender mais a fundo como as agendas do comum, com recorte para a questão do conhecimento, podem se cruzar com as novas formas de organização da produção científica, em especial nos movimentos pela ciência aberta e ciência comum. E, com isso, colocar em diálogo tais perspectivas de pensamento e prática, que têm sido trabalhadas de forma paralela, mas acreditamos poder se fertilizar reciprocamente.

Sessão B

Estado na era das “bolhas”: o Laboratório Hacker da Câmara dos Deputados como experimento de participação cidadã digital no regime global emergente de informação

Ana Lúcia Alexandre Borges (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra

Este trabalho pretende traçar um diagnóstico da forma como o Estado brasileiro vem flertando com a inteligência artificial, em plataformas voltadas para a participação cidadã, ao incorporar o uso de técnicas como algoritmos, machine learning (aprendizagem automática das máquinas) e chatbots (atendentes-robôs digitais). Tomando como objeto o Laboratório Hacker da Câmara dos Deputados (LabHacker), nascido em 2013 em Brasília, e tendo como pano de fundo o regime global emergente de informação, tencionamos examinar como se dão a apropriação das tecnologias e a atuação em rede no Estado, expondo as potências e os entraves na interação do laboratório com a população ao longo do processo legislativo. O LabHacker articula conexões colaborativas, em rede, para elaborar aplicações digitais que ampliem a transparência e a participação social na Câmara, tais como ferramentas de crowdsourcing para a fabricação coletiva de leis. Em grupos de estudo, servidores do laboratório discutem desafios contemporâneos, como notícias falsas (*fake news*) ou vigilância de dados e investigam novas tecnologias a serem usadas pela gestão pública. Entre os objetivos da pesquisa – iniciada no 1º semestre/2019, ainda na fase de revisão bibliográfica – estão: observar em que medida as ferramentas geridas pelo LabHacker se constituem como facilitadoras do engajamento entre a pauta legislativa da Câmara e a sociedade; mapear a apropriação pelo Estado de conceitos ligados à inteligência artificial e à filtragem de dados; investigar se o LabHacker incentiva o desenvolvimento da competência crítica em informação pela sociedade. Será usada como metodologia a abordagem qualitativa – revisão de literatura interdisciplinar; análise das ferramentas digitais; observação não participativa dos encontros do grupo de estudos; entrevistas em profundidade semiestruturadas. Ao final, espera-se testar a hipótese de que o LabHacker evidencia que o Estado vem se apropriando de recursos associados à inteligência artificial para desenvolver iniciativas que culminem no engajamento popular. Talvez aí resida uma via para, eventualmente, “furar” as bolhas informacionais das redes sociais e trazer os cidadãos ao debate de políticas públicas, contribuindo para o desenvolvimento da competência crítica em informação por parte dos indivíduos.

Novas configurações de verdades e a reinvenção dos afetos: estudo das desavenças entre membros de grupos de famílias do WhatsApp nas eleições de 2018

Arlete Nery de Andrade (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra

Um tradicional encontro de família. União e harmonia, de repente, se quebram numa discussão infundada por conta de uma divergência qualquer. Daí algum membro interrompe a discussão, lembrando que é hora de voltar para casa. E assim, após um dia inteiro de confraternização, todos seguem para seus lares, contando as

fofocas e desavenças do dia, aguardando ansiosos o próximo encontro. Elizabeth Bott entende esse grupamento como uma rede social de malha estreita, onde a conexão entre os membros precisa sempre utilizar-se de recursos para mantê-la coesa, numa espécie de plano de sobrevivência (BOTT, 1976). Para ela, existe um contrato social sobre o que é ser uma família normal, e sobre quais normas sociais da vida familiar devem prevalecer para que haja o reconhecimento da sociedade sobre a legitimidade desta rede de convivência. E se antes os laços de sangue eram suficientes para o estabelecimento do grupo, na era da informação e da tecnologia, utilizar-se de recursos para promover esta união pode representar status e acesso democratizado ao poder sobre o grupo. O que não se esperava era essa mesma configuração macro familiar numa reunião não imaginada até cerca de sete anos atrás. São as mesmas pessoas, mas sem os cheiros, sem as expressões faciais, sem hora de chegada ou de saída. E sem um motivo real para estarem reunidas. Esses são os Grupos Familiares de WhatsApp, um terreno fértil e desvirginado com virulência que se tornou palco dos maiores acontecimentos de desavenças nos cenários políticos recentes. Elementos periféricos fundamentais da comunicação humana, como o gestual e os aromas, foram dispensados, o que propiciou uma alteração no modelo de interpretação da informação, formatado por anos no cérebro humano, deixando um vácuo crítico que só fez aumentar a temperatura, seja no sentido empático como no antipático, daquilo que de fato se quer comunicar. Isso tudo acontecendo numa reunião permanente, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Componentes eficientes para a deflagração de grandes conflitos humanos. A explosão seria inevitável no cenário eleitoral de 2018, que se desenhou com o pano de fundo do ódio, da intolerância, da polarização de ideias. De uma forma geral, o que se vê nas mensagens de WhatsApp são os sistemas de verdade anunciados por Foucault, nos quais não há a inspeção estrutural sobre os termos em que se estabeleceram (FOUCAULT, 1979). No jogo de observação e representação, destaca-se, e ganha força, a questão do poder, subjugando todos os saberes ali presentes a um jogo onde se incluem as peças da autoridade patriarcal, do saber do mais velho, da maior potência econômica e de eventuais destaques por eloquência. A presente proposta é uma prévia da pesquisa que vem sendo desenvolvida sobre as possíveis novas formas de socialização que estão sendo inauguradas no ambiente de Grupos do WhatsApp e seus possíveis desdobramentos no que se refere à redefinição dos afetos e da defesa de verdades absolutas.

Avaliação de ativos intangíveis e valor em cultura

Daniele Cristina Dantas (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Marcos do Couto Bezerra Cavalcanti

Reconhecer a informação como ativo estratégico e sua gestão a partir dos Capitais do Conhecimento (capitais ambiental, intelectual, estrutural e de relacionamento) é central no processo de construção de valor na sociedade do conhecimento (CAVALCANTI et al, 2001). Ativos importantes e criadores de valor, informação e conhecimento representam atualmente parcela importante da riqueza de empresas e países. Isto se percebe na capacidade de incremento de valor no Produto Interno Bruto (PIB) de algumas nações, com ativos informacionais, dinamizados interna e externamente (CAVALCANTI, 2002). Tendo-se a informação elemento central na avaliação dos ativos culturais, intangíveis e valor adicionado para gestão e políticas culturais no século XXI, pauta-se o mapeamento dos processos de construção de valor e avaliação de seus intangíveis e valor pela lógica do modelo dos Capitais do Conhecimento. Para isso, observa-se a contribuição de informação e conhecimento na cultura, área de fluxos de valores não materiais expressivos com implicações nos contextos simbólico e econômico. Imersos em um ambiente de complexidade econômica (HIDALGO, HAUSMANN, 2011), com fluxos e dinâmicas sociais e econômicas estruturados em rede (BARABÁSI, 2009), as perspectivas de análise se pautam em aspectos relacionados ao valor em arte e cultura (KLAMER, 1996; BELFIORE, FIRTH, 2014), à valorização cultural e às influências ambientais (KLAMER et al, 2017) e em percepções sobre desenvolvimento cultural (FURTADO, 2012; BOLAÑO, 2015). A

gestão e as políticas culturais contemporâneas e os interesses em evidenciar a importância estratégica do campo nos contextos econômico e simbólico suscitam questões relacionadas aos ativos culturais como vetor econômico. Contudo, ainda encontram-se limitações para verificar os processos e aspectos que se traduzam como melhores indutores da construção de valor expresso numericamente. Tendo em vista que análises sobre a representação da cultura na economia dos países ocupam lugar destacado, dedicar atenção a análises sobre a informação e seus fluxos como identificadores e produtores de valor (MARAZZI, 2009) na cultura apresenta-se como recurso tático. Assim, a pesquisa em construção considera uma perspectiva analítica a partir do modelo dos Capitais do Conhecimento que traz contribuições para o entendimento dos processos de criação de valor na cultura, tendo a avaliação dos ativos intangíveis na cultura como referência. O modelo considera a avaliação dos fatores em um ambiente sinérgico no qual se entende a fonte da produção de riquezas a partir da interação de seus capitais ambiental, intelectual, estrutural e de relacionamento. A investigação encaminha a considerações favoráveis à compreensão da representação do valor dos ativos culturais, pela perspectiva de informação, conhecimento e seus fluxos como variáveis centrais, orientando-se através de uma análise conjugada de fatores por uma perspectiva de interconexão.

Entre a ciência e a cura: estudo de caso do movimento antivacina febre amarela no Youtube

Isabela Pimentel (PPGMC)

Orientadora: Prof^a Dr^a Alda Rosana Duarte de Almeida

Considerando a realidade brasileira e os recentes dados epidemiológicos, verifica-se que, após a permanência de elevadas coberturas vacinais por mais de uma década, sete das principais vacinas do Calendário de Imunizações tiveram suas taxas de administração reduzidas (PNI, 2018). Em nota, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO, 2018) explicou esse fato relacionando-o a um contexto político e econômico frágil, falsa sensação de segurança devido ao desaparecimento de algumas doenças que já não provocam mais surtos e crescente movimento antivacina, incrementado pela divulgação de boatos e *fake news* contra a efetividade dos imunizantes e propagação de dados inverídicos sobre mortes e efeitos adversos. Sunstein (2010) contextualiza que muitas páginas se dedicam a publicar boatos como meio de atrair visitantes, espalhando informações infundadas, na tentativa de criar um discurso paralelo sobre a ciência e saúde, e que às vezes encontra eco em determinados nichos. Diante da existência de diversas pesquisas que relacionam a propagação de boatos que viralizam com os impactos na saúde pública, justifica-se a realização desse estudo, especialmente por focar nas lacunas das pesquisas mais recentes e publicadas em periódicos como *American Journal of Health Education* (SOMARIVA et al., 2018) *Computer* (FANG et al., 2014) e *Health Policy and Technology* (WASZAK et al., 2018). A partir do exposto, o objetivo geral é analisar como os canais não oficiais de saúde tem disseminado boatos sobre vacinas no Youtube, tendo como foco o caso da febre amarela, de forma a entender como as pessoas consomem essas informações, por quais motivos acreditam nelas e contribuem para a viralização sem checagem. Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico sobre os principais estudiosos da área de rumores, sua propagação na era pré-Internet e o compartilhamento de boatos nas redes sociais. Posteriormente, será realizado um estudo descritivo, de natureza qualitativa com seguidores de canais do Youtube que atribuem credibilidade aos vídeos publicados sobre crenças naturais, em oposição à eficácia das vacinas, focando especialmente na febre amarela e vídeos compartilhados no período dos dois grandes surtos (janeiro de 2017 a março de 2018). O método de coleta de dados será baseado em entrevistas em profundidade, a fim de que se possa compreender as motivações de quem acredita nessas curas naturais e compartilha esses conteúdos no cotidiano. Assim sendo, o principal resultado esperado para esse estudo, ainda em andamento, é a compreensão dos fatores que podem motivar o compartilhamento dessas informações sem checagem pelos consumidores de vídeos no Youtube. A partir dis-

so, busca-se propor estratégias comunicativas mais eficientes para romper o ciclo de viralização dos boatos, de forma que o conteúdo checado possa ter mais credibilidade perante o cidadão, minimizando assim, os perigos que a desinformação traz à saúde pública, especialmente os riscos da não-vacinação.

Financiamento de campanha política da bancada evangélica: uma abordagem metodológica no âmbito da Ciência da Informação

Josir Cardoso Gomes (PPGCI)

Orientadores: Prof. Dr. Marco Schneider e Prof. Dr. Ricardo Medeiros Pimenta

Em nenhum outro momento da história, o ser humano pode obter informações sobre o universo que o cerca tão facilmente e de forma tão barata como na atualidade. Pela internet e pelas mídias digitais, é possível obter tanto informações corriqueiras do cotidiano da cidade como também informações importantes sobre políticas públicas e artigos científicos que podem impactar na subsistência de toda uma comunidade. A hipótese central norteadora dessa pesquisa é a de que, à medida que aumenta a complexidade de fenômenos sociais e políticos, são necessárias novas metodologias que permitam que cientistas consigam recuperar, organizar e analisar grandes volumes de dados, capacitando-os a gerar novos conhecimentos e teorias científicas. Assim, a pesquisa parte da seguinte pergunta: é possível utilizar-se de técnicas de mineração de dados como um método de pesquisa na Ciência da Informação? A escolha e pertinência do tema da pesquisa surgiram em função da atual turbulência política no Brasil, que tem sido fonte de grande inquietação dos pesquisadores nos rumos da nossa incipiente democracia. O crescimento das candidaturas evangélicas ao longo dos últimos 20 anos trouxe pautas conservadoras que poderiam limitar ou cercear a liberdade de minorias que não compartilham os mesmos valores morais dos diferentes grupos religiosos evangélicos. Como o principal fator de sucesso eleitoral está associado ao financiamento das campanhas políticas (MANCUSO; SPECK, 2015), estudar como se dá o financiamento de campanha desses candidatos pode trazer à tona um novo conhecimento sobre esse fenômeno. A ideia central, dentro de uma perspectiva marxista, está na possibilidade de descobrir quais frações de classe que financiam tais políticos e se tal financiamento se diferencia dos políticos não evangélicos. Para esta análise, serão utilizados os dados de financiamento de campanha política de 1998 a 2018, a base de resultados eleitorais do TSE, e outras bases com dados demográficos para encontrar padrões e classificações dentre os políticos que se autodenominam evangélicos. A partir dos dados coletados, serão utilizadas técnicas de mineração como o intuito de comparar as classificações existentes das denominações evangélicas com as classificações geradas por máquina, fazendo assim uma análise crítica dos resultados encontrados. Como ao longo da revisão bibliográfica foram encontrados poucos trabalhos acadêmicos que tratam da interseção da CI com o uso de mineração de dados, esta pesquisa pode sugerir novas metodologias de pesquisa nas Ciências Sociais. Apesar do foco da pesquisa empírica ser a influência dos evangélicos na política brasileira, o desenvolvimento de um arcabouço metodológico que facilite a classificação de agentes políticos em função do tipo de financiamento e do sucesso (ou insucesso) eleitoral, abre novas possibilidades na área da ciência política e também para a CI, que tem entre um dos seus pilares os sistemas de classificação e organização do conhecimento.

O novo ecossistema da música e a sustentabilidade de músicos profissionais independentes na era digital

Luciana G. de Araujo (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Afonso Cláudio Segundo de Figueiredo

A pesquisa traça um breve panorama sobre como os efeitos da inovação tecnológica e da “disruptura digital” (*digital disruption*) vêm reconfigurando, no século XXI, a indústria musical e seus diversos agentes com interesses conflitantes. Neste processo – comum a todo setor de entretenimento – de digitalização, desmaterialização e desmonetização da música gravada, alteraram-se sua percepção de valor e seu padrão de consumo. Daí que, em pleno movimento e em escala mundial, um novo ecossistema da música vem se redesenhando no contexto digital da sociedade de “prosumidores” (produtores + consumidores), conectada em rede pela internet. Apesar de trazer oportunidades, este novo modelo também evidencia obstáculos para a manutenção da diversidade cultural, bem como para a subsistência dos agentes da área de criação e produção musical que não pertencem ao *mainstream*: músicos profissionais, compositores, produtores musicais e artistas independentes. São eles o foco deste estudo, que busca identificar quais vêm sendo as estratégias adotadas e as visões destes músicos profissionais, alguns deles imigrantes digitais, para lidar com este novo cenário, onde o tempo a ser empregado para o aperfeiçoamento do ofício musical disputa atenção com a demanda de competências relacionadas ao empreendedorismo. Dentre alguns problemas identificados, foram encontradas lacunas na própria compreensão dos profissionais sobre como acionar recursos das novas plataformas digitais de música; falta de transparência na remuneração por direitos autorais; evasão de plateias; políticas públicas culturais rarefeitas e redução da quantidade de palcos nos centros urbanos. A partir de entrevistas qualitativas com músicos sediados no Rio de Janeiro, um questionário na internet (netnografia) e o exame de notícias e artigos voltados para um mercado em contínua mutação, a pesquisa procura delinear tendências para a sustentabilidade da música. Como resultado complementar, foi desenvolvida uma plataforma de comunicação voltada para músicos, em formato de website, para informar alguns dados da pesquisa de forma mais palatável, fazendo uso de recursos visuais e interativos.

Meu primeiro celular: iniciativas para desenvolver a competência crítica (infantil) em informação

Talita Figueiredo (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Arthur Bezerra

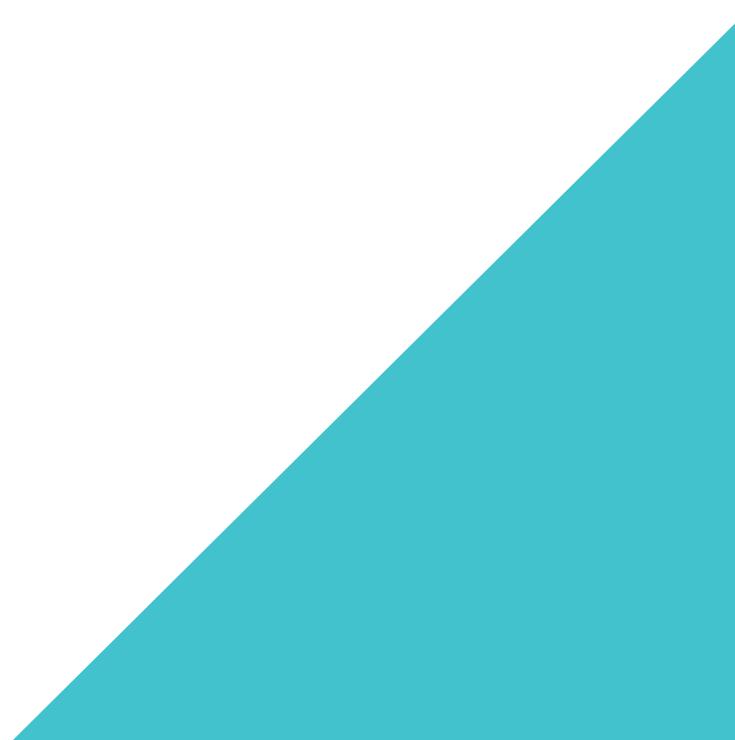
Partimos do pressuposto de que, na sociedade contemporânea, crianças cada vez mais novas fazem uso de dispositivos digitais móveis e conectados em rede. Nessa medida, este trabalho tem como objetivo analisar iniciativas nacionais e internacionais voltadas para a formação da competência crítica informacional de crianças entre 10 e 14 anos tanto sob a perspectiva do risco, quanto dos ganhos, desse engajamento digital precoce. Observamos que a geração que já nasceu num ambiente permeado por dispositivos conectados tem cada vez mais capacidade técnica para lidar com eles. Por outro lado, questiona-se se a criança que recebe um aparelho celular tem a competência crítica para lidar com a responsabilidade que o consumo e a produção de informação oferecem. Em certa medida, o telefone celular, principal meio de acesso à internet das crianças a partir dos 9 anos (TIC Kids Online Brasil 2016, pesquisa do Comitê Gestor da Internet no Brasil), se transformou em um

mediador delas com a realidade e com os processos informativos. Entre a competência crítica em informação e a mediação dos adultos, quais são as ferramentas capazes de contribuir e preparar a criança para uma juventude de participação política e social? A pesquisa tem como objetivo interpretar os dados quantitativos da pesquisa TIC Kids Online Brasil que apresentam informações sobre o uso de internet de crianças no país e detalhar os principais riscos e benefícios mapeados pela pesquisa; detalhar as iniciativas nacionais e internacionais de proteção à criança na rede e de formação de competência informacional; compreender como são elaboradas as estratégias de competência midiática; verificar se as iniciativas analisadas condizem com os principais problemas e oportunidades mapeados pela pesquisa TIC Kids Online Brasil. O estudo adota como metodologia a abordagem qualitativa – revisão de literatura interdisciplinar; interpretação dos dados quantitativos de fonte secundária (TIC Kids Online Brasil); análise de documentos das iniciativas propostas para formação das competências informacionais; e entrevistas em profundidade semiestruturadas com especialistas em temas relacionados à pesquisa.



GT6

Audiovisual, mídia e educação



Sessão A

A (des)construção audiovisual da realidade: uma metodologia para leitura crítica de programas e noticiários televisivos

Profª Drª Beatriz Becker (PPGCOM)

A televisão completa quase 70 anos no país, sob intensas reconfigurações. A transformação da produção e consumo de conteúdos e formatos em áudio e vídeo decorrente da digitalização dos meios na contemporaneidade demanda incursões em teorias e metodologias que possam tornar mais compreensível a complexidade dos processos comunicativos no ambiente midiático. A Análise Televisual Convergente (ATC) é um esquema analítico flexível para a leitura crítica de programas televisivos nas pesquisas em comunicação e em processos de aprendizagem. Este procedimento metodológico articula cinco dimensões: análise textual, singularidades da ambiência, circulação, características de organizações e de práticas produtivas e interações das audiências. A partir de uma reflexão sobre a centralidade da TV, a relevância dos noticiários televisivos como formas de conhecimento e as complexas relações entre palavras e imagens na produção de sentidos sobre a experiência social cotidiana na atualidade, este trabalho procura demonstrar a aplicação da ATC no estudo do telejornalismo.

Ai, ai, ai: a relação entre as trilhas sonoras nacionais de telenovelas dos anos 2000 e os top hits radiofônicos

Yke Leon (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Afonso Claudio Segundo de Figueiredo

Desde a década de 1950, quando chegou ao Brasil, a televisão foi se tornando um dos mais importantes meios de comunicação, entretenimento e cultura do país. Quando ainda estava por definir uma linguagem própria, o veículo importou do rádio seus astros e suas fórmulas de sucesso: os programas de auditório, os musicais e as telenovelas – uma versão com imagens das famosas radionovelas. Buscando contribuir para análise das relações entre televisão e indústria da música no Brasil, o presente trabalho tem por objetivo investigar o cruzamento das canções presentes nas trilhas sonoras nacionais de todas as telenovelas das oito produzidas pela Rede Globo durante a primeira década dos anos 2000, com as listas das músicas mais tocadas de cada ano nas rádios de todo o país, obtidas com exclusividade pelo pesquisador, a fim de descobrir com que expressividade as canções presentes nos folhetins televisivos apareceram também como as canções mais executadas nas emissoras nacionais. A partir da presente pesquisa, pode-se inferir algumas constatações: a) artistas de prestígio e relevância no cenário musical não se revertem, necessariamente, em sucessos radiofônicos; b) quanto mais relevante para a trama for o núcleo onde a música se insere, maiores serão as chances dela se consolidar como hit; c) mais de uma vez no período analisado, o mesmo artista aparece tanto na trilha quanto nos Top 10, porém com canções distintas – o que indica certa confusão por parte dos programadores musicais das novelas na escolha das trilhas; d) muitas vezes, ao invés de conferir prestígio e visibilidade para a canção, a novela opta por se beneficiar do status que a música já alcançou em um passado recente; e) o amor é o tema de maior incidência entre os hits radiofônicos presentes nas trilhas de novela.

Da necroestética ao novo “viral”: uma análise das imagens em movimento sobre HIV/AIDS

Matheuz Catrinck (PPGCOM)

Orientadora: Ivana Bentes Oliveira

A produção audiovisual contemporânea dos grandes circuitos parece não ter acompanhado o avanço das experiências relacionadas ao HIV. Com os novos dispositivos e tecnologias de produção de saúde e prazer, o ambiente cognitivo sobre o vírus da Aids ganhou outros horizontes. Porém, tanto a cinematografia *mainstream* quanto os produtos televisuais de grande alcance, notadamente no escopo ficcional, ainda reforçam os estigmas de um passado no qual portar o vírus se relaciona invariavelmente ao imaginário da morte. A pesquisa tem como proposta traçar um recorte de algumas obras do cinema de HIV/Aids e perceber, através de seus usos estéticos e de linguagem, como ainda existe uma sensibilidade negativa à sua volta. Mais do que isso, o estudo buscará entender de que maneira tais estetizações funcionam como produto e aparato da biopolítica (e da necropolítica), desqualificando, através de representações abjetas e por vezes monstruosas, corpos e subjetividades de pessoas vivendo com HIV. Na contramão dessa lógica, entretanto, é possível encontrar na web, na cultura de redes e até mesmo no cinema de garagem brasileiro, vlogs, webséries e obras experimentais que imprimem novos métodos e relações audiovisuais, “virais”, vindas da ascensão dos próprios sujeitos do discurso e do desenvolvimento de dispositivos de comunicação. São imagens em movimento que emancipam o HIV do campo da necroestética (ou estética da morte) e o trazem para novos regimes de visualização e horizontes do discurso.

A Bíblia, o microfone e o filme: iconoclastia e a produção de imagens pelo Centro AudioVisual Evangélico – CAVE (1950-1970)

Priscila Vieira Souza (Pós-Doutoranda CAPES/PNPD-PPGCOM)

Supervisor: Prof. Dr. Márcio Tavares d’Amaral

O Centro AudioVisual Evangélico, conhecido como CAVE, foi uma agência cristã-evangélica de produção midiática que funcionou no Brasil de 1950 a 1970. Seu principal investimento, em termos de produção, foi na tecnologia de projeção de imagens, então uma novidade no país. A presente proposta expõe resultados da pesquisa de doutorado, que analisou documentos organizacionais e arquivos imagéticos do CAVE. Os resultados embasam o atual trabalho no pós-doutorado. O objetivo da pesquisa era investigar relações entre comunicação, modernidade e aspectos religiosos por meio da análise histórico-contextual da organização e da produção do CAVE. A presente proposta enfatiza os resultados mais específicos da pesquisa no acervo imagético da agência, que apontam para uma visibilidade marcada pelo texto e, em certa medida, pela própria iconoclastia. Apresento os resultados em duas partes. Na primeira, resalto o Centro AudioVisual Evangélico e seus arquivos, demonstrando o que foi essa agência protestante de mídia e como ela funcionou durante duas décadas do século passado. Utilizo o logotipo da organização como metáfora para discutir os modos pelos quais os protestantes brasileiros percebiam a imagem e a comunicação tecnológica em meados do século XX. Essa abordagem perpassa os ícones presentes no logotipo: a Bíblia, o microfone e o filme. A segunda parte apresenta os resultados diretos da análise do acervo. Nessa parte, constatamos as tensões imagem-texto nos produtos imagéticos do CAVE por meio de três padrões extraídos de seus arquivos: desenhos “animados”; retratos da realidade; e isca e sedução. Os padrões também contribuem para explicar porque a pesquisa conclui que os protestantes brasileiros tentaram enquadrar as imagens em uma racionalidade textual.

Jornalismo, memória e testemunho em novas leituras do século XXI

Cristine Gerck (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Marialva Barbosa

Este trabalho tem o objetivo de analisar práticas do jornalismo do início de século XXI, período marcado por uma cultura de crescente valorização do testemunho, discurso autobiográfico considerado crucial para a produção da subjetividade contemporânea. Além de propor uma reflexão teórica sobre o que denominamos “Jornalismo na Era dos Testemunhos” e o papel da memória na construção e consolidação destes relatos, são coletados e interpretados os testemunhos de jornalistas apontados como personagens emblemáticos da profissão pelo grupo estudado. Como marco teórico, elegeremos alguns conceitos fundamentais para uma análise governada por um olhar historicista (memória, testemunho, continuidade e mudança, processualidade, interpretação), ainda que concentrada em reflexões referentes ao tempo presente. A intenção é investigar o que muda e o que permanece no campo profissional, considerando estes jornalistas reconhecidos e eleitos como referência pelos próprios pares, também testemunhas desta história em transformação. Como método de pesquisa, mais de cem jornalistas que atuam ou já atuaram em redações cariocas responderam questionários para eleger seus profissionais de referência, que aqui serão considerados personagens-emblemas memoráveis, e quais os valores/qualidades que admiram nestes personagens. Os mais citados foram entrevistados para que pudessem ser colhidos os seus testemunhos sobre memória do jornalismo, transformações na contemporaneidade e a influência, nas práticas jornalísticas, da ampla circulação virtual de relatos.

Representações, discursos e (in)visibilidades da negritude no telejornalismo brasileiro: quando o negro e as relações étnico-raciais são notícias na TV?

Rafael Pereira da Silva (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Beatriz Becker

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) de 2016, pretos e pardos compõem hoje 54,9% da população brasileira. Contudo, 130 anos após a abolição da escravidão, essa parte da população ainda sofre com os resquícios da escravidão e com um racismo amenizado pela falácia do mito da democracia racial no país. Índices socioeconômicos e educacionais comprovam que os negros continuam à margem da maioria das benesses do Estado, tendo acesso limitado e diferenciado à educação, à saúde, ao lazer, ao trabalho e à infraestrutura básica, e ainda enfrentam representações negativas ou estereotipadas da negritude nos meios de comunicação na mídia. Por outro lado, a Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, da Presidência da República, revela que a televisão é o principal meio de informação para a maioria da população brasileira. A partir dessas constatações, a tese visa a analisar as representações do negro, do racismo e das relações étnico-raciais no telejornalismo brasileiro. Assumimos que a invisibilidade do negro nas produções televisivas ainda funciona como instrumento de exclusão. Os telejornais são capazes de representar a diversidade cultural, entretanto, seus modos de produção e padrões narrativos são tão cristalizados que impedem o reconhecimento e a representação da diferença, produzindo a invisibilidade e os estereótipos sobre o negro. Porém, os telejornais também podem contribuir para a redução de desigualdades e para a democracia ao atribuírem visibilidade às diferentes identidades culturais do país. Como assevera Ramos (2002), discutir as dinâmicas da mídia frente às questões de raça e etnicidade é, em grande medida, discutir as matrizes do racismo no Brasil, não sendo possível promover um processo de transformação cultural e de superação do racismo,

de combate aos estereótipos e de luta contra a discriminação sem a participação efetiva dos meios de comunicação. Assim como assevera Nancy Fraser (2006), ao formular seu projeto filosófico de justiça social sedimentada em políticas que visem a distribuição, o reconhecimento e a representação, assumimos que uma relação igualitária entre “claros e escuros” (SODRÉ, 2015) no Brasil, somente dar-se-á pela adoção de estratégias que visem a diminuição da injustiça econômica – por meio de ações de redistribuição de recursos produtivos e de renda; mas também, com a adoção de ações que visem a diminuir a injustiça cultural – almejando aumentar o reconhecimento cultural – por meio da representação simbólica das contribuições variadas dos diferentes grupos sociais. Como destaca Fraser (2006), é “somente integrando reconhecimento e redistribuição que chegaremos a um quadro conceitual adequado às demandas de nossa era”. A pesquisa busca fazer uma análise comparativa da produção noticiosa de dois telejornais de abrangência nacional, o Repórter Brasil, da TV Brasil, e do Jornal Nacional, da Rede Globo. Adotamos a metodologia da Análise Televisual (AT) proposta por Beatriz Becker (2005, 2012, 2016), por permitir a leitura crítica de conteúdos e formatos audiovisuais, formada por três etapas: a descrição ou contextualização do objeto de estudo; a análise televisual, reunindo uma análise quantitativa e uma análise qualitativa e a interpretação dos resultados. Tal método é aplicado neste estudo para entender como as relações étnico-raciais são noticiadas na TV. O corpus parcial é constituído por 72 edições dos referidos noticiários televisivos, coletadas de novembro de 2017 a janeiro de 2018, totalizando 51 horas de material audiovisual. Buscamos identificar se os telejornais contribuem ou não para a emergência e construção de novos debates e discursos sobre negritude no país. Esta reflexão implica discutir as matrizes do racismo no Brasil e o processo de produção noticioso na televisão. As narrativas telejornalísticas tomadas pela perspectiva da diferença podem ser estratégicas no combate à injustiça social e na promoção do reconhecimento cultural da população negra no Brasil. A reflexão crítica proposta neste trabalho é fundamentada nos estudos sobre negritude e relações raciais no país, bem como em análises antropológicas e sociais, pesquisas sobre comunicação, mídia e cultura, contribuições dos Estudos Culturais, teorias do jornalismo, estudos de telejornalismo, e amparada, especialmente, em obras dos seguintes autores: Florestan Fernandes, Thomas Skidmore, Lilian Schwarcz; Amílca Araújo Pereira, Joel Rufino dos Santos, Nancy Fraser, Teun A. Van Dijk, Stuart Hall, Roger Silverstone, Muniz Sodré, Marialva Barbosa, Liv Sovik, Rodrigo Miguel Alsina, Felipe Pena, Beatriz Becker, Iluska Coutinho e Arlindo Machado. A pesquisa se justifica, pois, no Brasil, metade da população é constituída por negros. Portanto, é importante que se faça reflexões sobre o lugar do negro na sociedade brasileira, principalmente porque a representatividade do negro na mídia ainda hoje é desigual. Socialmente, esse segmento tem passado por processos de exclusão na história social, principalmente com as desvantagens que o racismo informal e institucional lhes impõe (HALL, 2003). Embora este posicionamento socioeconômico tenha se tornado significativamente mais diferenciado com o passar do tempo há, ainda, poucas contribuições sobre o negro em ascensão e o lugar que ocupa na sociedade e na mídia brasileira. Por fim, salientamos que o tema da centralidade da mídia e a representação que ela confere aos discursos sociais já atribui importância ao trabalho. Além disso, a visibilidade, a veiculação e o consumo de produtos culturais que abordam o tema da lutas pelos direitos civis e seu impacto no Brasil contemporâneo tornam-se importantes pelo significado que este movimento teve em nível mundial e na lutas por melhorias nas condições de vidas dos negros, assim como no processo de construção de suas identidades.

Panorama da presença religiosa nos canais do rádio FM carioca

Sharon Stefani Rivera Caldeira (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Fernando Alvares Salis

A religião, o misticismo e o ritual estão presentes na arte, na música e na cultura do cidadão carioca. Nesse sentido, é natural o aparecimento desses temas nos veículos de comunicação de massa, como nas rádios do espectro do Rio de Janeiro. O presente artigo é consequência de uma pesquisa que buscou investigar se existe uma presença

significativa de emissoras de rádio ou programas que tenham conteúdos relacionados às religiões afro-brasileiras, principalmente a Umbanda. Em um primeiro momento, a pesquisa procurou realizar um levantamento das emissoras de radiodifusão sonora terrestre de frequência modulada, com sede e em atividade na cidade do Rio de Janeiro, para ser identificado o número total de emissoras de rádios FM nesse território. Após esse mapeamento, o estudo se limitou às emissoras de rádio FM que possuem um formato de programação voltado, predominantemente, para a religiosidade, e a outras emissoras de rádio FM, que, mesmo oferecendo uma grade de programação diversa e musical, apresentam programas com caráter religioso. Através desse levantamento, busca-se traçar um breve panorama da presença de cada vertente religiosa no dial carioca e em seus diversos programas.

Sessão B

Treinamento em simulação para direção e cortes em transmissões ao vivo de eventos de grande porte

Alberto de Andrade Moura (PPGMC)

Orientador: Luciano Saramago

O treinamento simulado busca proporcionar situação de treinamento cognitivo e tomada de decisão em áreas e eventos onde há dificuldade de prática e avaliação em escala real, seja por questões financeiras, efemeridade do conteúdo ou risco da situação. O avanço tecnológico de hardware e software tem possibilitado o desenvolvimento de aplicações voltadas ao treinamento simulado de equipes nas mais diversas áreas. Recursos de Realidade Virtual (RV) vêm sendo utilizados por algumas pesquisas com o intuito de aumentar a imersão e a aproximação com a experiência real, com o auxílio de softwares para desenvolvimento de jogos de computador. O uso de gamificação em ambiente de treinamento também visa fornecer ao treinando a oportunidade de usar sua expertise para desempenhar situações controladas próximas a encontradas no mundo real, e assim aprimorar o seu processo de tomada de decisões. Nesse contexto, o presente projeto busca desenvolver um ambiente virtual voltado para treinamento de direção e cortes em transmissões ao vivo, com ênfase em controle em eventos de grande porte. O protótipo se propõe a ser testado em ambiente de estúdio de transmissão, com profissionais experientes, que darão o *feedback* necessário para desenvolvimento da aplicação. Pretende-se, então, a criação de um ambiente interativo em Realidade Virtual, sendo esta uma estação de treino e avaliação profissional, gerando condições controladas de simulação de eventos, sejam estes esportivos, musicais ou de dramaturgia.

Divulgação científica em audiovisual: documentários e vlogs de ciência

Claudia Rabelo Lopes (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Fernando Alvares Salis

O YouTube possibilitou o surgimento de canais de vídeo não institucionais, independentes, que ganharam o nome de vlogs, muitos dos quais dedicados à divulgação científica. O audiovisual de divulgação científica, por

sua vez, tem seu lugar na tradição do documentário, uma prática que passou por diversas objetivações desde seu advento na primeira metade do século XX, levando a diferentes teorizações sobre sua definição e caracterização. Os objetivos deste trabalho são: 1) investigar se e como os youtubers estão se apropriando da linguagem e convenções da tradição do documentário para a finalidade de divulgar ciência na internet; e 2) discernir no que o fazer e o fruir desses vídeos se aproximam e se distinguem da prática do documentário de ciência nas mídias audiovisuais tradicionais (TV, cinema). Para responder a essas questões, examinamos as abordagens de alguns autores sobre o documentário em geral e destacamos duas que se mostram mais adequadas à compreensão das especificidades do documentário científico: a de Bill Nichols e a de José Van Dijck, com ênfase na discussão sobre o estatuto das imagens nas produções audiovisuais não ficcionais. Em seguida, aplicamos as categorias e modelos de análise propostas por esses autores a um vídeo do canal de ciência VSauce e a um vídeo do canal Veritasium. Como resultado, observamos que o audiovisual de divulgação científica realizado por youtubers, embora possa estar ganhando novas feições adequadas ao novo meio, guarda características fundamentais do documentário científico tradicional, sendo algumas delas inclusive exacerbadas. Existem, no entanto, diversos tipos de vlogs de ciência que demandam ainda análise e caracterização para que se possa saber a dimensão do cruzamento da tradição do documentário com as novas possibilidades abertas pelo fenômeno dos canais no YouTube.

De Stanislavski a Fátima Toledo: a influência da tradição clássica na preparação de elenco do audiovisual brasileiro

Giovanna Siqueira Leite dos Santos (PPGAC)

Orientadora: Prof^a Dr^a Gabriela Lírio Gurgel Monteiro

Essa pesquisa de mestrado pretende estudar o trabalho do ator nos meios audiovisuais sob a ótica da preparação de elenco, levando em conta o percurso histórico que levou à consolidação de uma visão específica da atuação para a câmera no cinema clássico – a leitura dos norte-americanos sobre o Sistema Stanislavski – e comparando-a às práticas mais adotadas nas obras audiovisuais do país hoje. Isto é, pretende-se fazer uma ponte entre a tradição stanislavskiana clássica e o que de fato é adotado por preparadores de elenco no contexto brasileiro atual. O estudo tem como objetivo geral ampliar o conhecimento sobre os métodos de preparação de atores praticados nas produções audiovisuais brasileiras do período pós-retomada, identificando quais são ainda os nossos desafios e como a teoria da tradição stanislavskiana pode ajudar a superá-los. E tem como objetivos específicos: a) estudar a consolidação do entendimento norte-americano do sistema Stanislavski como linguagem hegemônica da atuação no cinema clássico, considerando o contexto histórico e os fundamentos do Método do Actors Studio; b) pesquisar o surgimento e a consolidação do profissional da preparação de elenco no audiovisual brasileiro, abarcando inclusive as críticas e obstáculos à solidificação desta função na área, e diferenciando-a das funções de direção e direção de atores; c) investigar de que modo a preparação de elenco brasileira aproxima-se ou difere da tradição stanislavskiana e do Método da Actors Studio; d) diagnosticar acordos e dissonâncias entre o discurso dos atores e o dos diretores sobre o trabalho no set; e) pensar os limites éticos da preparação de atores e não-atores nas produções ficcionais. Debruçar-se especificamente sobre a manifestação do que se convencionou chamar de Método (o entendimento norte-americano das ideias de Constantin Stanislavski) na preparação de elenco no Brasil estabelece um vínculo sólido entre as bases do teatro e cinema clássicos e a realidade prática de nosso audiovisual contemporâneo, e confere embasamento teórico para tornar possível uma análise precisa e consciente do trabalho do ator em parceria com o do preparador na câmera. Aqui, parte-se da mesma motivação que norteou desde o início o trabalho de Stanislavski no Teatro de Arte de Moscou e de Lee Strasberg no Actors Studio: desmistificar no ofício do intérprete aquilo que antes

parecera mágico, instintivo, inspirado pelas musas ou regido pelo acaso, e tornar concreto, palpável, possível de ser estudado, ensinado e aprendido.

Cinema Guarani no Brasil: as micropolíticas da memória e as estéticas da resistência

Gustavo Monlevad (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Beatriz Jaguaribe

Este trabalho se propõe a pesquisar o desenvolvimento estético e político de obras cinematográficas da etnia Guarani e suas subdivisões entre grupos Guarani Kaiowá, Guarani Nhandeva e Guarani Mbyá. Não se trata de um estudo antropológico ou etnográfico sobre a produção indígena contemporânea no campo audiovisual. Busca-se, sim, compreender alguns fenômenos, movimentos e tendências, assim como o porquê da escolha do cinema enquanto opção estética. Entender como alguns cineastas e coletivos de cinema trabalham a memória enquanto corpo, enquanto terra, enquanto arquivo. Analisar a produção e exibição das obras em seus caracteres micropolíticos de adaptação e resistência. É importante definir um breve panorama histórico da representação audiovisual do indígena no Brasil para compreender a importância do nascente movimento de autorrepresentação nestas mídias, principalmente a partir dos anos 1990, além de analisar em que circuitos de exibição esses filmes circulam e o que acarreta esse tipo de escolha. Quais são os regimes de memória em funcionamento no registro audiovisual de dinâmicas ancestrais orais? Objetivando um leque mais compreensivo de produções considerando as variações linguísticas intrínsecas dentro da cultura Guarani, optou-se por acompanhar o trabalho de dois diretores e um coletivo: a diretora Patrícia Ferreira, guarani-mbyá da Aldeia Koênju, em São Miguel das Missões (RS), o diretor Alberto Alvares, guarani-nhandewa da Aldeia Porto Lindo, em Iguatemi (MS), e o coletivo ASCURI, composto de jovens Guarani-Kaiowa vindos da Aldeia Panambizinho, em Dourados (MS). Do ponto de vista político, esta pesquisa busca compreender o que significa subverter e redirecionar uma sorte de arte que surge num contexto de burguesia capitalista colonial europeia em uma forma de resistência de lógica anti-capitalista e decolonial. Ter a própria existência enquanto modelo estético como uma configuração de luta, além da possibilidade de registrar e passar adiante histórias, narrativas, músicas e danças para gerações posteriores sem precisar abrir mão da espontaneidade, da oralidade e do êxtase catártico do sagrado, mas, também, colocando um ponto de referência temporal fixo no momento do registro e a possibilidade de replicação de um registro fixo e – dentro das possibilidades do cinema – imutável, *ad eternum*. Este cinema que já nasce resistência apenas por existir. Ao mesmo tempo, pretende-se analisar em que medida a criação de uma política de memória baseada no registro imagético possibilita uma luta contra o apagamento histórico, prelúdio do extermínio simbólico-cultural que os povos originários são sistematicamente submetidos, e se os circuitos escolhidos são suficientes para a manutenção dessa rede de resistências.

Canal de marca no Youtube: um uso do vídeo online como ferramenta de marketing de conteúdo

Leandro Penna Davico (PPGMC)

Orientadora: Profª Drª Alda Rosana Duarte de Almeida

Até a década de 1990 era limitado o grau de acesso direto do público a marcas e vice-versa e uma boa parte da comunicação entre a marca e o consumidor era unidirecional (JENKINS et al, 2014). A internet possibilitou um aprofundamento e uma abrangência sem precedentes na comunicação e na distribuição. Os consumidores não apenas têm mais escolhas em termos de mídia, mas também podem decidir se querem e como querem receber conteúdo comercial (KOTLER; KELLER, 2013). Assim, os consumidores buscam ativamente informações sobre as marcas e suas decisões de compras são mais bem informadas (KOTLER et al, 2017). Neste cenário surge o conceito do Marketing de Conteúdo. Para Pulizzi (2016, p. 5), o Marketing de Conteúdo “é o processo de marketing e de negócios para criação e distribuição de conteúdo valioso e convincente para atrair, conquistar e envolver um público-alvo claramente definido e compreendido – com o objetivo de gerar uma ação lucrativa do cliente”. Complementarmente, Kotler et al (2017, p. 148) expõem que o Marketing de Conteúdo ganhou popularidade nos últimos anos e que “vem sendo anunciado como o futuro da publicidade na economia digital”. E como meio, para Rez (2016), o vídeo é o futuro do Marketing de Conteúdo e a maioria dos responsáveis por empresas esperam que ele seja o carro chefe de suas estratégias em um futuro próximo. Quando se trata de vídeo online, o YouTube se destaca. Segundo estudo divulgado pelo Google (2017), o YouTube possui 98 milhões de usuários no Brasil, sendo que 95% da população brasileira online acessa a plataforma de vídeos online pelo menos uma vez por mês. Embora existam muitos estudos sobre o YouTube e alguns poucos sobre a atuação de marcas no YouTube, não se encontra estudos brasileiros sobre o uso do YouTube para o Marketing de Conteúdo, quando pesquisamos na base de Periódicos da Capes e na base do Google Acadêmico. Além disso, esta pesquisa também se justifica porque propõe um estudo empírico, visto que grande parte da bibliografia disponível se baseia em estudos teóricos. Diante do exposto, tem-se como objetivo geral investigar como as marcas utilizam o YouTube como parte de uma estratégia de Marketing de Conteúdo, mais especificamente no setor de serviços, no mercado B2C. Para tal, como a pesquisa ainda está em andamento, pretende-se fazer um estudo de caso múltiplo com canais de marca no YouTube, utilizando-se entrevistas em profundidade com pessoas que assistiram vídeos dos canais das marcas analisadas, e também com gestores dos canais, a fim de entender motivações e percepções sobre o conteúdo. Além disso, pretende-se fazer uma análise dos vídeos publicados no canal e um levantamento de palavras-chave e o ranqueamento deles na busca do YouTube. Com este estudo, pretende-se entender as melhores práticas para o uso do YouTube na estratégia de Marketing de Conteúdo, de forma que sirva de referência para outras marcas que pretendam usar este canal com o mesmo objetivo.

A experimentação indígena no audiovisual brasileiro

Nathanael Silva Sampaio (PPGAC)

Orientador: Prof. Dr. Fernando Gerheim

O presente estudo analisa a crescente produção audiovisual brasileira realizada por cineastas indígenas e aprofunda a contribuição dos modos de fazer indígena para o pensamento e a cena audiovisual experimental contemporânea através da língua, canto, dança, rituais e pinturas corporais. O que investigamos são os modos pelos quais a cena é

modificada com a incorporação do indígena brasileiro no audiovisual e as apropriações utilizadas no processo, já que a mise-en-scène realizada pelos povos indígenas brasileiros parece reconfigurar o cinema a partir de uma recusa da encenação, criando assim uma performance como forma de resistência estético-política amparada pela tecnologia do audiovisual. O projeto surge da verificação de duas situações antagônicas que aconteceram em 2018: a divulgação em janeiro da pesquisa Diversidade de Gênero e Raça nos Lançamentos Brasileiros de 2016 e a aula inaugural em agosto da Escola de Cinema Indígena Jenipapo-Kanindé (ECINDIJ), em Aquiraz/CE, em agosto de 2018. A pesquisa realizada pela Ancine (Agência Nacional de Cinema) aponta para uma contrastante porcentagem de zero filmes indígenas lançados no ano de 2016, enquanto a inauguração da Escola de Cinema Indígena remete aos primórdios do ensino do audiovisual às populações indígenas através do Vídeo nas Aldeias, precursor na produção audiovisual indígena, criado em 1986 pela antropóloga Virginia Valadão e por Vincent Carelli, antropólogo e documentarista de dois filmes fundamentais que retratam a violência contra as populações indígenas: Corumbiara (2009) e Martírio (2018). Isso acaba nos levando a filmes como Wapté Mnhõnõ: a iniciação do jovem xavante (1999) e Wai'a Rini: o poder dos sonhos (2001), de Divino Tserewahu, Já me transformei em imagem (2008), de Zezinho Yube, entre outros. Essas obras hibridizam cinema, estética, política e as práticas corporais indígenas que envolvem situações mais próximas à performance, acabando por gerar um não-drama e uma anti-narrativa em seus filmes. Nisso não faz sentido criar lógica narrativa e sim inventar outras possibilidades. É uma invenção da cena, da performance e linguagem indígenas no audiovisual, construída, aparentemente, sem um texto-prévio, criando uma não-narratividade experimental nos filmes. O não-drama se coloca ante a perspectiva do cinema clássico, e por isso mesmo traz em si uma originalidade, uma invenção de linguagem mais calcada nas vivências indígenas e em suas histórias particulares e coletivas. Uma espécie de experimentação da vivência registrada pela câmera que desestabiliza a ideia de cinema e coloca as obras audiovisuais indígenas mais próximas do ensaio, do filme como processo que desencadeia e reordena suas memórias. Procuramos examinar, também, as transformações operadas na linguagem e na narrativa a partir de um conhecimento de mundo e modo de vida distante do conhecimento e modo de vida ocidentalizado. Ao estabelecer um modo de fazer e uma estética diferentes nesse fazer cinematográfico, os realizadores e realizadoras indígenas criam um repertório próprio na invenção de imagens capazes de gerar estranhamento ao próprio audiovisual. O interessante aqui é observar a quebra da linguagem e da narrativa (mas sem o conhecimento prévio das mesmas) em favor de modos de resistência estético-política. Se Godard, Glauber Rocha e Sganzerla redefinem a narrativa e a linguagem pelo seu conhecimento do cinema – visto aqui mais como linguagem do que como um local de exibição de filmes –, é interessante acompanhar a construção e desenvolvimento de uma invenção de linguagem audiovisual sem esse entendimento. Assim, esperamos estabelecer os procedimentos utilizados pelos cineastas indígenas na elaboração da cena cinematográfica indígena, localizando o que há de particular nos filmes, nos modos de fazer dos cineastas indígenas e na luta estético-política através das obras. Construiremos nossa abordagem pela investigação de filmes, entrevistas, artigos, teses, dissertações e livros sobre o tema, que irão compor a filmografia e bibliografia do projeto.

Sessão C

Competência crítica em informação e inteligência artificial: primeiras aproximações

Andréa Doyle (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra

O presente trabalho faz parte do projeto de qualificação de tese de doutorado ainda em andamento, constituindo-se em uma primeira aproximação teórica entre as noções de inteligência artificial e competência crítica em

informação. O objetivo dessa exposição é apresentar os primeiros pontos de interesse desse estudo interdisciplinar para coletar impressões e críticas da comunidade acadêmica e delinear as próximas etapas da pesquisa de campo. A metodologia de pesquisa envolveu uma seleção bibliográfica a partir de um método de pesquisa, ainda em fase de elaboração, que tem o nome provisório de método enviesado. Ele é inspirado nas técnicas de *snowball*, *serendipity* e contextualização, e tem por base o delineamento das principais características dos principais autores que participam do debate em um trabalho. Seu objetivo é colocar o foco nos vieses para fugir do apagamento artificial dessas tendências, em nome de uma neutralidade axiológica que nunca existiu. A inteligência artificial – equipamentos e programas que simulam a capacidade humana de resolver problemas e tomar decisões – é onipresente nas sociedades contemporâneas em decorrência do uso de dispositivos digitais (GPS, motores de busca, redes sociais etc.). A atualidade se configura como um momento de convergência de áreas antes distintas, como telefonia, notícias, entretenimento e produtividade, simbolizada pelo smartphone, aliada ao desenvolvimento da capacidade de processamento e armazenamento de informações dos sistemas computacionais por um lado, e aos imensos investimentos em mecanismos de filtragem de conteúdo e predição de comportamento, por outro. A competência crítica em informação é entendida como um estado geral de alerta, uma prática contínua de engajamento crítico com a informação, por pessoas que cooperam na construção coletiva do conhecimento. Considera-se que a informação é socialmente construída, ou seja, que integra condicionantes sociais, políticos, econômicos, culturais e tecnológicos, que precisam ser compreendidos e, às vezes (no caso de injustiças), combatidos. Como primeiros resultados, sublinhamos que a mediação algorítmica da sociedade tem tido influências importantes em quase todos os aspectos da vida humana, cujos impactos – como racismo algorítmico, hackeamento de democracias, para só citar os mais óbvios – começamos apenas a perceber. A competência crítica em informação, que precisa ser massivamente disseminada, pode ser uma maneira de resistir a essa transformação de seres humanos em carne para máquina.

Pensando a criança espectadora: um panorama dos estudos de recepção televisiva infantil

Beatriz Lobo de Albuquerque Santos (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Beatriz Becker

Os estudos em torno do espectador de televisão passaram por diversas mudanças ao longo dos anos, desde a pesquisa desenvolvida pela Mass Communication Research, encontrando resquícios de um pensamento fora da curva dos anos 1940, na Escola de Palo Alto, e na década de 80, na pesquisa sociológica em Chicago, nos Estados Unidos, até o consolidar de novos parâmetros levantados pela perspectiva dos Estudos Culturais (Hall, 1980; Williams, 1974), na Escola de Birmingham, trazendo à tona a ideia de um espectador ativo e participante. Em meio a essa trajetória teórico-metodológica, os pensamentos em torno da criança espectadora também passaram por diversas percepções, desde a agulha hipodérmica de Lasswell, bem como a vinculação da televisão com o crescimento dos índices de violência nos jovens, até por fim, desaguar nos estudos de mediação e produção de sentido de Martín-Barbero e Orozco. O que se propõe é que haja uma retomada histórica das principais pesquisas de estudos de recepção televisiva infantil, considerando pensar não os efeitos da televisão no cotidiano da criança, mas a maneira vinculativa em que ocorre a produção de sentido e o desenvolvimento da sociabilidade. Para tal, utilizaremos como metodologia a pesquisa bibliográfica de autores basilares que pensam a recepção enquanto processo participativo e a criança enquanto espectador-participante que desenvolve com o conteúdo uma relação negociada e mediada por sua noção de mundo e bagagem cultural.

ECOar conhecimento: um manual para divulgação científica na ECO/UFRJ

Flavia Martinez Ferreira Cherullo (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro

Ao analisar as ferramentas de comunicação digitais utilizadas pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e considerar as diversas comunidades de prática existentes (a constar: dos estudantes, dos técnicos administrativos, dos professores e dos pesquisadores), identificamos diversas oportunidades para potencializar a produção científica através de uma maior integração destas. Acreditamos que uma divulgação digital estruturada das atividades possa aproximar as comunidades ao promovermos conceitos como os de cultura compartilhada, práticas periféricas legítimas e trajetórias participativas, conforme elaborados por Lave e Wenger, e trabalhá-los junto aos pensamentos de cibercultura de Pierre Lévy e cultura participativa de Henry Jenkins ao transportá-los para o ambiente digital. Este projeto tem como objetivo principal analisar como divulgar os trabalhos científicos produzidos pela ECO/UFRJ, interna e externamente. Para isso, iremos pesquisar iniciativas colaborativas e conteúdos produzidos para web em Ciência e Tecnologia, catalogar informações a partir de plataformas governamentais (Lattes, Sucupira e DGP), levantar outras iniciativas de produção de conhecimento da instituição federal e desenvolver uma metodologia para a divulgação institucional de trabalhos científicos em ambiente digital, interligando membros das diversas comunidades de prática atuantes na ECO/UFRJ.

Distopia *made in Brazil* no imaginário contemporâneo: uma análise da série televisiva 3% – Três por Cento

Heitor Leal Machado (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Beatriz Becker

Na contemporaneidade, vivemos em condições tão adversas que a perspectiva do tempo por vir se torna inexistente ou é negatizada. Apesar das promessas integradoras de progresso, a frágil existência humana reitera medos e inseguranças de um cotidiano permeado por riscos de ordem social e natural. Nesse contexto, identificamos um imaginário distópico, que projeta futuros hipotéticos, especialmente em conteúdos midiáticos direcionados aos jovens. Nesta pesquisa, entendemos o imaginário como parte de uma dimensão sensível dos processos comunicacionais, que incide nas relações sociais e práticas culturais. Assim, pretendemos investigar como as narrativas que tratam de temas futurísticos se constituem em formas culturais abertas a críticas e questionamentos sobre a experiência, com amplo potencial crítico e político. Isto porque a distopia, sendo um tipo de utopia que vislumbra um futuro por um viés negativo, estabelece formas estéticas e narrativas de imaginar o futuro a partir de questões do presente, explorando situações que poderiam ter acontecido ou podem acontecer se a sociedade não permanecer atenta. Realiza uma ação dupla, imobilizante, e, ao mesmo tempo, emancipadora, visto que a própria representação da ausência de futuro já se constitui como um alerta para o que podemos fazer para mudar um rumo dado como eminente. Para observar este fenômeno, tomamos como objeto de estudo na tese em andamento a série 3% – Três Por Cento, da Netflix, uma das empresas mais representativas das mudanças do ecossistema televisivo, marcado pela fragmentação das audiências e práticas distintas de produzir, distribuir e consumir TV. Processo que reitera a importância da inventividade estética e do engajamento das audiências, e reforça a relação entre o meio e as sensibilidades da contemporaneidade. A obra,

uma coprodução entre Brasil e Estados Unidos, apresenta um futuro no qual os jovens devem se submeter ao Processo, seleção que designa os merecedores de irem para o Maralto, ilha onde há vida digna. No decorrer da narrativa, são colocados em questão valores sociais da atualidade, como a democracia, os direitos individuais, justiça, liberdade, desigualdade, exclusão e meritocracia. Por meio da análise televisual de suas três primeiras temporadas, busca-se apontar os valores atribuídos a estas questões e entender como a juventude é representada. Em seguida, realizaremos um estudo de recepção por meio de entrevistas em profundidade com grupos de jovens com repertórios socioeconômicos e culturais distintos, observando como o público consome, apreende e recircula aquilo que vê. Nesta etapa, nossa intenção é investigar as relações, as estratégias comunicativas e as interações entre produção e recepção, refletir sobre como o mundo contemporâneo é problematizado e como se constitui o seu imaginário, atravessado pelo medo e a violência, o estrangulamento das liberdades, a exacerbção da individualidade e da intolerância, em conflito com o eterno ideário de um mundo melhor.

***Serious Games* e depressão: análise de sentimentos**

Patrick Dourado Ribeiro (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Medeiros Pimenta

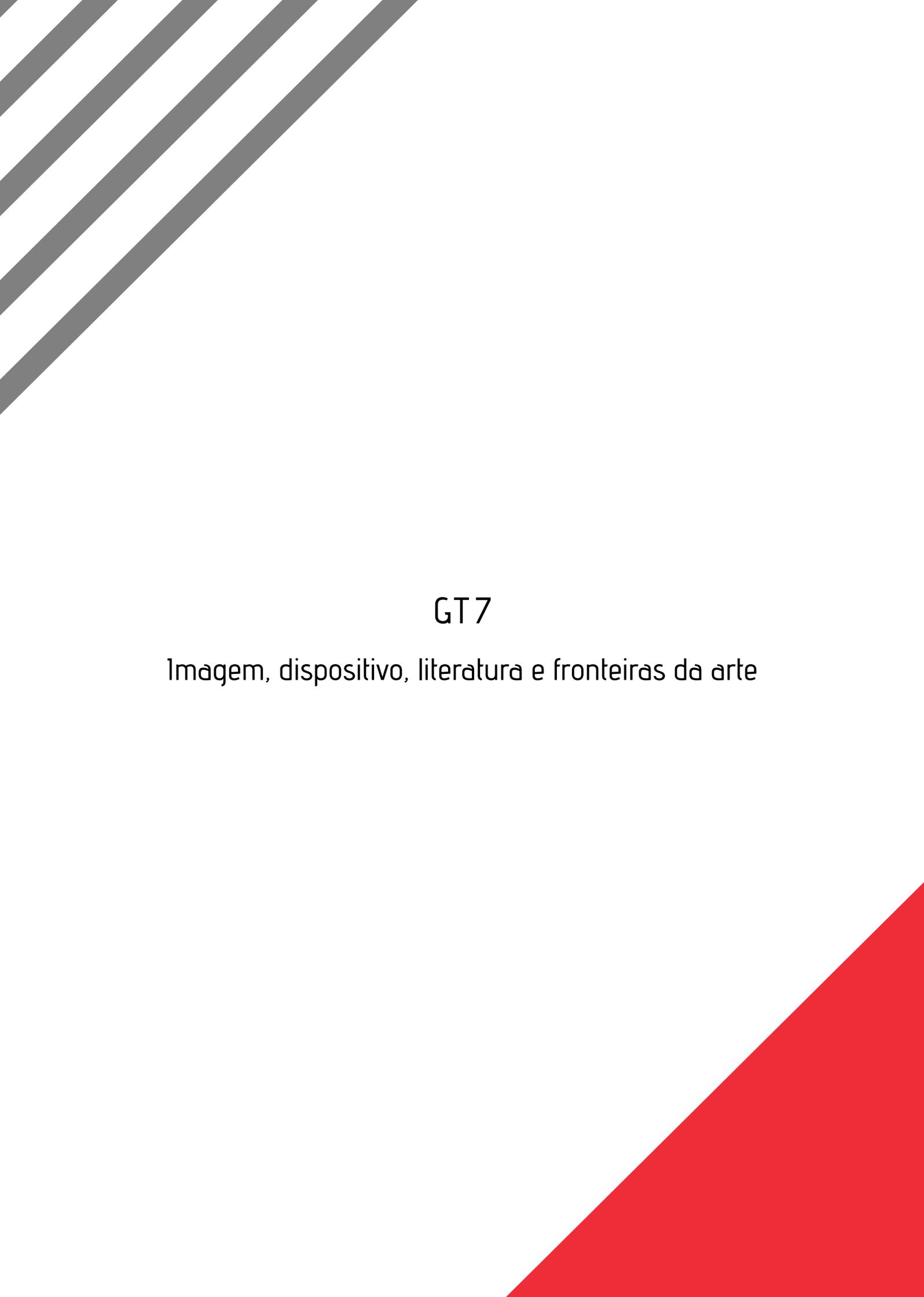
A indústria dos videogames expandiu-se devido ao desenvolvimento e consolidação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), adquirindo cada vez mais visibilidade e também relevância social e econômica. Previamente considerado um brinquedo voltado apenas para o entretenimento, tais aplicações atualmente perpassam tais barreiras, sendo utilizadas em campos como a cultura, educação e promoção da saúde. *Serious Games* são uma categoria de videogames desenvolvida com uma proposta educacional, porém também possuindo o fator diversão. Neste trabalho será discutida sua aplicação na depressão, como auxílio terapêutico e também educacional, tendo em vista a conscientização do indivíduo. A Organização Mundial da Saúde aponta que transtornos mentais como a depressão afetam uma parcela significativa da população, tornando-se uma questão que deve ser discutida por colocar em risco a vida dos indivíduos, já que em algumas vezes são acometidos de morte, como, por exemplo, suicídios. Embora existam tratamentos efetivos contra o transtorno, apontamos que a utilização de *Serious Games* como veículo educacional e terapêutico pode ser um elemento em potencial para educar e conscientizar os indivíduos quanto a sua condição, afetando positivamente sua qualidade de vida. Neste trabalho, o objetivo principal é verificar como o tema *Serious Games* aplicados na depressão está sendo discutido na plataforma Twitter, analisando as discussões que tangenciam os impactos positivos e negativos de tais aplicações em pessoas com depressão. Tal análise será realizada no período de tempo de dois meses, sendo atualizada semanalmente. Como método principal, utilizamos a análise de sentimentos (*Sentiment Analysis*), que é um procedimento advindo da área de *machine learning* e tem como objetivo a mineração textual e a apresentação da reação dos indivíduos perante determinado tema, geralmente realizado em um ambiente digital, no caso do nosso trabalho, o Twitter. Para isso, adotamos a ferramenta Orange 3, desenvolvida na linguagem Python, e que possui dentre suas várias aplicações o método que utilizaremos neste trabalho. Em testes iniciais, foi percebida uma inclinação para a apresentação de resultados positivos na utilização de *Serious Games* aplicados na depressão. Com base na análise dos resultados, podemos perceber que os *Serious Games* podem ser aplicações importantes para a educação sobre os transtornos depressivos, geralmente envoltos por estigmas e preconceitos acerca do tema. No entanto, necessitamos de mais estudos com resultados consolidados, especialmente focados na questão do estigma e educação sobre transtornos mentais.

Escolas sob fogo cruzado: o webdocumentário interativo como ferramenta de empoderamento social

Paula Araújo Ferreira (PPGMC)

Orientadora: Profª Drª Kátia Augusta Maciel

Este trabalho propõe a criação de um I-Doc (documentário interativo) sobre a realidade de alunos e professores de escolas localizadas em áreas de violência. O filme será construído com cápsulas de conteúdo acessadas a partir da escolha da audiência, que é coautora por meio de mecanismos de interação hipermídia. Pretende-se produzir conteúdos que explorem as perspectivas de diversos atores do meio retratado sobre o problema, e promover oficinas com agentes locais para tratar sobre as questões presentes no filme. A iniciativa também quer promover discussões sobre o potencial de intervenção dessas pessoas na realidade. Durante o processo, há intenção de gerar engajamento da comunidade na questão, permitindo que produzam conteúdos que contribuam para formulação de políticas. A pesquisa quer analisar se a interatividade proporcionada pelas ferramentas do mundo digital é capaz de empoderar aqueles que são invisibilizados na sociedade e, se sim, de que maneira fazem isso. Partimos da hipótese de que tal formato seria o ideal para fomentar a discussão, considerando que a participação proporcionada por ferramentas digitais – que possibilitam a inserção de conteúdos a partir das redes sociais – permite a inclusão de outros olhares e empodera agentes locais.



GT7

Imagem, dispositivo, literatura e fronteiras da arte

 **Sessão A**

Romanos, patricios, concidadãos: visões sobre a opinião pública, de Shakespeare a Patrick Champagne

Alexandre Enrique Leitão (PPGCOM)
Prof. Dr. Muniz Sodré de Araújo Cabral

O presente trabalho realiza uma pesquisa de cunho histórico e leitura crítica e comparativa acerca das diversas visões produzidas em torno da noção de opinião pública, conformadas entre o final do século XVI e princípios do século XXI, passando pela obra de pensadores como Rousseau, Walter Lippman e Patrick Champagne. Valendo-nos de uma análise crítica do texto da peça “Júlio César”, de William Shakespeare, escrita em 1599, iremos questionar se a mesma teria apresentado uma primeira visão, nos estágios iniciais de conformação do espaço público e do crescimento das cidades modernas – sob uma chave socioeconômica marcada pela emergência da burguesia, e pela paulatina erosão dos laços sociais e produtivos então hegemônicos, não apenas na Europa como em outras regiões do planeta – daquilo em que consistiria uma opinião pública, e como esta visão teria se contraposto aquela advogada, já no século XVIII, por Jean Jacques Rousseau. Nosso objetivo com essa pesquisa não se resume apenas ao levantamento histórico de uma bibliografia concernente ao campo da filosofia política, mas apontar o peso que processos comunicacionais, e mais especificamente os meios de comunicação, exercem, segundo autores distintos, na conformação dessa mesma opinião pública. Encará-la como uma entidade existente de maneira orgânica, a partir do convívio social entre os indivíduos, pode não só reduzir o impacto que meios, plataformas e a circulação de discursos desempenham em sua construção, mas também o papel das relações de poder existentes em dado corpus social sobre a mesma.

As tecnologias gráficas na história das capas de livro no Brasil (1820-2019)

Anderson Junqueira Corrêa (PPGMC)
Orientador: Prof. Dr. Amaury Fernandes

O presente artigo visa fazer um panorama das tecnologias gráficas utilizadas no processo de criação de capas de livro no Brasil e quais suas consequências em termos de linguagem gráfica. De acordo com o pesquisador Ubiratan Machado, autor de “A capa do livro brasileiro”, as capas em brochura aparecem na década de 1820, graças à introdução de modernas máquinas de impressão, surgidas no bojo da revolução industrial. Nesta época, os recursos técnicos disponíveis limitavam-se à tipografia de chumbo e seu arsenal de tipos, capitulares, vinhetas e molduras. A ela foram se juntando outras tecnologias gráficas, como a gravura em madeira, em metal e, por fim, a litografia, dentre outras. Com o subsequente advento da cromolitografia na década de 1880, permitiu-se a impressão de ilustrações coloridas, o que representou uma grande revolução para o universo editorial da época. De acordo com Chico de Homem de Mello em “Linha do tempo do Design Gráfico no Brasil”, no início do século XX surgem duas novidades relevantes no campo das tecnologias gráficas: a difusão da zincografia e da autotipia. A última representa uma revolução ao permitir, por meio da retícula, a reprodução de fotografia em meio-tom. Já na década de 1980, a incorporação do computador no processo de criação de capas, aliado ao uso

de técnicas de impressão digital, como o offset, representou outra grande revolução no trabalho do designer. A troca da prancheta pela tela do computador alterou completamente a feição das capas, trazendo maior experimentação tipográfica e massificação do uso de fotografias, difundidas pelo uso de bancos de imagem. Cada uma destas tecnologias gráficas surgidas no decorrer das décadas, trouxeram particularidades para a feição das capas de livro no país, criando uma linguagem gráfica fortemente marcada pela possibilidade técnica de seu tempo.

“Auto de resistência”: violações de direitos humanos, registros policiais e documentos de arquivo no Brasil pós-1988

Camila Mattos da Costa (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Arthur Bezerra

O objetivo geral deste estudo é compreender de que maneira os registros de ocorrência produzidos pelas corporações policiais funcionam como dispositivos para encobrir violações de direitos humanos no Sudeste brasileiro depois da Constituição Federal de 1988, além de propor a reflexão sobre a importância dos documentos nas instituições que produzem e se utilizam destes documentos, como as próprias polícias e o sistema judiciário do país. Os objetivos específicos incluem apontar o papel dos documentos em regimes de produção de verdade; demonstrar o papel dos arquivos e sua relação com os direitos humanos; estabelecer a diferença entre autenticidade e veracidade em documentos arquivísticos; coletar os números da letalidade policial nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo entre 1989 e 2018; identificar processos policiais de mortes em decorrência de atividade policial apontados como fraudes processuais. As hipóteses desta pesquisa são: a) os autos de resistência funcionam como um imprescindível dispositivo que corrobora, legitima e mantém uma cultura de violência nas corporações policiais no Brasil, dentro de uma rede; b) os registros de “autos de resistência” funcionam como um dispositivo de produção de verdade com a finalidade de mascarar transgressões de direitos humanos. A metodologia proposta aborda a pesquisa bibliográfica nos estudos já realizados a respeito do tema dos autos de resistência. A Filosofia e a Ciência da Informação servirão como base para a análise das relações de poder que podem ser percebidas nos documentos produzidos pelas instituições policiais e judiciais, possibilitando a discussão sobre regimes de produção de verdade e autenticidade dos documentos arquivísticos. Autores como Michel Foucault (1979), Lídia Freitas (2009), Ismael Murguía (2010), Giorgio Agamben (2005), Bernd Frohmann (2004), entre outros, constituem o arcabouço teórico deste estudo. Pretende-se também produzir um estudo que analise os números de resistências seguidas de morte após 1988 no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, de modo quantitativo e qualitativo. A partir da apresentação de dados numéricos, é possível observar como e onde as violações de direitos humanos praticadas por agentes policiais aparecem com mais frequência. Estes números são publicizados pelos Institutos de Segurança Pública dos respectivos Estados citados. Os dados estatísticos aparecem como suporte para uma discussão mais ampla, que é a maneira como os autos de resistência acontecem e são registrados. Posteriormente, iremos identificar registros de mortes em decorrência de intervenção policial identificados como fraudes processuais. Estes documentos podem ajudar a compreender o papel dos registros policiais nas tentativas de encobrir violações. Pretende-se com este estudo responder como os documentos produzidos pelas corporações policiais são utilizados na tentativa de acobertar violações de direitos humanos na atualidade.

O que é sick-lit: uma discussão sobre a emersão dessa categoria na cultura contemporânea

Daniele da Silva Garcez Novaes (PPGCOM)

Orientadores: Prof. Mestre Julio César Sanches (Doutorando PPGCOM) e Profª Drª Isabel Travancas

A *sick-lit* (ou literatura doente) ganhou notoriedade em matérias de jornais internacionais e nacionais após a popularização do livro “A Culpa é das Estrelas” (2012). O autor John Green gerou uma série de discussões ao apresentar um romance entre adolescentes que estavam em tratamento contra o câncer. Apesar dessa não ser a primeira vez que livros endereçados ao público jovem abordam esse tipo de temática, foi só em 2013 que emergiu esse “novo” termo no mercado editorial, propondo categorizar livros ficcionais que falam sobre doenças. A produção desse tipo de literatura continua e, entre as doenças abordadas, estão: depressão, ideações suicidas, automutilação, transtorno obsessivo compulsivo (TOC), transtorno de espectro autista (TEA), deficiência visual, tetraplegia, entre outras. Apresentarei as primeiras reflexões teóricas sobre o meu projeto de pesquisa, que busca analisar a produção e circulação de sentido sobre doenças em livros do gênero jovem-adulto a partir da emersão da categoria do mercado editorial chamada *sick-lit*. Para fins de recorte, futuramente será feito um mapeamento dos best-sellers que são classificados como *sick-lit* e que aparecem na lista dos mais vendidos na Revista VEJA, entre 2009 e 2019. Os livros selecionados serão analisados em suas dimensões discursivas e materiais com o objetivo de investigar quais são os discursos e estratégias comunicacionais acionadas em suas produções. A partir de uma primeira revisão bibliográfica, propõe-se pensar a *sick-lit* enquanto um dispositivo (Agamben, 2009) de bioidentidade, que emerge em um contexto em que a saúde, principalmente a mental, ganha protagonismo na vida dos sujeitos (Rose, 2013; Illouz, 2011). Acredita-se que a emersão dessa categoria *sick-lit* surge para somar a oferta de produtos que contribuem para subjetivação dos sujeitos a partir da multiplicação dos papéis de doente (Martins, 2008). A partir disso, apresentarei o meu objeto de pesquisa e farei uma discussão sobre a emersão dessa categoria no contexto contemporâneo, em que os sentidos da saúde e da doença ganharam novos significados e passaram a produzir novas subjetivações e identidades.

Bonecas desejadas: entre o fetiche, o sagrado e o abjeto

Elisa Maia (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Beatriz Jaguaribe

A presente pesquisa dirige o foco para a presença da boneca em seus diversos formatos como um objeto e um tema recorrente nas artes visuais e na literatura, tomando-a como um espaço privilegiado onde se cruzam discursos sobre o fetiche, o estranhamento da imagem duplicada e o abjeto. Buscamos lançar um olhar minucioso para estas coisas que cada vez mais se parecem com pessoas e para os afetos que elas suscitam, os efeitos que provocam e que hesitações são capazes de suscitar. Evidente que não existe a boneca, mas bonecas, muitas, múltiplas, distintas em suas formas, significados e funções. Brinquedo, ídolo, obra de arte, metáfora, dispositivo sexual, são tantos e tão distintos entre si os caminhos pelos quais um objeto chega a esta categoria que, por vezes, torna-se difícil até mesmo sustentá-la. Para pensar este conceito, então, usaremos a noção que nos parece ser o fio que alinhava esses diferentes objetos, dando-lhes uma aparência ainda que frágil de conjunto, a saber, a noção de mimese.

Telas verticais: por uma produção audiovisual pensada para smartphones

João Cláudio Oliveira (PPGMC)

Orientadora: Profª Drª Elianne Ivo Barroso

Ao longo da história, os diferentes formatos audiovisuais desempenharam um importante papel, tanto artístico quanto econômico. As inúmeras tecnologias existentes, desde a película de 35mm até a produção digital em alta definição, do cinema à TV, transformaram a maneira de se produzir e de se consumir conteúdo audiovisual. A proporção da tela (*aspect ratio*), inicialmente uma imposição do suporte físico e posteriormente um fator diferenciador na competição entre os meios cinematográficos e televisivos, foi sendo alterada e explorada criativamente por diretores e fotógrafos, que fizeram do enquadramento de câmera uma ferramenta preciosa para contar suas histórias. Num momento em que o *smartphone* se consolida como a principal das telas, presente 24 horas na vida das pessoas, novas histórias podem ser contadas neste ambiente. Além do aspecto natural na vertical, diferentemente da orientação horizontal do cinema, da TV e mesmo dos computadores pessoais, por exemplo, o *smartphone* é uma tela que carregamos conosco o tempo todo, na qual consumimos e interagimos com conteúdos de uma maneira mais íntima, próxima ao rosto, sozinhos, e as peculiaridades próprias deste novo meio abrem possibilidades criativas e narrativas antes impossíveis. Paralelamente, a maneira como o consumo audiovisual é feito nesta tela vertical, geralmente em ambiente de rede social, como *Instagram* e *WhatsApp*, apresenta um desafio a mais em termos dos limites impostos por essas plataformas. O objetivo geral desta pesquisa é defender o *smartphone* como uma janela fundamental atualmente e merecedora de conteúdo audiovisual pensado para ela. Como objetivo específico, há a produção de uma série de vídeos verticais, pensados para serem consumidos por redes sociais acessadas do *smartphone*.

Cartografia: linhas de erro e escrita situada

Ana Kemper (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Lívia Flores

Talvez um ensaio, talvez em texto performativo, talvez uma texto-performance. Escrito inicialmente como trabalho final para a disciplina “Procedimentos de Escrita Situada”, ministrada pela professora Luiza Leite, retomo este texto tentando entender a relação entre meus procedimentos de criação em artes e a sua escrita acadêmica, interessando à pesquisa que esta escrita seja em si um trabalho e não apenas uma descrição teórica de alguns modos de fazer arte. Também tentando pensar a escrita como um exercício de cartografia do trabalho artístico capaz de me deslocar de um lugar de autora para alcançar o lugar de “presença próxima” do trabalho, em diálogo com conceito utilizado pelo pedagogo Ferdinand Deligny em sua prática de cuidado com crianças autistas na década de 60 na França. Cartografar estes movimentos entre texto e imagem, entre prática e conceitos, entre pensamento e trabalho me fazem investigar sobre a forma de escrita capaz de acompanhar tais derivas. Este exercício resultou no texto “cartografia: linhas de erro e escrita situada”, que ainda me pede outras experiências como publicar ou até falar suas palavras para que outros deslocamentos ainda possam ser experimentados a partir do movimento delas.

Sessão B

Estudo comparado das relações entre palavra e imagem nas Suítes de Poesia Visual de Brossa e na poesia visual e experimental brasileira

Prof. Dr. Fernando Gerheim (PPGAC)

A proposta é relacionar as Suítes de Poesia Visual do poeta catalão Joan Brossa com o mundo cultural mais além de sua fronteira: a poesia visual e de vanguarda brasileira. De um lado, um conjunto de Suítes da década de 60, consultado no arquivo do MACBA durante meu pós-doutorado na Universidade de Barcelona em 2018.2, sob supervisão de Glòria Bordons: “Poema” (11 de janeiro, 1960), “Poemes” (7 de maio, 1960), “La Son de Gall” (1960), “Fantascopi” (dezembro, 67 - janeiro, 68), “Ploma de Gall” (janeiro, 1968), “Monòlegs” (junho, 1968), e “Meteors” (janeiro, 1969). De outro, no contexto cultural brasileiro, dentro do período compreendido entre 1958 e 1967, os movimentos da Poesia Concreta, Neoconcretismo e Nova Objetividade Brasileira. Os dois primeiros movimentos têm uma produção e uma reflexão específicas sobre poesia; o último incorpora a palavra na própria produção plástica e na sua reflexão a partir da ideia de “participação semântica”, tendendo a considerar o próprio fazer da arte como inseparável de uma operação de semantização. Subjacente a cada uma dessas manifestações, há uma concepção da relação entre palavra e imagem. Para esclarecer o modo como me aproximo das Suítes de Brossa, destaco uma declaração do próprio poeta: “Um poema é uma ideia tanto se ele se expressa com palavras como sem elas.” A relação entre palavra e imagem é entendida aqui como relação entre o simbólico e o perceptual, a mediação dos signos e a experiência imediata - questão central da filosofia da arte. Em outra de suas definições de poesia, Brossa afirma: “A poesia integra o abstrato e a realidade.” Por trás de sua aparente simplicidade, esta declaração não dualista sintetiza uma postura essencial no seu fazer poético - e na perspectiva deste ensaio. Em traços gerais, para o concretismo brasileiro, de acordo com o manifesto de 1958 (Plano-Piloto para Poesia Concreta), pretende-se um “isomorfismo” entre palavra e imagem -, e o tempo, no espaço gráfico, é “ótico-mecânico”. Para o Neoconcretismo, cujo manifesto é de 1959, a palavra é recuperada em seu valor simbólico, sendo ligada à imagem por um espaço integral e sensorial, que se mantém geométrico e é dotado da pureza inaugural do tempo-duração fenomenológico. Na Nova Objetividade (1967), a ideia de participação é mantida, sendo a relação semântico-visual considerada também como ação ético-político-social; a geometria é abandonada e é incorporada à apropriação, como um elemento Dada. Em Brossa parece haver elementos de cada um desses movimentos combinados de maneira própria, assim como a experimentação de sua poesia parece se antecipar a movimentos da arte internacional, abrindo um curso próprio dentro das narrativas hegemônicas. A proposta é pesquisar como a relação entre palavra e imagem se dá na poética de Brossa a partir dessa perspectiva comparada.

A figura do barco na poesia de Cristina Peri Rossi e Alejandra Pizarnik: imagens subjetivas e narrativas errantes

Anita Rivera Guerra (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Beatriz Jaguaribe

Alejandra Pizarnik, no livro “A árvore de Diana”, de 1962, escreve: “explicar com palavras desse mundo/que partiu de mim um barco levando-me” (PIZARNIK, 2018, p. 41). Cristina Peri Rossi (não por acaso, uma férrea cole-

cionadora de maquetes de barcos), por sua vez, no livro justamente intitulado “Imobilidade dos barcos”, diz que “se escreve/como se lança garrafa ao mar” (p. 155). Em ambos os trechos, associa-se o narrar com o navegar; com o lançar a narrativa (e, conseqüentemente, a si mesmo) ao desconhecido do mar, colocando nas mãos do acaso o destino da mensagem que se narra. A figura do barco parece representar esse tênue limiar entre terra e água, narrativa e narrador, ponto de partida e de chegada; ele está sempre entre os dois extremos, à deriva. O presente trabalho pretende investigar as formas com que a imagem do barco aparece nas obras das duas poetisas, analisando não apenas os poemas em si mas os contextos pessoais em que foram escritos – suas relações com temas importantes tanto para Pizarnik quanto para Peri Rossi, como o exílio, a imigração e a nostalgia, que estão, de um ou outro modo, intimamente relacionados à imagem do barco. Além disso, buscaremos criar um diálogo com textos teóricos, representados especialmente por “O livro por vir”, de Maurice Blanchot, e pelo capítulo “O liso e o estriado”, de Mil Platôs, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e com imagens de barcos famosos da literatura, como o barco bêbado de Rimbaud, o baleeiro de Melville e o barco-náufrago de Mallarmé, com o intuito de recriar um retrato desse ser-barco, que por vezes se confunde com o próprio sujeito que narra e, por outras, parece narrar esse sujeito.

Vídeo, autoimagem e esquizofrenia: produção de si como resistência

Daniel Edgardo Gonçalves Salgado (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Victa de Carvalho Pereira da Silva

Partindo da premissa filosófica de autores como Simondon, Deleuze e Guattari, a presente pesquisa procura problematizar o estatuto contemporâneo de produção e consumo da imagem videográfica, que se encontra em um novo contexto marcado pelas mídias digitais, pela profusão de tecnologias de imagem e tela e pela onipresença da internet e das redes sociais no cotidiano capitalista. A partir de um panorama das experimentações artísticas com o vídeo nos anos 60 e 70, traçamos a prática da autoimagem como um movimento performático disruptivo, dotado de certa carga esquizofrênica, que, na atualidade, foi rapidamente incorporado como prática cotidiana, dada a facilidade exponencial de acesso às tecnologias de imagem em larga escala. Ressaltamos a obra de dois artistas, Arca e Death Grips, cujas produções online trabalham com uma autoimagem esquizo que parece provocar rupturas e promover resistências, além de tensionar e atualizar os procedimentos iniciais da videoarte, diante da atual profusão de imagens de si que circulam em abundância nas redes sociais virtuais, muitas vezes repletas de demandas estéticas padronizadas e de certo discurso de perfeição que servem aos movimentos, também esquizofrênicos, do capitalismo. São artistas que fazem uso do recurso da autoimagem para operar cortes e aberturas que complexificam a produção de subjetividade

Três narrativas mínimas de Brígida Baltar

Fernanda Bastos (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Katia Valéria Maciel Toledo

Brígida Baltar é uma artista plástica brasileira totalmente inserida no conceito de artevida. Ela tem o próprio corpo e a própria casa/ateliê como campos de experimentação e fontes de criação de sua obra, que inclui desenho, pintura, escultura, bordado, fotografia, cinema e vídeo. O trabalho da artista está quase sempre ligado aos processos, às

experiências e aos afetos. Sendo assim, alguns de seus filmes são registros de performances, como “Abrigo e Torre” (ambos de 1996); outros são performances encenadas para a câmera, como “Maria Farinha Ghost Crab” (2004) e “Voar” (2011). Este artigo propõe analisar três fotofilmes da artista, são eles: “Abrindo a janela” (1996), “Os 16 tijolos que moldei” (2008), “Os mergulhos de” (1999). Além da origem fotográfica de suas imagens, os três filmes tem em comum a curta duração e a narrativa mínima, construída pela montagem audiovisual que atribui duração e sequencialidade às imagens estáticas. Por outro lado, cada um tem uma característica técnica, o que, associado às possibilidades da montagem, gera resultados muito diferentes. Abrindo a janela e Os 16 tijolos que moldei fazem parte da longa pesquisa realizada por Baltar sobre tijolos e pó de tijolos, desde 1992. No primeiro, a artista e seu filho abrem um buraco na parede da casa/ateliê, inventando uma nova janela. No segundo, ela mistura o pó de tijolo retirado da casa/ateliê ao barro do sertão brasileiro para fazer tijolos artesanais em uma olaria. Em *Os mergulhos de*, Baltar homenageia alguns colegas de uma residência artística da qual participou na Bahia fotografando seus mergulhos no mar. Ou seja, além das características formais já citadas, que reúnem os três filmes, podemos observar a marca do afeto cotidiano constante na obra da artista. Os fotofilmes são um campo experimental por excelência, uma vez que têm como premissa a desconstrução de um modelo – o cinema clássico – e a investigação de suas possibilidades imagéticas e narrativas. Inicialmente, com o desenvolvimento dos campos fotográfico e cinematográfico, nas áreas técnica e comercial, os discursos e saberes construídos em seu entorno, principalmente a partir da segunda metade do século passado, trataram mais de opô-los e separá-los por suas diferenças e de olhar para suas especificidades como meios, deixando um pouco de lado as interseções e diálogos. São discursos e saberes ligados a uma visão de mundo moderna, na qual tudo é separado e categorizado, em busca da pureza essencial de cada objeto, por isso mesmo as fronteiras e áreas de interseção não são consideradas (LATOURE, 2014). Mas sempre há o desvio e o “entre”, e os fotofilmes habitam justamente essa fronteira entre a fotografia e o cinema – imagem fixa e imagem em movimento; interrupção e fluxo; matéria e luz – com a liberdade formal, que o rótulo de “experimental” lhes permite, alcançando resultados bem diversos.

O discreto fundo do oceano em um piscar de olhos: um relance fantástico em uma imagem de cemitério de Jeff Wall

Júlia Paes Leme Nogueira (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Victa de Carvalho

Focando principalmente na fotografia descrita no título da comunicação – “The Flooded Grave” (1998–2000) - na qual vemos (dedicando um olhar atento) o fundo do mar dentro da cova de um cemitério em um dia chuvoso, esse trabalho se propõe a apresentar um recorte da obra do fotógrafo canadense Jeff Wall e pensar a possibilidade de uma leitura, a partir dela, que foque na realidade fantástica de suas imagens. Mobilizados pela obra, faremos uma descrição do desenvolvimento da produção do artista e invocaremos os temas nela recorrentes, que expressaremos orientados no eixo proposto por Wall e demarcado pelo cinematográfico, o quase-documental e o documental. Tais demarcações, que tendem a ser apresentadas pela bibliografia em relação a aspectos da produção da imagem, serão revistas dentro do corpo de trabalho teórico do próprio artista. A proposta da comunicação consistirá em, estabelecendo essas demarcações como conceitos e fronteiras – o que segue sendo feito largamente, especialmente no que diz respeito à colocação do artista no mercado –, invocá-las e diluí-las a partir da fotografia que orienta essa apresentação. Em uma tentativa de não permitir que, uma vez mobilizado pelas imagens, os conceitos de Wall delas escapem e as delimitem, nos dedicaremos a perceber o aspecto transfronteiriço que em “The Flooded Grave” se rebela. Essa imagem carregaria, dentro de sua exploração do impossível, uma âncora no real mais imediato: a aposta do artista dela poder ser vista, ainda que em um piscar de olhos, por quem cruze aquele cemitério em um dia chuvoso. A realidade e materialidade da obra, que é

uma fotografia montada digitalmente, seria a mesma que sustenta os conceitos que dela estão mais afastados no eixo que comentamos: a sugestão de um instante ocorrido. Essa fotografia, e essa será a aposta da comunicação, seria a realização material da imagem vislumbrada pelo artista e que agora ele recria e invoca convidando-nos a “acreditar na realidade do ato de imaginação que ela descreve” (CHEVRIER, WALL, 2006, p.195).

Valorizando a memória de pintoras esquecidas na História da Arte

Mariana Fernandes de Queiroz (PPGMC)

Orientador: Prof. Dr. Octavio Aragão

A proposta desse projeto é mostrar através de uma história em quadrinhos, em formato *webcomic*, a importância de ressaltar a memória de artistas mulheres. Como o tema possui uma grande abrangência, o recorte inicial são as pintoras brasileiras Abigail de Andrade, Berthe Worms e Georgina de Albuquerque (séculos XIX e XX). O material proposto abordará de forma pluralizada os aspectos socioculturais vividos por essas artistas, sempre mantendo o caráter reflexivo do por que elas não são lembradas na mesma proporção do que os artistas homens. A hipótese da pesquisa está pautada na ideia de apresentar essas artistas “esquecidas” pelo público, valorizando sua memória e trabalho. Lembrar a carreira dessas pintoras também é fundamental para uma completude da História da Arte. Negligenciar a trajetória dessas mulheres é como remover fragmentos importantes desse campo. Portanto, a ideia da divulgação sobre essas artistas poderia provocar um crescente interesse sobre seus trabalhos, além de inspirar muitas mulheres artistas da atualidade. A pesquisa terá um foco histórico, por se tratar de pintoras que fizeram parte da História da Arte, analisando as obras e a trajetória de vida de cada uma. O trabalho poderá fazer uso de uma abordagem qualitativa, ou seja, serão analisados outros materiais com conteúdo similar como histórias em quadrinhos impressas, online (*webcomic*) e livros. Durante a análise dessas obras, serão observadas as características principais utilizadas pelos autores, como também a narrativa e as escolhas estéticas adotadas. A escolha de utilizar uma história em quadrinhos para o projeto, auxiliará na compreensão do tema de uma maneira mais lúdica e amigável. O foco em *webcomic* é fundamental para essa questão, pois se trata de um formato que vem se popularizando e pode ser mais acessível, em comparação ao impresso. Por fim, o trabalho também abordará alguns aspectos do movimento feminista, tema bastante debatido na sociedade, relacionando as pintoras e sua trajetória artística com relação aos problemas socioculturais causados por uma sociedade conservadora. O entendimento do feminismo pode ajudar a refletir com mais embasamento sobre a trajetória de cada artista mulher do período destacado e o impacto disso em nossa atualidade.

Análise dos processos dramaturgicos: similaridades e singularidades na escrita teatral e cinematográfica de Macunaíma

Raphael Janeiro Funari Di Lucia (PPGAC)

Orientadora: Profa Dr^a Elizabeth Motta Jacob

Esse projeto visa analisar as especificidades técnicas que fundamentam o texto teatral e o roteiro cinematográfico, posto que ambos são construções dramaturgicas, no intuito de verificar suas singularidades e similaridades. Os principais objetos dessa pesquisa são uma peça e um filme, oriundos da adaptação de uma matriz literária

comum: o livro “Macunaíma: O herói sem nenhum caráter” (1928) de Mário de Andrade. O interesse por essa pesquisa teve sua origem no trabalho que realizei junto ao grupo de teatro “Os PataPHísicos”, no qual revezava entre as funções de ator, autor e diretor desde 2010, aliado aos meus recentes trabalhos como roteirista de cinema. Dessa forma, comecei a perceber os mecanismos que adotava durante o processo de escrita e como eles se diferenciavam de acordo com o meio no qual eram executados. Motivado por esse exercício, me veio o questionamento, que deu origem a essa pesquisa: Haveria algo que caracterizasse uma palavra escrita como sendo especificamente teatral ou cinematográfica? As desambiguações selecionadas para esse estudo são a peça, de 1978, dirigida por Antunes Filho, com texto adaptado por Jacques Thieriot a partir das improvisações dos atores, e o filme, de 1969, escrito e dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, sob os quais se dará um estudo analítico-comparativo, caracterizado por uma investigação teórica, na busca por localizar as diferentes formas de composição, chegando especificamente a uma cena de cada obra, a partir das quais será estabelecida uma relação entre a palavra escrita no teatro e a palavra escrita no cinema. Trata-se essencialmente de uma pesquisa acerca das técnicas e elaborações formais da escrita dramática para o teatro e o cinema, em diferentes recortes temporais e estilísticos. Parece evidente que não exista distinção entre a palavra no ambiente teatro e a palavra no ambiente cinema, posta a sua condição solitária. No entanto, essa hipótese demonstra que o interesse dessa pesquisa nunca esteve no seu fim, mas justamente no caminho que ela percorre, mesmo que seja uma busca sem esperanças de êxito, mas repleta de descobertas instigantes e desafiadoras. O percurso empreendido nesse estudo é o que sustenta sua motivação, para além de pretensos objetivos.

Sessão C

Da solidez dos afetos inconclusos: a cidade de Wong Kar Wai

Profª Drª Elizabeth Motta Jacob (PPGAC)

Este estudo apresenta nossas reflexões sobre a representação da cidade na obra cinematográfica de Wong Kar-Wai. Para nos aproximarmos das relevantes reflexões deste cineasta sobre a paisagem urbana e a inserção do homem em seu seio, achamos importante entender a própria noção de espaço no cinema e trabalhar com as imagens por este diretor criadas a partir de sua potência em gerar percepções sinestésicas e visualidades hápticas. O interesse desse estudo deixa recair seu foco no espaço diegético, nas instâncias narrativas que o fundam e nos mecanismos próprios à linguagem cinematográfica que são capazes de produzir formas específicas de apreensão do espaço. Entendemos que a visualidade construída no cinema se dá através do tripé de criação estabelecido pela Direção, Direção de arte e Direção de fotografia e centramos nossa análise no trabalho de Direção de Arte, utilizando como referencial teórico os trabalhos de Affron e Tashiro. Já a questão da visualidade háptica é analisada neste estudo a partir das contribuições de Deleuze e Guattari bem como os estudos de Aumont, Marks e Gonçalves. Nos ateremos à criação de visualidades hápticas que serão relevantes para a construção da visualidade das cidades e seus imbricamentos com o destino dos personagens na obra de Wong Kar Wai. Através desse estudo buscamos demonstrar como os recursos empreendidos na construção da visualidade dos filmes de Wong Kar-Wai estão a serviço do estabelecimento de conexões diegéticas sensíveis e potentes, que criam uma ambiência capaz de convocar o espectador e envolvê-lo de forma a provocar uma experiência estética. Entendemos que este contato íntimo no qual a visão e o tato se confundem afeta profunda e sensivelmente o espectador, gerando experiências hápticas. Os filmes de Wong Kar-Wai são talvez por isso também filmes sobre memórias imaginadas, recriadas, repetidas, mas sempre adulteradas onde a cidade se impõem e imprime sua

marca de solidão e não pertencimento, capazes de levar o espectador a reflexões sensíveis a respeito da condição do homem contemporâneo.

Monóculo fotográfico e o espiar da imagem

Ana Angélica da Costa Menezes (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Maria Teresa Ferreira Bastos

Hoje pouco falado e conhecido, o monóculo fotográfico, semelhante a uma luneta, tem no seu interior a fotografia em filme reversível, o slide. Esta fotografia em dispositivo de visualização foi popular entre os anos de 1970 e 1990 e era comumente produzida pelos fotógrafos de rua ou itinerantes. Em cidades grandes, era realizada em circos, praias e pontos turísticos, já no interior do nordeste o contexto religioso se fez predominante, como nas romarias. No meu trabalho monográfico “Imagem, história e memória: um olhar sobre os monóculos fotográficos” destaco três elementos importantes para a produção dessas fotografias – a câmera, o reversível e o dispositivo de visualização. A câmera Olympus Pen, lançada em 1959, no Japão, trouxe grande benefício para a produção do monóculo. Criada pelo designer Yoshihisa Maitani, seu quadro reduzido à metade possibilitou maior rentabilidade, pois passou a “dobrar” a produção de fotografias. O filme reversível também foi fundamental. O seu processo de revelação, o E-6, era um método inteiramente químico, viabilizando a produção dessas fotografias em cidades interioranas e no nordeste do país. O monóculo em si é um dispositivo de visualização que nos remete a um hábito pertencente a nossa vivência: o brincar. Como pontua Elinaldo Meira, esse dispositivo aproxima e estabelece relação de familiaridade nas pessoas pela sua matéria, o plástico e as cores vibrantes, assim como o seu manuseio. Também é característico do monóculo o contexto turístico e, por isso, com frequência, visto como um souvenir. O que confere ainda mais simbologia e encanto. Para Gunther, as funções simbólicas atribuídas à fotografia turística provêm do modelo de souvenir capaz de restituir o efeito de presença. Com um olho aberto e outro fechado, assim espiamos o monóculo como espiamos pela fechadura. Adentramos parcialmente e conhecemos a secreta cena encapsulada, retomamos a memória.

Tempo e “jornalismo de sensações”: narrativas que (co)movem

Angélica Fontella (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Marialva Carlos Barbosa

Por que determinadas narrativas nos tocam mais do que outras? Talvez seja essa a pergunta fundamental que instigou a investigação proposta. A opção pelo verbo “tocar” explicita-se pela pretensão de tentar explicar a emergência de sensações possíveis decorrentes da leitura, neste caso, de jornais impressos: nó na garganta, calafrios, reviravolta no estômago: injustiça, impotência, liberdade... São infinitas possibilidades de sentir que são associadas a variadas emoções: ansiedade/tensão/medo, asco/repulsa, compaixão, alegria... O tema dessa pesquisa é, portanto, a historicidade do chamado “jornalismo de sensações” (BARBOSA, 2004) no Brasil, buscando compreender, ao longo de 50 anos, como - ou se - as sensações influenciam na construção da lógica narrativa popular brasileira. Partimos de algumas premissas-chave que contribuem para a delimitação desse percurso entre 1950 e 2000. A exemplo de diversos autores e autoras (MATHEUS, 2011; AMARAL, 2005; ANGRIMANI

SOBRINHO, 1995 etc.), refutamos a acepção preconceituosa e acusatória do termo “sensacionalismo”, substituindo-o por “de sensações”. Para Marialva Barbosa (2004), o jornalismo de sensações destaca as formulações discursivas que provocam sensações físicas no leitor, recorre ao imaginário e, na sua narrativa, estabelece eixos discursivos com as sensações do leitor, apelando para os mais variáveis sentidos físicos. Integra um universo cultural de sentidos formados na longa duração, no “fluxo do sensacional” (BARBOSA E ENNE, 2005). É marcado pela mescla de dramas cotidianos e melodramas, adotando uma estrutura narrativa que navega entre o sonho e a realidade (2005, p. 67). Assim, ao longo da tese, objetiva-se refletir sobre o aparente confronto entre emoções e sensações. A definição clássica, denotativa, de sensações tem origem na Fisiologia e na Psicologia que a compreendem como o processo pelo qual um estímulo externo ou interno provoca uma reação específica, produzindo uma percepção: sensação visual, tátil, gustativa, olfativa; sensação de fome; sensação de opressão, de liberdade (HOUAISS, 2009).

O imaginário do cinema de Sofia Coppola: cruzamento de artes em “As virgens suicidas” e “Maria Antonieta”

Laís Bravo Serra (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Elizabeth Motta Jacob

Esse trabalho faz parte da pesquisa de mestrado que está sendo realizada a respeito da poética do espaço na obra de Sofia Coppola. Nosso interesse inicial foi analisar a presença das diferentes mídias e demais suportes artísticos utilizados enquanto elementos intertextuais, os quais conformam a base narrativa de seus filmes. Neste sentido, consideramos os trabalhos desta cineasta como interessantes para o campo das artes contemporâneas, visto que esta área tem apresentado debates e interesses relativos a contaminações disciplinares e hibridismos nas práticas artísticas. Nos debruçamos, assim, sobre a análise estética de dois filmes de Sofia, “As virgens suicidas” (1999) e “Maria Antonieta” (2006), os quais expressam estas contaminações e hibridizações de maneira clara, e representativas da poética que atravessa seus trabalhos. Estes cruzamentos entre as artes, embora sejam próprios do dispositivo cinematográfico, surgem nos filmes de Sofia como um fundamento estético (visual e musical) para construir a narrativa. Em nossa investigação, esses elementos foram atribuídos enquanto transtextualidades, pois eles existem de modo expandido nas práticas de Sofia, ultrapassando o campo fílmico. Deste modo, quanto ao percurso teórico, adotamos primordialmente Jacques Aumont e David Bordwell para orientar as análises estéticas. E, uma vez estabelecido o recorte estético que nos interessava, a imagem fílmica, elegemos o campo fenomenológico da imaginação para nossas reflexões. Essa escolha se deu por estarmos tratando de âmbitos do sensível, da criatividade e da poética artística, que se cristalizam em uma obra. Os autores dessa orientação a que aderimos, como Gaston Bachelard, Gilbert Durand e Michel Maffesoli, abordam, antes da imagem, a imaginação. Logo, a imagem é fruto da imaginação do artista, o que, no caso dos filmes de Sofia Coppola, ocorre numa confluência muito próspera devido à sensibilidade de suas práticas e trabalhos cinematográficos. Conforme aprofundamos nossa pesquisa, fomos entendendo que a forma estética dos filmes eleitos, são um espaço em diálogo com o campo do imaginário, e, assim, as reflexões se mostraram (ao nosso ver) extremamente enriquecedoras. Outro autor que veio em nosso auxílio foi Edgar Morin, o qual, ao abordar justamente o cinema enquanto dispositivo estético deste duplo “real-imaginário” (MORIN), ajudou-nos a confirmar a ponte conectiva de maneira mais direta nesse sentido. Posto isso, nesse trabalho foram articulados diálogos entre diversas camadas intertextuais que a obra de Sofia Coppola possui na poética de cena, voltados para a poética do espaço, tanto no sentido do “espaço fílmico” como do “espaço poético da imaginação”.

A imagem como arma no trabalho de Rabih Mroué

Mariana Teixeira Elias (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. André Parente

“A imagem pode matar?” questiona-se a autora Marie-José Mondzain, em seu livro de mesmo nome. Segundo ela, é necessário, a princípio, refletir sobre “O que é uma imagem?”, “cremos, aprendemos, informamos, transmitimos pela imagem” (Mondzain, 2009). A imagem não age por si só, para a autora, ela é um objeto oferecido aos olhos de um espectador. Já a violência não é um objeto, por isso ela implica a existência de um sujeito para efetuar-se. Ou seja, não existe a possibilidade da imagem matar por si só. É necessário uma ação, realizada por um indivíduo. Pensar a imagem como arma de protesto, como mecanismo de resistência e prática política, é uma forma de “fazer ver” (Mondzain, 2009). Isto é, a imagem como arma é um manifesto, serve para provocar, para causar um mal estar, para fazer com que o sujeito possa enxergar além. A imagem como arma não é necessariamente uma imagem violenta, ela é uma imagem reflexiva que tem a proposição de questionar. A palestra-performance “Revolução em Pixels” do artista libanês Rabih Mroué, dura aproximadamente 60 minutos. O artista abre com uma fala que gera grande expectativa para o público: “em setembro de 2011, alguns meses após o início da revolução Síria, um amigo meu me disse: os rebeldes sírios estão registrando suas próprias mortes” (MROUÉ, 2013). Esta frase marca o início de sua indagação. Fundamentado nela, o artista arquiteta seu manifesto em forma de performance. Por intermédio da arte, evidencia e investiga episódios registrados pelos celulares dos manifestantes sírios. Essas imagens são uma revolução em si mesmas e carregam um grande potencial de luta e resistência contra o sistema vigente. A baixa qualidade dessas imagens, sua não correção, seu status de “imagem pobre” (STEYERL, 2009) e “real”, causam uma empatia no espectador. Aqui existe uma questão de credibilidade, de crença nas imagens pelo público que as vê. Rabih Mroué propõe uma história contada pelos vencidos. Novas versões que partem de um ponto de vista interno, diretamente da revolução. Exibe ao espectador uma imagem de horror que carrega consigo uma questão reflexiva. Influenciado pela violência de uma guerra civil e a violência das imagens que ela gerou, a obra de Mroué atua como uma voz em constante desenvolvimento, uma voz que realiza um manifesto, uma “imagem arma” que tem como alvo o opressor. Com olhar analítico, o artista revisita momentos da história de seu país e propõe a retenção dessas imagens na memória e na história, funcionando como um testemunho dos revolucionários e operando como resistência ao regime, constatando “que a imagem também se projeta, da mesma forma que um coquetel molotov arremessado.” (LEANDRO, 2014).

Imagem-corpo-verdade: um estudo sobre a fotografia feminina do povo Maxakali

Naiara Caves Azevedo (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Beatriz Jaguaribe

Partindo da experiência de produção de imagens tecnológicas pelo povo Maxakali, especificamente a realizada pelas mulheres, esse trabalho se debruça sobre as fotografias do livro “Koxup xop: Imagem. Fotografias de Aldeia Verde”, em que mulheres da etnia Maxakali (ou, à maneira como se designam a si, Tikmu’un) registram o seu olhar e suas experiências acerca dos ritos de sua comunidade. A maneira como o fazem e a importância social/cultural que designam a essas fotografias interessam para o exercício de compreender o lugar da imagem na apreensão de mundo pelo povo Maxakali. Como um possível desdobramento do questionamento que se for-

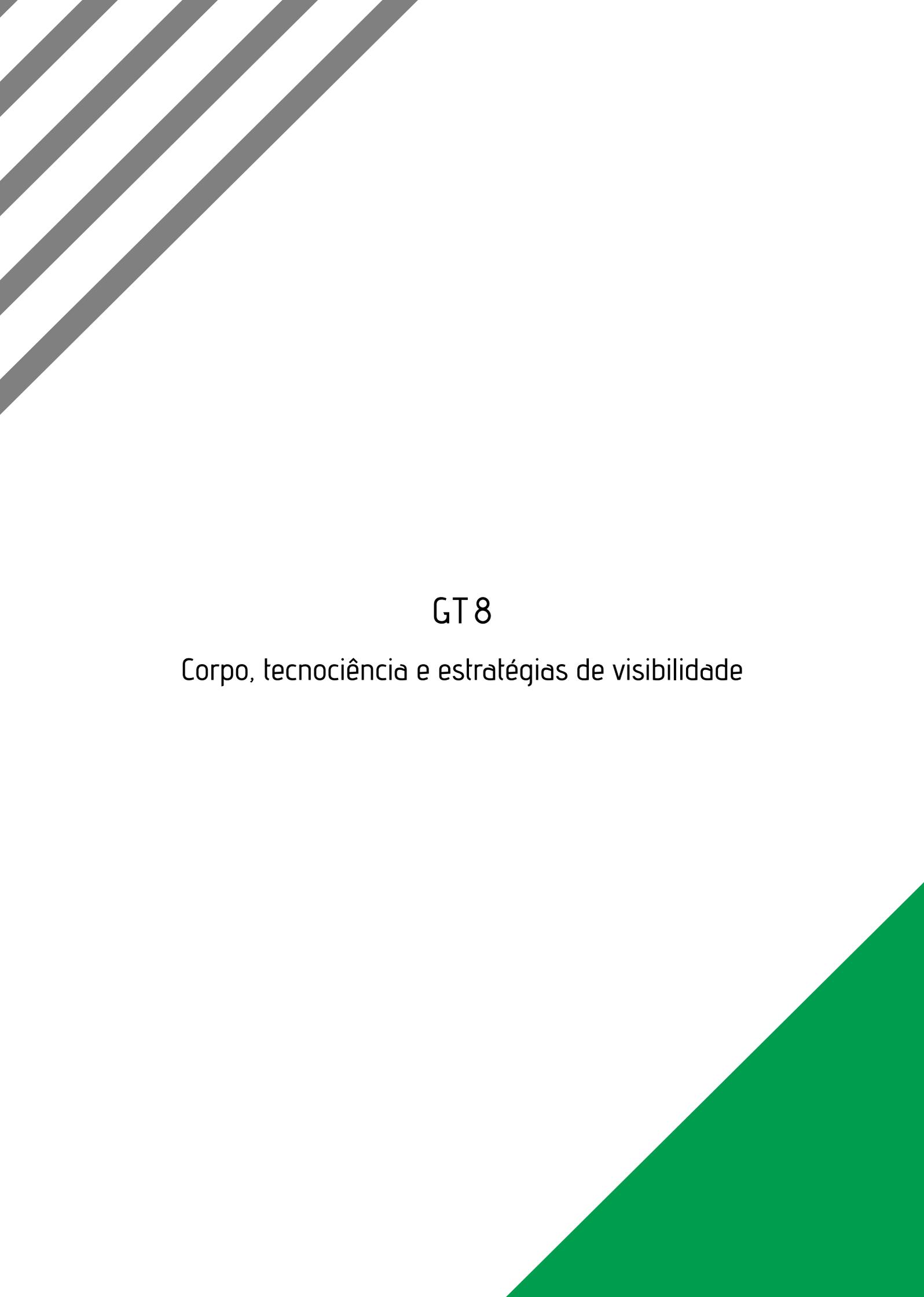
mulou ainda nos anos 1970 acerca de uma ontologia fotográfica feminina (se existiria um “olhar” feminino que é diferente do “olhar” masculino), a pesquisa tenciona i) avaliar este novo lugar, habitado pela mulher indígena, criadora de imagens que narram a cultura de seu povo, e os possíveis desdobramentos no cotidiano da comunidade em face a este novo protagonismo feminino; ii) avaliar as implicações do corpo feminino como filtro no processo audiovisual de tecnicização da memória indígena; e iii) repensar o lugar historicamente atribuído às mulheres e à fotografia: o limiar entre o público e o privado. Em tempos de complexidade dos saberes, quando uma cosmologia moderna ocidental baseada na cisão entre natureza e cultura, ciências e humanidades, rui diante dos efeitos destrutivos de ordem planetária do capitalismo, cosmologias ancestrais, como as dos povos originários, são cada vez mais acionadas pelos estudos do conhecimento. Uma maneira radicalmente diferente de entender o ‘estar no mundo’, as relações e as estéticas nos chegam, sobretudo, com os estudos sobre territorialidades e descolonialidades latino-americanas. Uma análise da crescente produção de imagens realizada por povos originários se faz relevante na medida em que o deslocamento da câmera, tradicionalmente em mãos de antropólogos e cineastas, para mãos indígenas, marca também um deslocamento de poder e contribui para uma reflexão crítica sobre a produção de saberes (BENTES, 2004). Entendendo o lugar central que ocupam as novas tecnologias na confecção de sentidos e mundos possíveis, o domínio da técnica de foto e filme pelos povos originários assinalaria um momento fértil de expansão do campo. As imagens reunidas em um livro-catálogo, e sobre as quais essa pesquisa se debruça, registram rituais e o cotidiano da Aldeia Verde, localizada em Ladainha/MG, sob o ponto de vista feminino. A tomada do aparato técnico pelas mulheres da aldeia sinaliza um movimento que se intensifica de se fazer ver os povos originários através de um olhar interno, mas, neste caso, um olhar atravessado pelas experiências, os saberes e o corpo da mulher índia.

O cineasta branco e a cena decolonial

Vinicius Reis (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Gabriela Lírio Gurgel Monteiro

Um cineasta branco desenvolve um roteiro de longa-metragem, ficção, sobre uma jovem negra brasileira que passa uma temporada de estudos na Europa. Nanda, personagem principal da história, faz um doutorado sanduíche em arquitetura numa universidade de Berlim. Ifê, filha do consul da Nigéria e também doutoranda, é a melhor amiga de Nanda na cidade. Omar, alemão, filho de turcos, é o namorado da brasileira. O cineasta branco está entusiasmado com a trama que envolve esses três personagens. Mas em um determinado momento, o cineasta branco interrompe a escrita, reflete sobre o “lugar de fala” e se pergunta se pode narrar uma história com uma protagonista negra. Esse questionamento o faz rever e pesquisar alguns filmes que marcaram o cinema moderno e contemporâneo; filmes realizados por cineastas brancos e brancas com personagens negros e negras: “Barravento”, do Glauber Rocha; “Chica da Silva”, do Cacá Diegues; “Eu, um negro”, do Jean Rouch; “Juventude em Marcha”, de Pedro Costa; “Branco Sai, Preto fica”, de Adirley Queiroz, “Madame Satã”, do Karin Ainoz; “Chocolate” da Claire Denis, entre outros. “Sombras”, primeiro filme realizado por John Cassavetes, no final dos anos 1950, é um caso emblemático na pesquisa do cineasta branco.



GT 8

Corpo, tecnociência e estratégias de visibilidade

Sessão A

A criação da liberdade: uma investigação sobre a prática de yoga e o trabalho do ator-performer

Ludmila Rosa (PPGAC)

Orientador: Prof. Dr. Gilson Motta

A pesquisa se propõe a examinar as articulações possíveis entre a prática de yoga e o trabalho do ator-performer na contemporaneidade. O estudo parte de uma investigação teórica de elementos do yoga, tanto da vertente clássica como da tântrica, considerados sob a perspectiva do conceito de cuidado de si, desenvolvido por Michel Foucault em “A Hermenêutica do Sujeito”. Procuro refletir sobre como o yoga pode potencializar o trabalho do artista sobre si mesmo, no intuito de gerar dispositivos de criação, de não-subserviência e, em última instância, de liberdade. Trago o trabalho de outros artistas que já se utilizaram de elementos do sistema yóguico - como Stanislavski, Grotowski, Dorinda Hulton e Fay Simpson - para enriquecer e observar as múltiplas possibilidades que se desenvolvem na relação entre esses dois campos de estudo. A pesquisa tem caráter teórico-prático, portanto serão também realizados workshops, cujo objetivo é experimentar procedimentos e questões que possam contribuir para o aprofundamento do trabalho do ator/performer, tanto no âmbito do treinamento quanto da criação - traçando conexões entre arte, performatividade e espiritualidade. Acredito que o yoga pode potencializar o trabalho do artista da cena, por ser um sistema que propõe exercícios psicofísicos, através da execução de posturas (asanas) associadas a determinados tipos de respiração (pranayamas). É também uma espécie de filosofia prática, que sugere uma conduta de desenvolvimento no campo da ética, propondo assim modificações em modos de existência e despadroneizações de hábitos. Dentro desse escopo, creio que a prática de yoga possui uma série de similaridades com os processos de trabalho do ator/performer. As questões, então, começam a surgir: Quais são os conceitos envolvidos nesse sistema filosófico milenar que despertam o interesse do performer contemporâneo? Como se dá o processo de incorporar o yoga nos procedimentos artísticos? Quais os pontos de similaridades e divergências entre esses dois (múltiplos) universos?

Há sujeito por vir? Biohacking, transumanismo e o fim do sofrimento (humano)

Luiza Quental (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Ieda Tucherman

Em agosto de 2018, a *Gartner Inc.*, uma das mais importantes empresas de pesquisa de tendências na área de tecnologia, publicou que *Biohacking*, a aplicação da ética hacker através da modificação e otimização do próprio corpo, usando técnicas de autoadministração: dieta, alimentação, *lifestyle*, consultorias genéticas, e variadas alterações bioquímicas através de drogas (as famosas *smart drugs*), implantes e outras alterações com o propósito de tornar o organismo humano mais eficiente, é uma das cinco tendências a serem observadas no mercado global tecnológico. Soma-se a isso uma crescente medicalização de todo e qualquer sofrimento humano (Bezerra Júnior 2010), tratando-o não como parte inerente da vida, mas como uma atividade puramente optativa e não particularmente produtiva. A combinação desta “patologização da vida subjetiva” (Khel, 2015) e a somatização

da mente humana, atribuindo respostas molecularizadas e biologizadas às questões que antes pertenciam à ordem psíquica, resulta numa espécie de planificação daquilo que era, profundamente, denominado “mundo interior”, e transformando, portanto, a forma como pensamos sobre nós mesmos (Rose 2007). Isto tudo, claro, em meio a um cenário contemporâneo de capitalismo 24/7, onde o valor que reina é a produtividade e onde os ciclos biológicos são transcendidos a favor de alimentar um mercado 24/7 (Crary 2013). Espalhados pela internet, variados indivíduos compartilham suas experiências com *Biohacking* e ensinam outros a fazerem o mesmo, a serem, também, “super-humanos”. Surge o sujeito da otimização. A presente pesquisa busca fazer uma discussão crítica dos rumos da subjetividade humana em face às transformações biotecnológicas e à crescente adesão de uma mentalidade de otimização humana, exemplificada e discutida a partir do fenômeno dos *Biohackers*. Pretendemos provocar uma ampla compreensão dos principais fatores contribuintes para este fenômeno e entender as consequências que decorrem não só do fenômeno em si, mas também as mudanças em relação a como o ser humano pensa a si próprio. E, talvez o mais interessante, se esse ser humano quer ainda reconhecer-se como humano ou se pretende investir na superação desta condição, transformando-a, como propõe o imaginário Transumanista, num dos degraus e não o último da seleção das espécies.

Migrantes em cena: testemunho e fama na sociedade midiaticizada

Otávio Cezarini Ávila (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Mohammed Elhajji

A imigração no Brasil sofreu modificações étnicas ao longo do século XX com os europeus e asiáticos compondo a população estrangeira na primeira metade do século e os latino-americanos, a partir da década de 1980. O século XXI é marcado por novos trânsitos com a presença preponderante de haitianos, sírios e congoleses. Chamado de o “século da migração” (BERGMAN, 2018) por diversos intelectuais e líderes, as migrações não só se transformam etnicamente, mas fenomenologicamente a partir de um novo tecido social midiaticizado (COULDRY e HEPP, 2013; 2017; BRAGA, 2012; SODRÉ, 2013) que influi nas decisões de migrar, na reconstrução de identidades transculturais (ÁVILA, 2016; 2019) e na manutenção de laços que atua sobre o que Sayad (1998) chamou de *ghorba*, ou o “estado mental de exílio” do migrante. Nesse ínterim, a midiaticização parece oferecer outro efeito na construção social da migração: a presença de narrativas sobre a experiência de sofrimento (SARLO, 2013) possibilitam que testemunhos circulem na sociedade e construam novos personagens transculturais na esteira social brasileira. A partir do refugiado sírio Kaysar Dadour, levado à fama pela televisão, o artigo pretende analisar como ele - e outros imigrantes e refugiados - utilizam seu capital cultural (BOURDIEU, 2001) nas redes sociais digitais como oportunidade de sucesso financeiro, político e cultural. Parto do pressuposto que os testemunhos de sofrimento são constantemente transformados em demonstração de competências e habilidades no circuito comunicativo que, por sua vez, alimentam o sentimento de empatia nos outros a partir da fama.

Atores pós-orgânicos: a luta pela sobrevivência na era dos automatismos digitais

Vanessa Guimarães Lauria Callado (PPGMC)

Orientadora: Profª Drª Aída Maria Bastos Nepomuceno Marques

Antes da revolução industrial, o trabalho do ator ficava restrito aos palcos do teatro. No final do século XIX, com as mudanças nas relações econômicas, o consequente desenvolvimento das cidades, as transformações de mentalidade e principalmente o desenvolvimento de tecnologias e equipamentos, entre eles a câmera cinematográfica, surgiu um novo nicho para o trabalho do ator: cinema e posteriormente televisão passaram a ser uma opção. No mundo ocidental regido pelo capitalismo industrial ocorreu um acelerado estreitamento da relação do homem com a técnica e assim se solidificou o papel da tecnologia para a moldagem de corpos e subjetividades. Na contemporaneidade, diante da “sociedade da informação” e de suas ferramentas e dispositivos vinculados às novas mídias digitais, essa conexão se aprofundou de tal maneira que já não dá mais para separar a tecnologia do homem. Estamos diante de um ser humano e as extensões mecânicas de seu corpo. A forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência e é tarefa inerente ao ator estar intimamente ligado com as transformações de seu tempo e as exigências de suas plateias. Vivemos uma contemporaneidade onde o corpo diante de certas áreas do saber, como a teleinformática e a ciência, é apresentado não só como obsoleto, mas com um empecilho, um entrave para a mente. O corpo necessita de sono, de comida, de água, de saúde. Esse trabalho tem como objetivo analisar como sobrevive o ator no mundo contemporâneo, frente aos processos de informatização da cultura e a chamada tecnociência que sugere uma inexorável obsolescência do corpo. Acredita-se que estamos diante de uma profunda revolução cultural, onde espaço e tempo já não são considerados barreiras, dando outra significação à presença do corpo, principal instrumento de trabalho do ator, no aqui e agora. Se a tecnologia digital faz parte do nosso dia a dia, influenciando não só a maneira pela qual nos comunicamos, nos locomovemos, nos abrigamos, mas também nosso trabalho, nosso lazer, nossa vida sexual e até a maneira como raciocinamos, a arte, que se significa a partir dessa realidade, leva muitas vezes ao questionamento da própria condição do orgânico.

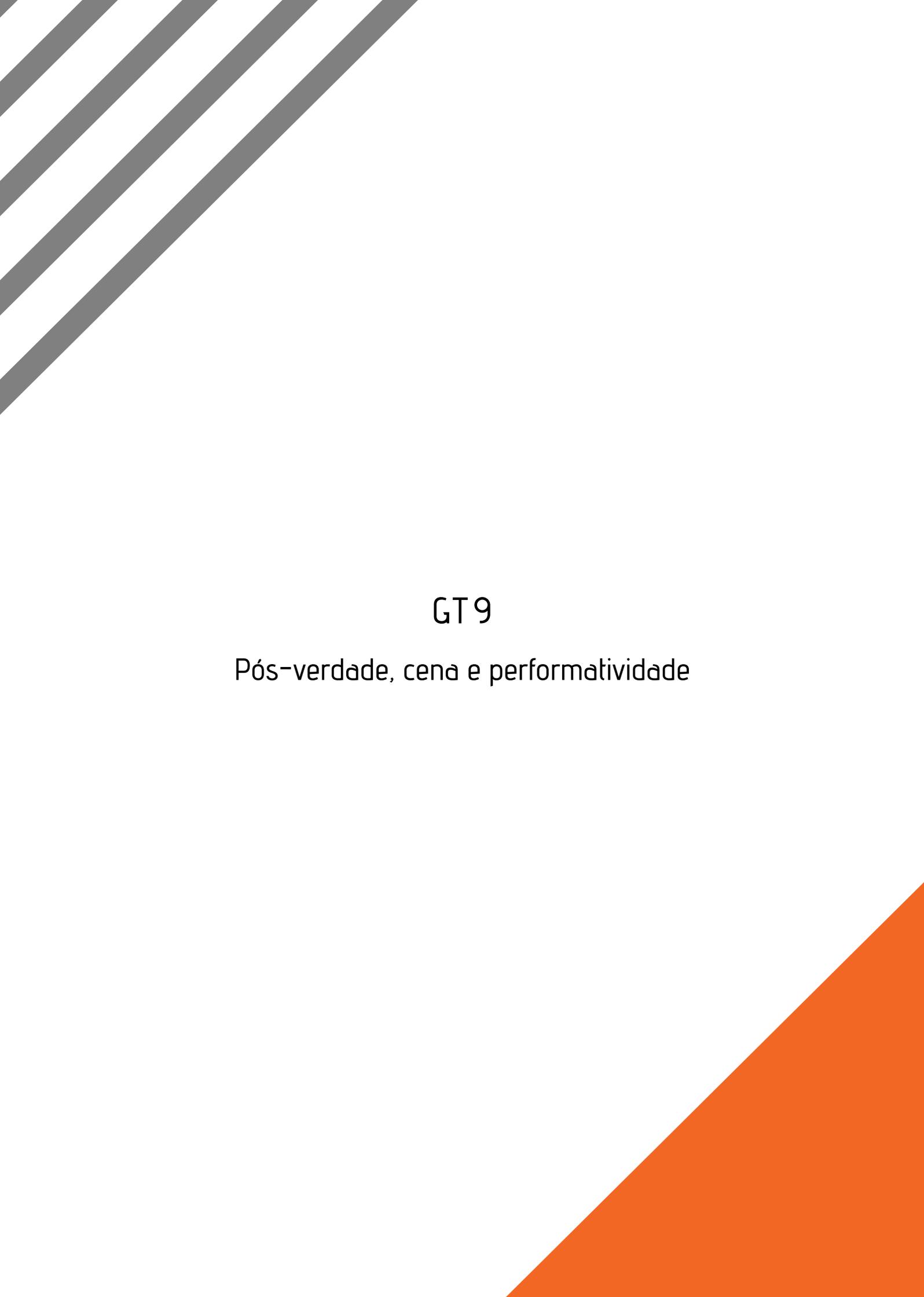
Modos de ser e ver no contemporâneo: visibilidade, eficácia e a relação indivíduo-outro no Instagram

Victor Terra (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Marcio Tavares D’Amaral

A contemporaneidade é marcada pela produção e circulação de imagens e pela interferência cada vez mais incisiva da ambiência virtual das redes na estruturação das subjetividades. A visibilidade emerge como valor e critério de existência, passando a implicar diretamente no processo de constituição de si do sujeito contemporâneo, que deseja ver e ser visto (SIBILIA, 2008). Levando em conta que os modos de ver constituem os modos de ser e vice-versa (BRUNO, 2013), a pesquisa tem como objetivo investigar de que forma a figura do outro interfere na constituição de si do indivíduo no contemporâneo, que se constrói em e por meio de imagens, na forma de um “eu-imagem” (BRUNO, 2013). Para tal, investigam-se as relações entre usuários do *Instagram*, rede social de compartilhamento de fotos e vídeos, utilizada por cerca de 46% dos brasileiros que têm acesso à internet, sendo a terceira mais usada no país e a que mantém maior índice de crescimento anual. Adota-se como categoria de indivíduo o perfil específico do jovem brasileiro da classe média urbana, usuário da rede social em questão.

Com relação à empiria, a pesquisa se utiliza da coleta de dados quantitativos (questionário múltipla escolha) e qualitativos (entrevistas presenciais com usuários do *Instagram*) – etapas em curso. Como resultado, não se pretende extrair um modelo médio de usuário, mas enxergar, genealogicamente, os graus de multiplicidade e especificidade entre os relatos, além dos pontos de contato entre os usuários em sua percepção das relações forjadas no e pelo *Instagram*. Lançando mão do método genealógico, o trabalho propõe um movimento comparativo entre os períodos moderno (séc. XIX) e contemporâneo, apontando rupturas e continuidades e dando a ver as condições de possibilidade dos regimes de visibilidade em cada uma das épocas: a primeira sob a perspectiva da sociedade disciplinar, e a segunda sob a ótica do controle e da vigilância. Como considerações preliminares, destaca-se a existência da esfera híbrida conformada pelas redes de comunicação, investidas de realidade e virtualidade; privacidade e publicidade; autenticidade e artifícios. Nela, está o indivíduo contemporâneo, que sem deixar de lado a dimensão material e concreta do mundo real, constitui a partir da lógica da eficácia e dos efeitos. Nesse sentido, a pesquisa busca averiguar a hipótese de uma eventual instrumentalização da figura do outro, convertido na categoria do que, até aqui, temos arriscado nomear de outro-eficaz. O relatório Digital In 2019, divulgado pela *Hootsuite* e *We Are Social* em janeiro de 2019, mostra que, atualmente, há 149,9 milhões de usuários de internet no Brasil e 69,9 participantes mensais na rede social *Instagram*.



GT9

Pós-verdade, cena e performatividade

Sessão A

O Barroco enquanto aspecto do grotesco e do trágico

Profª Drª Carmem Gadelha (PPGAC)

Pretende-se examinar aspectos da subjetividade moderna e da atual: seus modos de comparecimento na cena teatral e na performance, caracterizadas pelas crises do drama, da representação, da narrativa. As indagações situam-se entre duas balizas: a obra de arte total wagneriana e as inquietações de Artaud. Corpo, espaço e tempo – tensionados entre os dois polos – apontam possíveis reconceitualizações do pós-dramático: teatralidade, performatividade, tragicidade. Notamos, em abordagens anteriores e retomadas aqui, fortes traços de lirismo coral e dissonante – eterno retorno de Dionísio. É necessário, agora, pensar as consequências disso sobre a noção de personagem: faltam contornos individualizados e profundidades psíquicas e históricas. Ressalta a alegoria, pensada a partir de Benjamin e Agamben. Buscam-se também conexões entre a cena barroca e o trágico, problematizando a associação feita, pelos teóricos do Renascimento, entre as duas expressões. Está em jogo a caracterização da cena contemporânea no horizonte da expressão barroca, na relação com o palco e a cidade.

O contrário de si: máscaras, rua e colonialismo

Lucas Oradovschi (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Adriana Schneider

A pesquisa recém-iniciada no PPGAC tem por objetivo desenvolver uma investigação teórico-prática a partir da relação entre ações teatrais no espaço urbano e a utilização das máscaras como ferramenta expressiva para um teatro de rua contemporâneo. O projeto utilizará, como motivo dramático, a obra “A Conquista da América – A questão do outro”, de Tzvetan Todorov, em diálogo com perspectivas históricas sobre o processo de conquista e colonização das Américas. Para tal, a proposta é desenvolver um laboratório para teatro de rua, que irá investigar a criação de uma dramaturgia baseada na obra de Todorov, a partir de experimentações práticas. Para analisar o material que servirá como base dramática, serão fundamentais as questões relativas ao debate sobre a colonialidade, especialmente como abordadas em Stuart Hall, Frantz Fanon, Aimé Césaire e Achille Mbembe. Após o desenvolvimento do trabalho prático, o projeto prevê a escrita da dissertação sobre o processo, os percursos realizados, as discussões geradas, estratégias e metodologias desenvolvidas. Também interrogará sobre os possíveis impactos que uma cena baseada em obras não escritas para o teatro pode ter no espaço urbano, na disputa simbólica pelo imaginário da cidade.

m0n5+r_S: fotografia/montação

Maíra Lopes Barillo (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Maria Teresa Ferreira Bastos

“m0n5+r_S” é uma experimentação fotográfica desenvolvida em conjunto a uma pesquisa acadêmica, como proposto pela linha “Experimentações da Cena”, do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ, onde a escrita da dissertação acompanha a prática artística. São as vivências o ponto de partida central de “m0n5+r_S” e é por causa delas que nos unimos, eu e os artistas que me rodeiam, em uma mesma linguagem, espaço e desejos. É também, assim, tão importante quanto o resultado dissertativo, as imagens que foram criadas ao longo do período de experimentação. As discussões geradas pelas imagens perpassam a potência da produção *cuir* na fotografia, a monstruosidade como expressão artística e a representatividade e lugar de fala na prática fotográfica. As imagens componentes do trabalho foram criadas nos anos de 2017 e 2018, em Salvador, São Paulo e, majoritariamente, Rio de Janeiro. Foram tiradas por mim, a autora do texto, em colaboração direta com artistas da montagem: performers, drag queens, dançarinas burlescas, dançarinos de *voguing*; a maioria meus amigos íntimos. Uma parte das imagens foi criada em contexto de festa, show e teatro, espaços de encontro de amigos e afetos, para os quais levava a câmera a fim de fotografar as montações que eram utilizadas e as performances realizadas. Experimentando em algumas ocasiões a prática da montagem em mim mesma, e como esse estado de performance afeta a criação de imagens fotográficas. Outras fotos, as mais evidentemente encenadas, são fruto da colaboração minha com artistas amigos, muitas com a direção de arte de Renan Guedes. As imagens se constroem sobre interesses em comum, ideias monstruosas, vontades performativas. Para realizá-las, escolhemos um espaço, montamos um cenário, criamos uma montagem e então a pessoa performa e/ou posa para a câmera. A partir da análise das fotografias resultantes, em relação às referências bibliográficas relacionadas ao tema, estabelece-se uma tentativa de mapeamento da discussão do *cuir* na fotografia. As imagens resultantes da experimentação prática artística ao longo do período de realização da pesquisa são também resultados da pesquisa acadêmica em si. Apostando como posso numa micropolítica de desconstrução das estruturas de poder que nos constituem, essa pesquisa é reflexo dessa prática. Pois se “... toda imagem contribui para que a mundivisão da sociedade se altere.” (FLUSSER, p. 21, 2008), mudando sua forma de criação e exposição, exploramos a potência transformadora dessas.

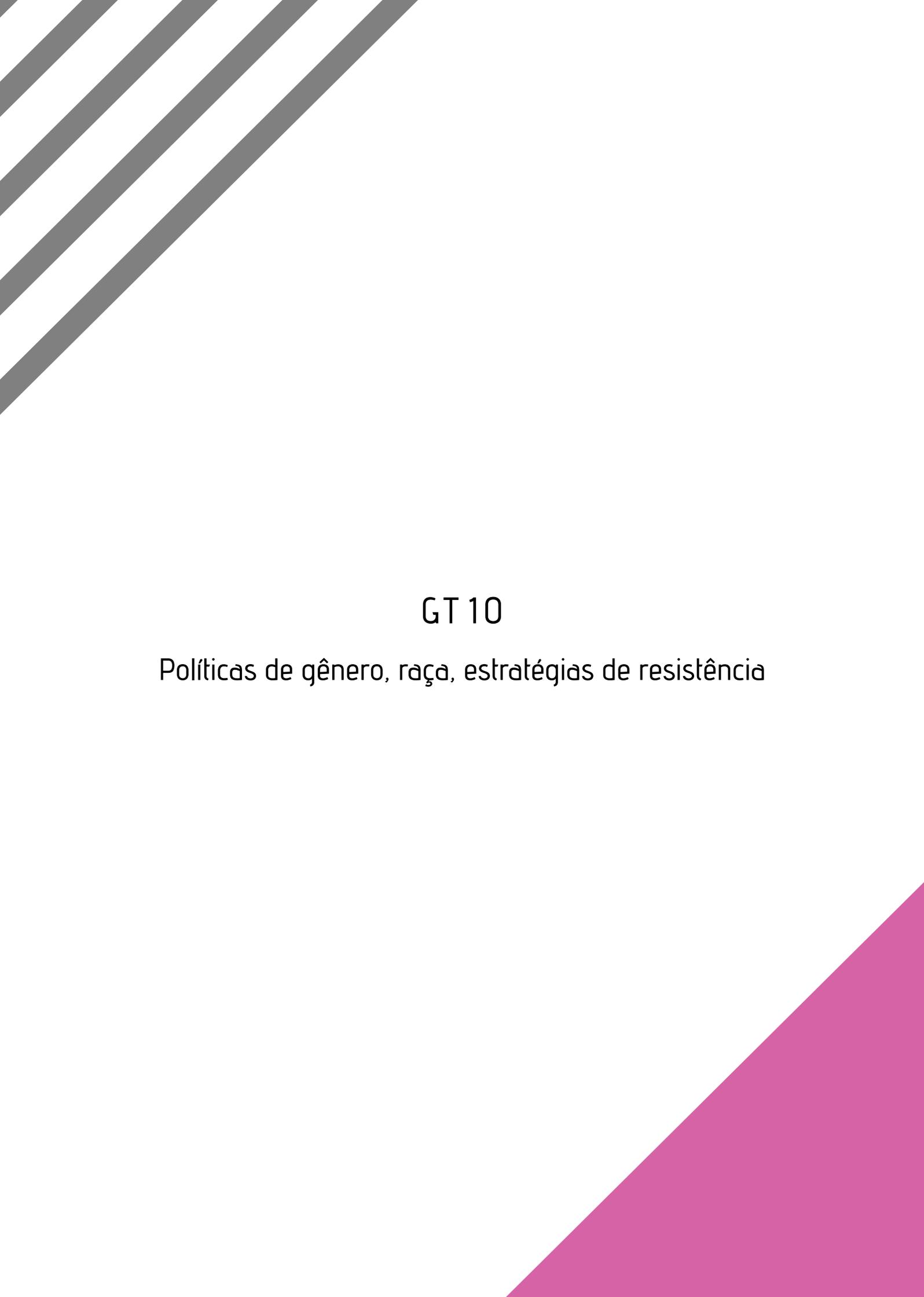
Daneil Herz e os atores de Laura: a desconstrução do encenador no teatro da contemporaneidade e a criação do texto a partir da cena

Paulo Hamilton Santos Silva (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Carmen Gadelha

A pesquisa visa a investigar o processo de criação cênica e textual de dois espetáculos da companhia de teatro carioca “Atores de Laura”, procurando responder algumas perguntas relativas à criação de texto e ao papel do encenador no teatro contemporâneo. Entre os espetáculos criados pela companhia, estudaremos “Adulterio” (2011) e “Absurdo” (2012). Tentaremos compreender como se deu a criação destes trabalhos, comparando-o às recentes discussões sobre processos colaborativos e/ou criações coletivas, em diversas publicações sobre teatro no Brasil de hoje. A análise acima mencionada servirá para investigar o papel do encenador contemporâneo, comparando-o com aquele surgido no fim do século XIX e que atravessou boa parte do século XX como o

responsável supremo pelo sentido da obra teatral. Inserido no modo de produção fordista, o encenador do século XX vive em um mundo de fronteiras nacionais e identitárias muito definidas. Ele é a ponte entre o texto e a cena e todos os outros artistas a ele se subordinam, em nome de uma estética unificada pela hierarquia na divisão de trabalho (encenador, atores, cenógrafos, iluminadores, figurinistas, equipe técnica). O capitalismo global, suportado por redes de informação, estabelece relações identitárias fragmentadas e fronteiras mutantes. É adequado supor que o encenador, hoje em dia, mantém relações horizontalizadas e colaborativas com os outros artistas da cena, pois segue a lógica do trabalho em rede. Não havendo, muitas vezes, um autor, parecemos mesmo que a cena escreve o texto e não o contrário. Apresentam-se, portanto, problemas ligados à tensão autoria/criação (Foucault) e ao artista como produtor (Benjamin). A partir da comparação dos dois textos e dos dois processos criativos, a pesquisa objetiva responder às seguintes perguntas: Estes textos podem ser entendidos como criações coletivas ou processos colaborativos? Ou reúnem características de ambos? Como se dá a relação entre o diretor e os demais criadores da companhia no tocante à criação dos textos e dos espetáculos? Vivemos, no teatro contemporâneo, uma “depreciação” do papel do encenador autocrático? Ou se trata de reposicionamento na divisão de trabalho? Respondendo as perguntas acima, desejamos traçar um estudo sobre o encenador contemporâneo em comparação com o encenador do século passado, assim como delinear as diferenças e interseções entre criações coletivas e processos colaborativos.



GT 10

Políticas de gênero, raça, estratégias de resistência

 **Sessão A**

Expressões de ódio em tempos de redes sociais: um estudo dos discursos sobre mulheres políticas

Amanda Rezende Lopes (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. João Freire Filho

As representações são reguladas por diferentes discursos, que se articulam no processo de construção de sentidos. A produção desses significados envolve a disputa entre grupos dominantes e subordinados, com consequências díspares em diversas esferas. Nesse contexto, o feminino está associado, social e midiaticamente, a qualidades limitantes, constituídas por meio de desigualdades e pela manutenção da opressão nas relações de gênero. Desde a década de 1970, a associação entre a mídia e o feminino está em evidência no campo acadêmico. No entanto, foi, principalmente, a partir do século XXI, que os olhares se voltaram para a inclusão da política na formação de uma tríade analítica nos estudos desse âmbito. Na tessitura das relações entre comunicação, gênero e política, há significações que merecem ser aprofundadas. O interesse deste trabalho é contribuir para o exame acerca do processo de produção e consumo da mídia alternativa nas redes sociais e discutir as configurações articuladas entre comunicação, gênero e política na atualidade, unindo-se às perspectivas de publicações recentes que buscam aproximar a comunicação dos aspectos subjetivos e emocionais. Esta pesquisa surge de um momento marcado pelo ódio e pela intolerância na eleição presidencial brasileira de 2018, sobretudo em discursos apresentados nas redes sociais. Nesse cenário, houve um amplo compartilhamento de conteúdos com o intuito de ridicularizar falas e opiniões políticas femininas, além de críticas individuais. Esse projeto se trata, portanto, de um estudo da representação da mulher política na mídia alternativa, por meio de páginas do Facebook com caráter jornalístico, e das expressões de ódio nos discursos sobre as mulheres políticas que envolvem essas manifestações midiáticas. As representações e as performances emotivas apresentadas no ambiente digital oferecem pistas essenciais para a observação das articulações existentes entre gênero e política no espaço comunicacional. As premissas formuladas se baseiam no entendimento de que o ódio contra as mulheres no poder perpassa pelo discurso antifeminista, compreendendo, também, os reflexos das assimetrias de gênero nas representações midiáticas e nos enunciados expostos. Há a elaboração da hipótese de que, diante das sensações de anonimato e impunidade, a opinião livre se torna elemento presente nas redes sociais. As subjetividades e emoções também encontram espaço para manifestação no ambiente digital, assim como os discursos de ódio e as violências de gênero. Para desenvolver essa investigação, os procedimentos metodológicos necessários são análises discursivas e revisão bibliográfica, a partir de um quadro teórico composto por autores como Stuart Hall, Charles Taylor, Sara Ahmed, Silvana Mota-Ribeiro, Dulcília Buitoni e João Freire Filho.

Organização do conhecimento e recuperação da informação no Portal da Câmara dos Deputados do Brasil: reflexões sobre direitos da mulher e informações legislativas

Carla Maria Martellote Viola (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider

No “Portfólio Corporativo 2017-2018” estão as principais realizações da Câmara dos Deputados neste biênio.

Destaca-se para essa averiguação o “eDoc”, por ser um sistema eletrônico de gestão arquivística de documentos que possibilita a gestão de conteúdos digitais e convencionais; o serviço de “Preservação Digital” de informações, arquivos e dados gerados na Câmara dos Deputados, de modo a padronizar formatos e garantir sua atemporalidade; e o “Infoleg”, por ser uma plataforma tecnológica para suporte ao Processo Legislativo da Câmara dos Deputados. Neste entrecho para que a sociedade civil possa seguir participando ativamente do processo de discussão e consolidação dos direitos da mulher, é indispensável o acesso às informações confiáveis e periódicas e a garantia de adequação do “Sistema de Indexação de Proposições”, por ser a forma de materialização da Organização do Conhecimento (OC) e a Recuperação de Informação (RI) na Câmara dos Deputados. A Câmara dos Deputados possui dois instrumentos-chave para OC: um Tesouro (Tecd-2018) e um Manual de Indexação de Proposição Legislativa (2016), que oferecem orientações para o tratamento da informação legislativa, especificamente das proposições legislativas na Seção de Indexação de Matérias Legislativas (Sidex), da Coordenação de Organização da Informação Legislativa (CELEG), do Centro de Documentação e Informação (CEDI). Além dos instrumentos citados, para se estabelecer parâmetros referenciais na pesquisa da eficácia da política de indexação das proposições que tramitam na Câmara dos Deputados que abordam os direitos da mulher, se utilizará o “Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres”, elaborado pelas autoras Cristina Bruschini, Danielle Ardaillon e Sandra G. Unbehaum (1998). A metodologia se constitui por pesquisa exploratória com um delineamento bibliográfico sobre OC, RI, informações legislativas, instrumentos de indexação e direitos da mulher. Utiliza-se preliminarmente os ensinamentos de Souza (2006), Hjørland (2003, 2008), Schneider (2013), Lancaster (1993), Guimarães; Ferreira; Freitas (2012), Currás (1995); Vale (1987) e Wollstonecraft (1792) e Beauvoir (1949). Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa por realizar a verificação das particularidades que envolvem a indexação de proposições que abordem os direitos da mulher, explicitando e problematizando o elemento ético-informacional implícito em qualquer ação de indexação. A análise se refere à dimensão sociopolítica da inserção de dados no Sistema de Informações Legislativas e na descrição da Política de Indexação de Conteúdos Informativos da Câmara dos Deputados. A motivação da pesquisa é utilizar a RI e a OC em uma abordagem ético-política-social. Em outras palavras, trata-se não somente de buscar analisar e compreender a indexação dos documentos digitais legislativos na Câmara dos Deputados que impliquem em recursos com valor patrimonial e que estejam presentes na luta das mulheres por seus direitos, como também fazer um registro de conquistas ou mesmo direitos cerceados, resultantes da política de indexação adotada.

Feminicídio no discurso midiático: visibilidades, apagamentos e novos significados

Júlia Anjos (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. João Freire Filho

Esse projeto propõe a investigação dos significados circulantes no discurso midiático brasileiro diante da morte de mulheres pelo fato de serem mulheres – isto é, o feminicídio – nos dias atuais. Mais especificamente, a análise se dividirá em duas partes: será explorado tanto o conteúdo jornalístico produzido sobre estes crimes, quanto a reelaboração destes sentidos feita pelo público das notícias na seção de comentários. Ao longo da análise, a proposta é averiguar se a emergência do termo feminicídio no cenário brasileiro tem colaborado, no âmbito jornalístico, para um tratamento desses casos com mais seriedade e responsabilidade social e, na percepção do público, para a compreensão do caráter sistêmico dessas ocorrências. É preciso que se perceba que feminicídios não são irrupções desviantes, mas sim desfechos trágicos de um processo longo e contínuo de violência que não diz respeito apenas ao âmbito policial ou jurídico, mas também ao domínio das moralidades e à questão do papel da mulher na sociedade. Outro ponto preocupante acerca do tratamento desse tipo de violência é a possibilidade de geração de apagamentos no momento em que certos crimes contra a vida das mulheres são

classificados como feminicídio e ganham o espaço midiático, enquanto outros não recebem o mesmo destaque ou tratamento semelhante. As notícias divulgadas na imprensa sobre feminicídio costumam desviar a atenção do fato de que esse tipo de ataque atinge majoritariamente mulheres negras e periféricas. Além disso, se a cobertura de casos sobre mulheres que seguem o modelo da heteronormatividade já não é, muitas vezes, a ideal, o que ocorre àquelas que sofreram violência mas não se encaixam no estereótipo da vítima ideal e inocente? A hipótese proposta é que os significados circulantes nas reportagens e comentários de leitores a ser analisados se relacionam, majoritariamente, ao âmbito jurídico-policial e à retórica das emoções (a ideia de que se mata “por ciúmes” ou “movido pela raiva”) e, assim, conformam uma visão simplificada sobre o fenômeno da violência contra a vida da mulher. A partir desse ponto, a hipótese secundária é que o termo “femicídio”, como utilizado pelo discurso midiático, sofre uma redução de seu sentido e acaba por se tornar uma categoria esvaziada, que não cumpre seu objetivo inicial de promover a visibilidade do movimento pela valorização da vida das mulheres.

Apropriação cultural e mercantilização da resistência: da experiência da opressão à empatia midiaticizada

Isabela Borsani (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. João Freire

As expressões de ativismos e resistências de grupos minoritários estariam ganhando corpo de modo a suplantarem o discurso hegemônico excludente? A pesquisa em tela analisa de que modo a mercantilização de signos ditos pertencentes a determinadas identidades culturais, bem como a adesão a causas minoritárias por meio do consumo, configurariam uma expressão de empatia indolor, conforme conceito de moralidade indolor em Gilles Lipovestky. No momento em que a dinâmica entrópica de discursos midiáticos traz à baila tanto manifestações antes silenciadas quanto outras de manutenção do status quo, a expressão da dor e da opressão se impõe como forma de regular a ordem do discurso. Parto de uma análise do discurso em torno do caso do turbante, fato midiático que polarizou formadores de opinião acerca da legitimidade do uso da peça - identificada como símbolo de resistência negra - por uma menina branca, para avaliar como esse símbolo indumentário e outros, e mesmo discursos, corporificam a expressão de disputas que mobilizam o tecido social, seja por mudanças substanciais em prol de justiça e igualdade, seja, por outro lado, para uma descomprometida adesão a resistências emergentes. Com base na investigação dessa avaliação ética, a pesquisa em questão visa a investigar as dinâmicas inerentes a disputas por narrativas de verdade e, em última instância, por poder (em sentido foucaultiano, construtivo) engendradas no seio de uma sociedade etnicamente excludente como a brasileira, e avaliar em que medida os meios de comunicação e o marketing estariam, caso estejam, orquestrando essas disputas por meio do código do afeto. Pressuponho que testemunhamos a emergência de um novo código social hodierno que reordena os modos de expressão do sentimento de empatia e solidariedade com relação a grupos reconhecidamente, em senso comum, oprimidos; código este que tem levantado conceitos como ‘lugar de fala’ e ‘apropriação cultural’, e que outorga à experiência autobiográfica da opressão um índice de autenticidade a discursos de ativismo. Levanto, ainda, a hipótese da existência de uma mercantilização de signos culturais, símbolos de afetos e de resistência a essa mesma opressão, que, a partir do consumo, passam a ser prontamente adquiridos como objetos que carregam em si a empatia a causas minoritárias, o que, por sua vez, levanta suspeitas acerca da autenticidade do sentimento empático – com todas as suas problematizações metodológicas - expressado nessas “apropriações”.

A beleza convulsiva do manequim: o corpo inorgânico da moda no Surrealismo

Pedro Pinheiro Neves (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Denilson Lopes

Muito já foi dito sobre a influência exercida pelo Surrealismo na moda. Se este movimento de vanguarda, entretanto, utilizava como matéria-prima para a sua poética os detritos da cultura burguesa e as forças do *démodé*, então, a moda do século 19, com seus espartilhos, crinolinas e sua profusão de detalhes decorativos, deve ser entendida como rica fonte de inspiração para o conceito e as práticas do surreal. Esse trabalho mapeia algumas aproximações entre a moda – essa paixão moderna pela combinação febril de signos, pela novidade e pela obsolescência inscritas na superfície do corpo – e o Surrealismo, principalmente no que se refere ao tratamento do corpo feminino, objeto privilegiado das deformações do vestuário e das fantasias dos artistas surrealistas. Valendo-me de categorias caras ao movimento em seu diálogo profícuo com a psicanálise, como o fetichismo, o “estranho” freudiano (*Unheimliche*) e o abjeto (em sua proximidade com o informe de Bataille), irei me deter sobre o uso da figura do manequim – corpo feminino inorgânico e transformado em mercadoria – nas fotografias de Man Ray (tanto as “artísticas” quanto as “comerciais”), nas bonecas de Hans Bellmer e em algumas joias criadas por Salvador Dalí, onde o corpo, desmembrado e petrificado, é decomposto em partes autônomas e alienadas, grotescas e/ou preciosas. Promovendo um rebaixamento do corpo à condição de cadáver, objeto ou matéria informe, e projetando essas operações sobre corpos de mulheres, o Surrealismo é alvo frequente de acusações de misoginia. Seguindo a pista deixada por Rosalind Krauss, entretanto, é possível ler no projeto surrealista uma profunda desconfiança no conceito de “mulher”, uma suspeita da não-naturalidade do “feminino” que o desmembramento e a fetichização aprofundam. Acredito que esse impulso, do qual a moda também partilha, pode ser recuperado pelo feminismo e pelos estudos de gênero como um movimento de liberdade diante das categorias estanques do sistema sexo-gênero binário. As fantasias e ansiedades patriarcais que o surrealismo soube detectar e explorar em seus delírios podem servir de combustível para leituras e usos que transformem as deformações oitocentistas e o fetichismo e sadismo surrealistas em ferramentas de desmonte e desnaturalização do corpo, rumo a uma proliferação violenta de corporalidades ainda não sonhadas.

Sessão B

A criação de personagens negros: análise de grupos de teatro e cinema negros nas cidades de Belém/PA e Rio de Janeiro/RJ

Adriane Caroline Raiol Rodrigues (PPGMC)

Orientadora: Profª Drª Guiomar Ramos

A discussão sobre a representatividade de grupos sociais minoritários, na mídia, vem trazendo resultados positivos, porém a passos curtos. Em diversos meios, incluindo a publicidade e o cinema, a representação ainda se limita a uma presença reservada de papéis estereotipados quando o assunto é o personagem negro. Se por um lado todo o projeto midiático brasileiro consiste na desumanização e apagamento desses corpos, pessoas negras

trabalham para reescrever sua própria história. O teatro e o cinema independentes se mostram como palcos de resistência e criação de novas narrativas que dão espaço para a atuação desses profissionais no campo da roteirização e composição de personagens criados para contar histórias além do que os produtos mainstream produzem. A partir disso, esse trabalho parte do seguinte questionamento: como ocorre a construção de personagens negros? Assim, o projeto de pesquisa pretende analisar as principais diferenças na construção de personagens criados por coletivos compostos por pessoas negras no teatro e no cinema, da cidade de Belém (PA), e criar um curta metragem baseado no levantamento das narrativas observadas ao longo da pesquisa. O trabalho parte da hipótese de que existem diferenças nas narrativas ficcionais quando estas são construídas por uma equipe negra, pressupondo-se que os personagens em questão são apresentados de maneiras diferentes, quando escritos por roteiristas negros e quando são desenvolvidos por brancos. As discussões tratadas inicialmente apresentam o levantamento bibliográfico sobre o Teatro Experimental Negro, o cinema de Zózimo Bulbul e um paralelo entre os teatros negros da cidade de Belém/PA e do Rio de Janeiro/RJ. A base da pesquisa será bibliográfica e etnográfica, posteriormente, contendo o trabalho técnico e prático para a criação do produto que será entregue em conjunto com a dissertação.

Bicha preta amazônica: o que nos conta?

Andrey Rodrigues Chagas (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Ivana Bentes

O presente trabalho se situa em uma encruzilhada, em que há um remanejamento de território, gênero, sexualidade e raça. O que os corpos de bichas pretas no território amazônico têm a revelar e contribuir nos debates de gênero, sexualidade e raça? Quais as marcas, imagens e relações que a colonização acoplada às normas de gênero e sexualidade conjuraram nesse território? A bicha preta é forjada nas fronteiras das relações dos regimes hetero-homossexuais e nas produções de ficções de raça; a construção do corpo político de bicha na Amazônia é um encruzilhada disparada por essas relações. Ao nos aproximarmos das epistemologias do sul, conseguimos entender as relações desse corpo com o território e como isso reflete nas formas de traçar e abrir rotas de fugas. É a partir dessas rotas que a bicha se transforma em resistência frente às necropolíticas. Como a partir das disputas epistemológicas podemos dar conta da bicha preta na Amazônia através do olhar das produções teóricas da América do Sul e como esse corpo nos coloca em outro lugar de produção, acesso e entendimentos das relações de gênero, sexualidade e raça.

Revide negro: produtos culturais de comunidades negras no Maranhão e suas implicações às diásporas

Carmen Kemoly da Silva Santos (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Liv Sovik

Esse trabalho estuda três campos ainda em processo de exploração no país: as Diásporas Negras no Brasil, o estado do Maranhão e seu potencial histórico e a força dos produtos culturais protagonizados pelas populações afro-brasileiras, prioritariamente a partir dos elementos produtores de sentido no que concerne a texto,

imagem e som. Centramos nossas percepções nas sobrevivências culturais africanas e seus vestígios comunicacionais no Maranhão. A partir do conceito de Terceira Diáspora (GUERREIRO, 2010), focamos nossa análise nos modos de fazer comunicação originários, ou seja, o fazer comunicacional de povos originários que disputa a comunicação de massas. Como esta pesquisa está em fase de desenvolvimento, problematizamos o próprio termo Terceira Diáspora. Termo este que tem sido amadurecido, a Terceira Diáspora é o deslocamento de signos, provocado pelo circuito de comunicação da Diáspora Negra e coloca em conexão digital os repertórios culturais de cidades atlânticas. A Primeira Diáspora pela via da escravidão, com os deslocamentos do tráfico Atlântico. Já a Segunda Diáspora, pela via dos deslocamentos voluntários, com o retorno de ex-escravos para África e o vaivém em massa de povos negros pelo mundo no pós-escravidão. Comunicação, culturas e diásporas; todas elas remetem a uma ideia de Movimento. É esse movimento que tem impulsionado as comunidades negras a resistir em seus modos de viver, a insistir em suas formas originárias de fazer comunicação e, assim, manter suas existências no mundo. Como nos traz Achile Mbembe (2013), a força pujante de um povo engajada no ato de criação, de viver em vários tempos e várias histórias ao mesmo tempo, tornando-se o símbolo de um desejo consciente de vida. O momento de revide aqui referido é no campo das ideias, da ocupação dos espaços, seja na mídia audiovisual, literária ou na rua, esta também produtora de ciência social. Em uma primeira etapa dessa pesquisa, temos produtos comunicacionais em três campos: quilombolas, ribeirinhos e povos de terreiro na cidade de Timon (MA). Em todos eles, encontramos comunicadores populares desenvolvendo metodologias comunicacionais e até exemplo de criação das próprias máquinas de trabalho. Neste segundo momento, faremos um exercício etnográfico no que se refere aos produtos imagéticos, aqui representados por festas de terreiro de matriz africana, em cidades do Maranhão, filmadas por comunicadores populares; análise dos pontos cantados em terreiros como produtos sonoros; além de pesquisa documental e revisão bibliográfica referentes aos produtos textuais.

Vem teçamos a nossa liberdade: o experimento teatral enquanto forma de organização e luta contra-hegemônica

Dieymes Pechincha (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Carmem Gadelha

O objetivo deste trabalho é estudar o intercâmbio entre os movimentos sociais com intelectuais e grupos de teatro, como forma de criação contra-hegemônica. Como recorte, pretendo abordar a montagem do espetáculo “A farsa da justiça burguesa”, realizado por militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, durante a construção da Marcha de 2005. A marcha contou com a participação de 12 (doze) mil pessoas que percorreram 220 (duzentos e vinte) quilômetros em 17 (dezessete) dias. Cerca de 170 (cento e setenta) militantes, divididos entre cinco regiões do país, tiveram como tarefa montar, durante os dias de caminhada, quatro peças/atos que se interligavam numa estrutura de teatro-procissão, com o objetivo de narrar a história da luta pela terra contada pelo ponto de vista dos trabalhadores rurais. Acredito que essa experiência promova rearticulações com um campo poético pertencente às tradições do teatro político. A escolha pelas realizações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST dá-se pela necessidade de investigar um ponto fora da curva. Para esse trabalho, parto dos conceitos de: intelectual orgânico e hegemonia, em Gramsci; ideologia e alienação em Marx e Engels; tendência literária e forma literária, em Benjamin; estranhamento e teatro dialético, em Brecht. Creio que a articulação entre tais autores me ajudará a nutrir um solo suficientemente fértil para a discussão sobre teatro e sociedade. Em “Os intelectuais e a organização da cultura”, Gramsci nos provoca: “Os intelectuais constituem um grupo social autônomo e independente, ou cada grupo social possui sua própria categoria especializada de intelectuais?” (GRAMSCI, 1982, p. 3). A partir desse questionamento,

pretendo desenvolver um estudo que nos possibilite compreender a maneira pela qual os movimentos sociais, assim como o restante do conjunto de trabalhadores, podem criar condições para a formação de seus intelectuais. Para Gramsci, os grupos sociais criam suas camadas de intelectuais para que consigam estabelecer certa homogeneidade e consciência de sua própria função; isso ocorre na economia, na política e no cotidiano da vida social. Quando os grupos sociais criam/formam seus intelectuais nós os chamamos de “intelectuais orgânicos”. Acredito na hipótese de que o processo de intercâmbio entre intelectuais e grupos de teatro, com o MST, esteja contribuindo para a formação de intelectuais orgânicos do Movimento Social, e que esse processo tem implicação na rearticulação de um fio interrompido pela Ditadura Militar: a relação entre arte e política.

Movimentos sociais e contextos artísticos: o caso da Aldeia Maracanã

Flavia Pinheiro Meireles (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Maria Cristina Franco Ferraz

Trabalhando no campo híbrido entre Arte, Política e Economia, a pesquisa de tese se interessa por examinar as (im)possíveis relações entre movimentos sociais e contextos de arte, especialmente no período pós-2013 no Brasil. Nesse período, vê-se uma ruptura político-social profunda e rápida, marcada pelas manifestações de junho de 2013, cujas genealogias são complexas e mais duradouras em termos de construções sociais. A crise econômica de 2014 agrava a instalação de políticas neoliberais encolhendo não somente direitos e espaço de participação social, mas também provocando uma mutação nas formas de trabalho na arte e fora dela (Kunst, 2015; Gago, 2017; Federici, 2017;), nas relações entre gênero e raça (Miñoso, 2017; Lorde, 1981; Mbembe, 2015, Lima, 2018) e na produção da subjetividade em direção a uma racionalidade e cálculo neoliberal (Lepecki, 2016), estimulando uma posição ambígua entre arte e capitalismo (Kunst, 2015; Foster, 1996; Benjamin, 1934). Quais podem ser as conexões entre atividade artística e transformação social? Quais são os desafios do trabalho na arte diante desta nova produção de subjetividade? Existe um modo de escapar da armadilha patriarcal, colonial e racial do capitalismo mundial integrado (Guattari, 2011)? Quais são as novas formas de exploração e abuso do trabalho (Kunst, 2015)? A partir das experiências do movimento indígena urbano conhecido como Aldeia Maracanã e alguns traços dos movimentos feministas e/ou de mulheres no Rio de Janeiro, esta comunicação busca delinear a demanda por justiça social no contexto latinoamericano por parte dos movimentos sociais, a partir da noção de práticas estético-políticas (Pimentel e Vasconcelos, 2017). Por fim, busca-se analisar como a Arte e suas instituições têm uma posição ambivalente quando lidam com sua própria dimensão social.

Antígonas na Maré: a dramaturgia teatral como criação de entre lugares

Pedro Emanuel de Vasconcelos Carvalho (PPGAC)

Orientadora: Profª Drª Alessandra Vannucci

Seguindo a pista que nos lega Frantz Fanon (2008), de que o racismo se constitui pela e na linguagem, a pesquisa em questão investiga como a produção dramaturgical pode ser uma ferramenta política na luta pela desconstrução de estereótipos, enunciados e discursos que, através de procedimentos de racialização, procuram reduzir corpos a condições sub-humanas. Tomo como pressuposto que o racismo é uma racionalidade fabrica-

da, capaz de mover afetos e com finalidades políticas como o controle da população e a discriminação territorial (MBEMBE, 2018); seus procedimentos normativos criam enquadramentos biopolíticos que impossibilitam o reconhecimento de certos corpos como vidas passíveis de luto (BUTLER, 2015). A partir de um processo criativo por mim realizado durante o Mestrado, a adaptação do mito grego da Antígona para montagem do Projeto Social Entre Lugares localizado no complexo da Maré (que estreou em 2019 com título “32 Planos contra o Esquecimento”) investigo, por dentro e ao lado da experiência artística, o uso de algumas técnicas de escrita visando produzir um “dispositivo antígona” capaz de abrir entrelugares, ou seja, novas perspectivas e outras visibilidades. Considerando o campo simbólico como um campo constituído por narrativas, procuro estudar estratégias que desativem discursos de racialização e auxiliem na luta pela restituição de direitos negados. Dentre as técnicas pesquisadas, recorro ao teatro épico brechtiano (BRECHT, 1978) para pensar as operações de distanciamento e didatismo como meios que visam desnaturalizar construções sociais que tratam violências sociais como comportamentos naturais (por exemplo, o *Antigonenmodell* que Brecht escreveu acompanhando seu trabalho de adaptação da Antígona de Sófocles). Ainda, trabalho estratégias de desmontagem/remontagem de arquivos (DIDI-HUBERMAN, 2017) com o intuito de desarticular o continuum histórico, interromper os regimes de visibilidade e encetar narrativas que veiculem outras perspectivas; nas quais aqueles que são vistos como objetos de uma história oficializada possam assumir o papel de sujeitos/narradores. Em suma, nesta análise auto-etnográfica, trato de perscrutar como a dramaturgia teatral pode ser uma ferramenta que permite rever formas de representação e encontrar outras narrativas para contar as experiências que vivemos e o mundo que habitamos.

Comunicação, cultura e poder: os processos contra hegemônicos em Lima Barreto

Rafael da Silva Lopes (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Granja Coutinho

Esse trabalho busca investigar o que as reflexões de Lima Barreto revelam através dos vestígios de sua produção jornalístico/literária: a imagem alternativa de Brasil, uma visão popular, contra hegemônica e de resistência do início do século XX. Através de seus textos, temos a possibilidade de analisar o passado nacional, em um sentido diferente do que foi imposto pela classe dominante. Os objetivos dessa pesquisa consistem em destacar a importância da produção de Lima Barreto para a cultura brasileira, dentro de um momento no qual jornalismo e literatura passavam por um processo de mercantilização produtiva no país. Pretende-se demonstrar também que, mesmo atuando dentro de grandes empresas jornalísticas, Lima Barreto soube criar uma escrita de resistência frente ao elitismo que ele apontava em seus contemporâneos. Até o momento, os textos do autor usados como referência sustentam esses objetivos.



GT 11

Tecnopolítica, vigilância, subjetividade

Sessão A

“Devemos implodir o que resta de seus castelos”: o Movimento Brasil Livre e a mobilização política de emoções

Amanda Medeiros (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. João Freire Filho

Desde as Jornadas de Junho de 2013, o Brasil tem atravessado intensos períodos de inquietação política; neste contexto, atores coletivos dos mais distintos alinhamentos ideológicos emergiram e ganharam projeção. Mesmo se tratando de um curto espaço de tempo, de lá até aqui, muitos desses grupos socialmente organizados ficaram pelo caminho: perderam notoriedade, caíram no esquecimento, desfizeram-se por razões variadas. O Movimento Brasil Livre (MBL) revisou formas de atuação, ampliou pautas e número de seguidores, garantindo posição relevante em meio aos embates políticos que se desenrolam, atualmente, no país. Dadas essas circunstâncias, o Movimento figura como objeto empírico dessa pesquisa. Parto da premissa de que, na busca por recrutar e manter indivíduos e coletividades vinculados às suas causas, movimentos socialmente organizados se utilizam dos espaços interativos da internet para mobilizar emoções, politicamente. Cabe, portanto, analisar qual a lógica de funcionamento das dinâmicas comunicacionais – compostas por diferentes estratégias e táticas – lançadas pelo MBL no Facebook com o objetivo de mobilizar emoções para engajar novos atores. Neste sentido, defendo a seguinte tese: visando ao engajamento e à manutenção de apoios imprescindíveis ao seu projeto de poder, o Movimento constrói narrativas com o intuito de manipular crenças que mobilizam emoções, tais como medo, raiva, ódio, nojo, indignação e ressentimento em relação àquele outro que seria o responsável por situações desagradáveis e que, por consequência, deve ser negado. Como desdobramento dessa tese, argumento que, ao tentar impedir qualquer possível vinculação empática com os que se mostram avessos às ideias do grupo, o MBL não só reforça os laços que mantêm seus membros coesos numa coletividade, como também amplia as condições de possibilidade de arregimento de novos seguidores. A minha hipótese de trabalho consiste, pois, na ideia de que essas emoções são exploradas de maneira que a validação do nós se dê, sobretudo – mas não só –, mediante a negação do outro. Para desenvolver a análise a que me proponho, concentro-me nas postagens feitas na *fanpage* do grupo em torno de seis seixos temáticos – Economia, Política, Cultura, Educação, Saúde e Segurança –, no período que vai de novembro de 2016 ao mesmo mês do ano seguinte. Uma leitura atenta (*close reading*) do material coletado permite o entendimento de quais são, de fato, as emoções exploradas pelo MBL no ciberespaço, além do modo como se dá esse tipo de exploração, com a finalidade política clara de desconstruir a esquerda. Em se tratando de um objeto do tempo presente com tamanha capacidade de afetar a ordem social – basta pensar o processo de impeachment por ele orquestrado – os resultados da pesquisa, para além de uma contribuição acadêmica, servirão ao estímulo de um pensamento crítico acerca do que está por trás dos embates políticos contemporâneos.

Competência Crítica em Informação como resistência: diagnósticos e caminhos ante a distopias informacionais da sociedade da desinformação

Anna Cristina C. de A. S. Brisola (PPGCI)

Orientador: Prof. Dr. Marco André Feldman Schneider

“Quantos cegos serão precisos para fazer uma cegueira?” (SARAMAGO, 1996). José Saramago, em seu livro “Ensaio sobre a cegueira”, denuncia a cegueira e aponta explicações para esta cegueira: “Cegos que, vendo, não veem” (SARAMAGO, 1996, p. 203). Diante da cegueira da contemporaneidade, a proposta desse estudo é tentar compreender, ao menos em parte, os fenômenos que nos trouxeram até aqui, pensando sobre ações que possam estimular nos indivíduos mecanismos de resistência. Fatores como pós-modernidade, hiperinformação, desinformação, privatizações, filtros, bolhas, algoritmos, *fake news* e muitos cenários com mecanismos e distopias informacionais colaboram e colaboraram para esta nova realidade informacional, social e política. A sociedade da informação passa a se comportar como Sociedade da Desinformação. O acúmulo e a ampliação de informações que circulam na sociedade contemporânea tornam urgente a aquisição de ferramentas necessárias à localização, absorção, avaliação e utilização dessas informações pelos indivíduos - a competência crítica em Informação (CCI). A crítica é um acréscimo e uma articulação fundamental.

A fabricação midiática de monstros morais para a restituição do poder conservador no Brasil

Allan Carlos dos Santos (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Igor Sacramento

O projeto de tese propõe investigar o processo de fabricação midiática do fenômeno aqui denominado “monstros morais”, ou seja, a produção de subjetividades conservadoras a partir da demonização do Outro durante manifestações orquestradas pelos ambientes digitais, pela censura e criminalização da produção artística brasileira. Em um primeiro momento, por meio da etnografia virtual nas páginas do Facebook de três representantes da chamada “nova direita brasileira” – Movimento Brasil Livre, Jair Bolsonaro e Marco Feliciano – analisaremos as postagens e mapearemos as práticas de sociabilidade no contexto de protestos pela interdição à expressão artística ocorridos em 2017: “Queermuseu”, no Santander Cultural de Porto Alegre, a performance “La Bête”, no MAM de São Paulo; o monólogo “O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu”, no Sesc Jundiaí; a performance “DNA de DAN”, no Museu Nacional da República, e a restrição do acesso de menores de 18 anos – mesmo acompanhados dos responsáveis – à mostra “História da Sexualidade” no MASP. A seguir, considerando que as relações de poder são atravessadas por cálculos e objetivos, porém não resultam diretamente das decisões de sujeitos isolados (FOUCAULT, [1976] 2015), propomos estudar genealogicamente (NIETZSCHE [1887] 2009; FERRAZ, 2015; FOUCAULT [1976] 2015) o regime de verdade que tem sido instaurado, legitimando atos de censura, mesmo após mais de 30 anos do fim da ditadura militar, autorizando grupos particulares a legislar sobre o que pode e o que não pode ser exibido. Sugerimos que, a partir de táticas de “guerras culturais” (HUNTER, 1991) travadas nos ambientes digitais, a associação da produção artística brasileira à pedofilia, zoofilia, pornografia e profanação de símbolos religiosos têm alimentado o pânico moral, produzindo um novo “regime de verdade” e subjetividades contemporâneas que desejam e defendem a restituição do poder conservador no Brasil. Ademais, ao cercearem as liberdades individuais e desvalorizarem as diferenças humanas, os grupos

políticos de direita estariam produzindo monstruosidades como uma estratégia midiática para a retomada do controle político no Brasil. Inserida nesse contexto epistemológico e metodológico, a pesquisa pretende mapear quais moralidades estão sendo exploradas pelos movimentos conservadores, identificando que tipos de monstros têm sido fabricados e quem são as vítimas que precisam ser protegidas dessas ameaças. Objetivamos, também, revelar como um momento histórico é marcado pela articulação, em uma série de práticas, de um certo tipo de discurso que, de um lado, o constitui como um conjunto ligado por um vínculo inteligível e, de outro, legisla sobre essas práticas em termos de verdadeiro ou falso.

A indústria da influência algorítmica: estratégias de gestão da atenção e persuasão do comportamento

Anna Bentes (PPGCOM)

Orientadora: Profª Drª Fernanda Bruno

O potencial das tecnologias para influenciar o comportamento humano vem sendo explorado por múltiplos atores e setores, através de diferentes estratégias e para inúmeras finalidades. Na dinâmica do capitalismo de vigilância, o monitoramento digital possibilita a coleta, o acúmulo e a análise de milhares de informações sobre indivíduos e populações que, a partir de técnicas computacionais, são utilizadas para conhecer, classificar, reconhecer padrões de ação individuais e relacionais, a fim de prever e influenciar os comportamentos. Nesse contexto sociotécnico, os algoritmos exercem um papel protagonista, pois são seus processos automatizados que ao mesmo tempo extraem valor dos dados e ofertam um mundo visível de ações e interações possíveis para os usuários. Para a economia digital, formas de gestão algorítmica da atenção são parte importante das estratégias para persuadir as condutas, assim como para produção de valor nessa lógica de acumulação. Mecanismos de recomendação algorítmica, técnicas de *microtargeting* e outros elementos da arquitetura das plataformas são utilizados para engajar a atenção dos usuários a fim orientá-la em certa direção. Assim, com um crescente interesse por informações psicológicas extraídas de nossos dados, essa indústria busca arquitetar um contexto propício para sugerir conteúdos específicos, em momentos estratégicos, a perfis vulneráveis, para persuadir o comportamento de usuários tanto para os fazer clicar em anúncios, quanto para influenciar seu voto. O objetivo dessa proposta é discutir e analisar algumas das estratégias dessa indústria da influência digital, enfatizando como o comportamento é persuadido a partir de técnicas de gestão da atenção. Deste modo, veremos como as engrenagens do capitalismo de vigilância estão articuladas com as da economia da atenção, combinando estrategicamente saberes psicológicos e técnicas computacionais, para prever e influenciar o comportamento, assim como para capturar, mobilizar e direcionar a atenção de usuários.

Algoritmos e cultura na sociedade digital: sob a lógica dos novos *gatekeepers*

Paulo César Castro (Docente PPGCI)

Os algoritmos computacionais têm se transformado numa das expressões máximas da lógica contemporânea que estabelece hierarquias, recomenda o melhor e o pior, define valores e gostos, aponta caminhos e soluções e, por fim, orienta escolhas e redesenha muitos dos valores e formas de vínculos sociais entre os usuários. As

interações mais banais com as várias ferramentas digitais do dia a dia estão submetidas a uma lógica radicalmente nova, em que cada ação mínima do sujeito, principalmente no ambiente da internet, é midiaticizada por um algoritmo que está a serviço da coleta de seus dados e que resultam em informações que interessam às estratégias de marketing das corporações, mas também aos aparatos de vigilância e controle dos governos. E o mais importante: na maioria das vezes, tais ações acontecem sem o conhecimento ou a permissão dos usuários. A partir dessa problemática, propomo-nos a analisar a lógica midiaticizante que tem norteado o que se pode chamar de era do algoritmo, de modo a problematizar os modos inéditos de agir, de ser e de pensar engendrados no contexto da sociedade digital (COMPIÈGNE, 2011) em que estamos mergulhados. Os *outputs* das tecnologias digitais, em diferentes situações, dependem dos *inputs* pelos quais os usuários são cada vez mais responsáveis e dos modos como os algoritmos foram programados para processar os volumes gigantescos de informações produzidas (*big data*). Sendo assim, a experiência do usuário com as tecnologias, de acordo com o que lhe é recomendado como ordem, valor, classificação, sistematização etc., e até mesmo pelo que deixa de ser recomendado, é baseado no processo midiaticizante que têm os algoritmos como lógica, trabalho semiótico historicamente realizado pelos *gatekeepers* das mídias tradicionais. E é a partir desse novo ambiente sociocultural, cuja extensão da digitalização ainda está por ser medida, que mudanças inegáveis têm sido percebidas nos modos de acesso à informação, na organização e classificação dos saberes, na relação entre espaço e tempo, nas experiências da sociabilidade, nas diferentes manifestações de poder, nas formas de comunicação, na participação no debate público, na gestão das esferas pública e privada, ou, para resumir, em todos os domínios a partir dos quais a cultura se faz.

Sessão B

Genealogia da luz: as dimensões políticas da luz

Antoine Nicolas Gonod d'Artemare (PPGCOM)

Orientadores: Prof. Dr. Antonio Fatorelli (PPGCOM) e Prof. Dr. Tadeu Capistrano (EBA)

De que maneira a luz tem a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos? Em nosso projeto de pesquisa, buscaremos explicitar as relações entre luz e biopolítica. Partiremos da constatação que faz o teórico francês Fabrice Revault d'Allonnes em “La lumière au cinéma” (1991) de que, ao contrário de seu uso no cinema, a luz no mundo se caracteriza por uma ausência de sentido, um caráter absurdo. Em oposição a essa ideia, tentaremos demonstrar como a luz não apenas pode ser pensada como resultante de uma rede de forças políticas, econômicas, mitológicas e filosóficas, bem como teve, ao longo da história, a possibilidade de modelar nossa experiência do mundo cotidiano. Embasaremos nossa pesquisa nos textos de autores como Michel Foucault (“Vigiar e punir”), Jonathan Crary (“24/7 Capitalismo tardio ou o fim do sono”), Paul Virilio (“O espaço crítico”) e Wolfgang Schivelbusch (“La nuit désenchantée”) para explicitar as diferentes dimensões políticas da luz no mundo assim como refletir sobre as relações entre luz e visibilidade, luz e capitalismo, luz e poder ou, ainda, luz e vigilância. Usaremos para essa pesquisa o método genealógico (FOUCAULT).

Nem viver para trabalhar, nem trabalhar para viver: a felicidade nas organizações cooperativas, um estudo comparado entre o Brasil e a Costa Rica

Lisbeth Araya Jiménez (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Paulo Vaz

Esta pesquisa se pergunta pela felicidade das pessoas no trabalho, em dois níveis: por um lado indaga a percepção de felicidade dos trabalhadores, e por outro, as práticas comunicativas das organizações cooperativas de café, relacionadas com a felicidade de seus trabalhadores. O estudo compara dois contextos, Costa Rica e Brasil. Teoricamente se apropriam dos marcos conceituais que, a partir da sociologia dos afetos e, especialmente, da antropologia das emoções, chegaram à comunicação para questionar o papel que a felicidade tem na construção da subjetividade contemporânea, especialmente quando compreendemos as emoções em geral, e a felicidade em particular, como uma criação sociocultural que nasce e se desenvolve num contexto capitalista e neoliberal. Nessa pesquisa, criticamos as características da dita emoção, compreendendo-a através de sete categorias analíticas, isto é, felicidade como: 1. imperativo cultural, 2. direito universal, 3. responsabilidade do sujeito individual. 4. individualista e concorrente, 5. evidência de autenticidade, 6. de expressão obrigatória, 7. permanente. Essas perspectivas teórico-epistemológicas (das emoções) são colocadas em diálogo com uma visão crítica tanto da centralidade normativa que o trabalho tem na atualidade, quanto das aproximações mais clássicas da comunicação organizacional e das relações públicas. Metodologicamente, trata-se de um estudo de desenho transversal e enfoque misto, que no caso da Costa Rica trabalhará com 14 cooperativas cafeeiras (em total existem 17), fazendo um censo da percepção de felicidade dos trabalhadores; utilizando como ferramenta de coleta de dados o questionário. Para o Brasil, espera-se trabalhar com uma cooperativa local na cidade de Minas Gerais, que agrupa a mesma população que as 14 cooperativas costarriquenhas, isto é, perto de 15.000 pessoas. A revisão qualitativa das práticas organizacionais se fará através da análise de documentos oficiais das organizações em estudo, e de entrevistas com os tomadores de decisões (gerência, conselho de administração). Neste momento estão se construindo as técnicas de coleta de dados (questionário e guia de entrevista) através da revisão e operacionalização das categorias analíticas. A coleta de dados para Costa Rica se fará nos meses de agosto a dezembro 2019, e, no Brasil, de janeiro a março 2020.

Imagens sérias: corpo, visão e percepção na obra de Harun Farocki

Mariana Reis Cavalcanti (PPGCOM)

Orientador: Prof. Dr. Antonio Fatorelli

O presente trabalho dedica-se a investigar as modulações perceptivas produzidas na era das imagens técnicas, em especial através dos jogos de videogame, da computação gráfica e da realidade virtual, a partir da análise das instalações Jogos sérios I, II, III e IV e Paralelo I, II, III e IV do cineasta e vídeo artista alemão Harun Farocki, considerando a perda da credibilidade na genuinidade da imagem e a disputa das narrativas históricas, a partir da emergência de imagens produzidas pelas máquinas de visão e sua relação histórica com as tecnologias de guerra e o controle. A partir do momento em que convivemos sem resiliência com tais tecnologias e as aceitamos como padrão visual, de que forma o real nos parece insuficiente? Estas análises serão fundamentadas pelo pensamento de Jonathan Crary, e Paul Virilio, cujas pesquisas centram-se na relação entre o surgimento da imagem subjetiva e o uso de dispositivos de controle da percepção, com uma perda da noção de realidade, em

diálogo com os atravessamentos sociais propostos nos conceitos de necropolítica e necroética apresentadas por Achille Mbembe e Grégoire Chamayou.

Vigilância e repressão sobre a imprensa comunista em tempos de autoritarismo: o caso das gráficas clandestinas do PCB

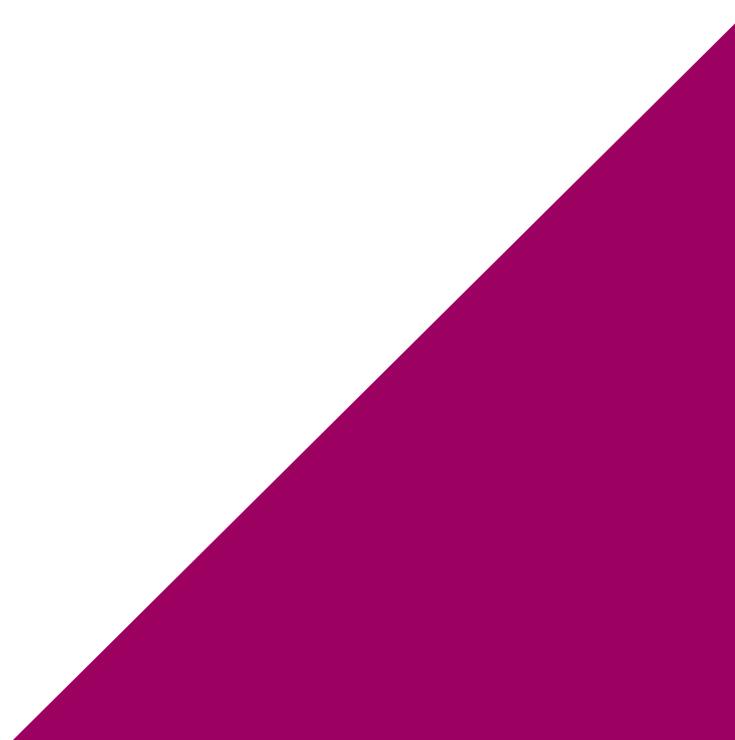
Wilson Milani (PPGCOM)

Orientadores: Prof. Dr. Mauricio Lissovsky e Prof^a Dr^a Fernanda Bruno

A tese aborda a vigilância e a repressão da polícia política brasileira sobre as gráficas clandestinas do Partido Comunista do Brasil (PCB) durante dois períodos de exceção na história brasileira: o Estado Novo (1937-1945) e a ditadura militar (1964-1975). Em especial, três casos de “estouros” de oficinas – ocorridos em 1939, 1940 e 1975 – serão objetos de análise por meio do método de estudo comparativo de casos. Toma-se como referência as fontes primárias do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) e a bibliografia especializada acerca de temas como: polícia política e militância; máquinas impressoras e o ideal de transformação social; imprensa operária; livros e propaganda política no Brasil; a palavra subversiva em contexto de exceção etc. Em síntese, a tese consiste em demonstrar como, em períodos de anticomunismo exacerbado, um simples panfleto do PCB era visto pela polícia como uma espécie de “bacilo” capaz de “inocular o comunismo na sociedade”. Nessa perspectiva, jornais e panfletos eram unidades menores do “agente patológico comunismo”. Do mesmo modo, a máquina impressora e o mimeógrafo seriam uma espécie de fonte irradiadora que necessitava ser destruída a qualquer custo. Dentre as principais figuras do imaginário anticomunista no Brasil – comunistas como “demônios”, comunistas como “agentes infecciosos” e/ou comunistas como “ameaça estrangeira” – a segunda, aquela associada aos agentes patológicos, é a que mais se assemelha às gráficas e aos jornais, por conta do caráter mesmo do material impresso, muitas vezes distribuído pelos militantes de maneira sorrateira, à revelia da lei, sem fazer alarde de sua presença. Tal imaginário influenciou decisivamente a identidade e o sentido de missão do DOPS. Interessa, por fim, analisar as táticas e métodos de investigação que as polícias políticas encontraram para desbaratar as gráficas clandestinas do PCB; jogar luz sobre o interior da estrutura de cada delegacia especial e mostrar como se dava o processo de decisão no momento de vigiar e realizar diligências em um local de impressão de material comunista.



Trabalhos Artísticos



Nos Jardins do Museu Imperial

- Audiovisual

Ana Beatriz Pacheco Galvão (discente PPGMC)

Jardins históricos são monumentos vivos, além de uma composição arquitetônica e vegetal, abrigam histórias e memórias, aproximam o homem urbano e a natureza, são testemunho de uma cultura, de um modo de viver e dos costumes de um tempo. O Jardim do Museu Imperial, em Petrópolis, projetado em 1854 pelo paisagista francês Jean Baptiste Binot, a pedido de d. Pedro II, é hoje um importante Patrimônio Cultural, sua importância reside não só no seu aspecto paisagístico e botânico, mas também por ser um lugar de memórias. O presente estudo, investiga e conta a história do Jardim do Imperador através das memórias de seus frequentadores, desde os ilustres moradores do Palácio Imperial do século XIX, às pessoas comuns, que desde 1940, quando o Museu Imperial foi criado, lá passeiam, namoram, trabalham, estudam, vivem momentos de suas próprias histórias. A pesquisa aqui apresentada parte de uma investigação sobre conceitos e interações entre história e memória, teorias e elementos da narrativa e novos formatos de narrativas digitais, que embasou e forneceu uma metodologia para a criação e o desenvolvimento de um vídeo documentário digital e interativo com o registro da memória afetiva do espaço dos Jardins do Museu Imperial de Petrópolis. Esse vídeo foi expandido em uma websérie com episódios temáticos, aprofundando as narrativas individuais e acessados através da interação do expectador e integração multimídia.

microcontos

- Audiovisual

Ana Kemper (discente PPGAC)

Neste corte enviado para este seminário, está uma sequência de 15 microcontos (vídeo com 4'30"). Chamo microcontos vídeos supercurtos, em PB e sem som, com cerca de 10 segundos de duração, resultado da justaposição de uma imagem fotográfica e uma videográfica que, juntas, ativam uma terceira imagem. Assim como nos ideogramas, a junção de elementos de imagem podem ser lidos como textos curtos ou como uma ideia-palavra. A estrutura minimalista (curta duração, PB e sem som) respeita a ideia do microconto na literatura, uma história contada com um mínimo de elementos possíveis, que não narra completamente uma cena, mas a sugere, cabendo ao leitor/espectador observar o movimento das palavras e um tempo de silêncio para construir, junto com o escritor, a cena do microconto. Todas as imagens deste trabalho são captadas por celular e em trânsito, e editadas posteriormente pela artista, que tem especial interesse nesta cartografia, coletada em trânsito no espaço e no tempo e nas construções imagéticas ficcionais, a partir destes fragmentos que se encontram na fronteira do vídeo, da fotografia, das artes visuais, cinema e literatura.

Riobaldo e Diadorim

- Audiovisual

Anita Leandro (docente PPGCOM)

“Riobaldo e Diadorim” (2017, 58 min) é uma seleção de trechos do romance “Grande Sertão: veredas”, relacionados ao amor entre os jagunços Reinaldo e Riobaldo: o primeiro encontro, na adolescência, quando fizeram a travessia perigosa do rio De-Janeiro; o reencontro, já adultos, na fazenda de Malinácio; o desejo contido; a revelação do nome de Diadorim; o ciúme; a fuga, inútil, de Riobaldo, desse amor proibido; e, por fim, o desfecho trágico. No filme, rodado na Fazenda Tamboril, no sertão mineiro, seis adolescentes (cinco meninas e um menino) vêm, um a um, diante da câmera, contar essa história.

Corações em Festa

- Exposição fotográfica

Erika Tambke (discente PPGCOM)

Exposição com 30 fotografias, em tamanhos diferentes. Corações em Festa Ah, o Carnaval... essa mistura de ritual com festival de cores e batucada. Recomenda-se que as pessoas desfilem não apenas suas fantasias, mas que incluam seus afetos: a euforia, a alegria sem medida, o tesão, a cantoria... e também o outro lado: a reflexão, que às vezes se estica para uma melancolia, ou mesmo a rejeição completa à multidão e essa alegria compulsória e concentrada. Os dias de Momo mexem com a gente, com o bairro, não importa a idade, a cor ou classe social. Gostamos de festejar! Queremos a purpurina, o confete e a serpentina. Paga-se o preço: alguma hora bate aquele cansaço avassalador com gosto de “quero chá de boldo”.

Reforma

- Audiovisual

Evandro Manchini (discente PPGMC)

Ao relacionar imagens da reforma realizada no meu apartamento com uma série de adjetivos, o vídeo provoca uma reflexão sobre processos de construção, autoimagem e rótulos sociais. Concebido em 2018 para a mostra “Transimage”, com curadoria de Analu Cunha, realizada na EAV – Parque Lage. Exibição em 3 telas distintas mas pode também ser projetado em um único arquivo. <https://vimeo.com/263402104>

Esse algo que acontece

- Instalação

Lyana Guimarães Martins (discente PPGCOM)

Como você se sente quando se envolve com uma obra de arte? Algo acontece na experiência artística, ou melhor, algo acontece conosco, e o mundo, pelo menos naquele momento, parece não ser o mesmo. Mas o que é isso que acontece? É justamente o que filme-ensaio-instalação “Esse algo que acontece” procura refletir, não apenas através dos depoimentos de diferentes artistas, mas pela construção das imagens e sons do filme, que fogem da representação, rumo a uma experiência sensorial; e da própria organização da sala de exibição, unindo luz e reflexos através de painéis metálicos, ventiladores portáteis, pequenos refletores e máquina de fumaça, criando um espaço de imersão, no qual a imagem e som do filme se misturam ao espaço.

Caminhoneira

- Performance

Mariah Miguel (discente PPGAC)

Em estágio inicial, minha pesquisa teórico-prática “Com toda força: performance e vida” reflete sobre as potências estéticas, sociais e espirituais da arte da performance. Interessa-me investigar quais procedimentos no campo da performance permitem ampliar a capacidade de ação e de relação dos corpos, tornando mais viva a experimentação da vida. A ação “Caminhoneira”, primeira ação artística da pesquisa, foi realizada uma única vez na Praça Tiradentes, Centro do Rio, como parte da disciplina “Performance: arte, política e vida” (PPGAC ECO/UFRJ, lecionada pela Prof^a Dr^a Eleonora Fabião). O trabalho, com duração aproximada de 10 minutos, tem como pontos de partida a palavra-expressão “caminhoneira” – comumente usada para se referir a pessoas lésbicas ou mulheres masculinizadas – e a relação com a matéria pneu – roda de borracha preta, objeto produzido, reciclado e descartado em larga escala, coisa derivada do petróleo. Por meio dessa ação, interessa promover e conhecer possibilidades de relação entre um corpo não-heterossexual de aproximadamente 70 kilos, um pneu de caminhão de peso similar, a força da gravidade, o chão, a cidade e seus cidadãos. Programa: “Esse trabalho tem um nome, se chama CAMINHONEIRA. Atravessar o espaço de um lado a outro carregando um pneu de caminhão. Não rolar.”

m0n5+r_S

- Exposição fotográfica

Maíra Lopes Barillo (discente PPGAC)

m0n5+r_S é uma pesquisa fotográfica sobre montagem e performatividade cuir; é realizada tanto na forma de retratos elaborados e posados em colaboração com outros artistas, como espontâneos em ambientes de shows e festa. Os corpos retratados vazam suas subjetividades em ameaça ao comum inalcançável, e, nesse movimento, percebe-se a potência de criação de novas formas de existência. As imagens são parte indispensável dos resultados da pesquisa desenvolvida no PPGAC, na linha “Experimentações da Cena”. Apresenta-se nesse contexto em uma série de imagens fotográficas apresentadas em formato de slides em sequência, em *looping*.

Trago a pessoa amada em 3 vias

- Performance

Poliana Paiva de Araujo (discente PPGAC)

“Trago a pessoa amada em 3 vias” é o enunciado deste programa performativo que propõe a escuta e a memória como resistência política. Fruto da provocação artística efetuada na disciplina “Performance no Museu: (auto) ficção e intermedialidade”, ministrada pela Profª Drª Gabriela Lírio (PPPGAC), o programa faz alusão ao popular feitiço amoroso “Trago a pessoa amada em 3 dias”. Realizada desde 2018 em espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro, a *performance* tem como eixo a escuta de lembranças amorosas e, como pressuposto, a negociação do improviso, a partir de um “corpo-em-experiência” (FABIÃO, 2013). Assim, a *performer*, no caso eu mesma, mantém-se sentada em uma cadeira, prancheta e caneta a postos, ao lado de um cartaz onde está escrito o supracitado enunciado. Os participantes sentam-se, um de cada vez, em uma cadeira à minha frente e escolhem uma pessoa-alvo de seu amor. Em seguida, elencam as três características mais admiráveis e as três características mais desagradáveis desta pessoa, bem como as três possíveis mudanças que ocorreriam caso a mesma se tornasse de fato seu(sua) parceiro(a) amoroso(a). Cada questionário é preenchido em três vias, separadas por papel carbono e, ao final, cada participante leva a sua via e a da pessoa-alvo, deixando a terceira comigo. Até o presente momento, 13 homens e 21 mulheres, entre 20 e 62 anos, enquanto (re)construíam suas memórias afetivas, experimentavam, a partir da vivência do sofrimento, um potencial propositivo para além da paranoia (BUTLER, 2011). A ideia é repetir este programa na Conexão Pós, o que promoverá uma troca bastante rica com discentes e docentes dos quatro programas de pós-graduação da ECO. Cabe ressaltar que, ao falar de sentimento tão demasiadamente humano como o amor, esta ação propõe um discurso contra-hegemônico à recente ascensão da extrema-direita e à retomada dos debates morais e éticos por um viés conservador em diversos países. Fora isso, as vias que comigo são arquivadas representam a prática do arquivo como *performance* em si, independente das ações que as precederam (SCHNEIDER, 2014), ampliando as possibilidades acadêmicas e artísticas deste experimento.

HQuebradas – Infanticity

- Exposição fotográfica

Thais Quintella de Linhares (discente PPGMC)

Expo de 30 painéis no formato A3, no estilo de um *card game*, com imagens das crianças assassinadas pelo Estado durante operações policiais na cidade do Rio de Janeiro.

CONEXÃO PÓS

2º Encontro de Pesquisas dos Programas
de Pós-graduação da ECO/UFRJ

